«DL»-LITERÁRIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1971 N.º 17 464 ANO 51.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

A 34.ª Volta a Portugal em Bicicleta

AGOSTINHO SOMA E SEGUE

O «CAMISOLA AMARELA» VOLTOU A GANHAR UMA ETAPA — A DESTA MANHÃ COM 2M. 9S. DE AVANÇO SOBRE O SEGUNDO

Mais uma vitória espectacular de Joaquim Agostinho, demonstração categórica da sua categoria de ciclista sem paralelo no nosso meio. Esta manhã, na curta mas dura etapa entre a Covilhã e as Penhas da Saúde (12 km) o «camisola amarela» deu mais uma clara prova da sua superioridade sobre todos os opositores chegando á meta com 2 m 9 s de avanço sobre o segundo a cortar a meta. E este foi o francês Alain Santy, que assim se firmou mais no segundo lugar de classificação geral.

Covilhã-Penhas da Saúde. Apenas 12 quilómetros. Mas os 12 quilómetros mais longos da Volta a Portugal. Só quem já sentiu o esforço dos ciclistas naquela «ladeira que nunca mais acaba» — ainda por cima enganando, aqui e além, com pequenas placas, entre curvas, que parecem dizer «está quase» e convidar a uma curta pausa — mas depois não é...

Dir-se-á: mas lá fora, por exemplo, na Volta a França, os Pirenéus, os Alpes... Pois é, mas quando os ciclistas atingem essas fases de montanha, como que já tiveram uma espécie de preparação, com subidas menores, mas subidas, que «fazem a perna» a anda-

(Continua na 16.ª página)

PERGUNTAS E RESPOSTAS ESTA MANHÃ NO S. E. I. T.

(Ler na 8.ª página)

DÁ-ME LUME

Agosto de sol na Ribeira do Porto. Passa um turista a admirar o Douro e sai-lhe um garoto que lhe pede um cigarro. Atendido o desejo, o turista acende o cigarro oferecido com a ponta que ia deitar fora. O instantâneo não fica para a posteridade, mas enquanto perdura no olhos do leitor, com um pouco de imaginação, pode dizer-lhe muita coisa.

REFORMA DE MENTALIDADES PARA RESOLVER PROBLEMAS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA

—NECESSIDADE APONTADA PELO DR. REBELO DE SOUSA AO VISITAR ESTA MANHÃ O HOSPITAL DE S. LÁZARO

«É preciso acabar com a ideia de que é por ofício que os problemas se resolvem» — declarou hoje o ministro das Corporações e da Saúde e Assistência, ao visitar o Hospital de Traumatologia de S. Lázaro, acompanhado do secretário de Estado da Saúde.

O ministro, que falou, informalmente, durante 50 minutos, dirigindo-se aos responsáveis por aquele hospital, depois de ter tomado conhecimento de alguns problemas (alguns deles de especial gravidade), aludiu, particularmente, à urgência de uma reforma de mentalidades e à necessidade de se planear cada vez mais. Por outro lado, defendeu a valorização

(Continua na 8.ª página)

OBRAS PARA MELHORAR O TRÂNSITO

Prossegue a construção do viaduto metálico de Alcântara. Para que o trânsito automóvel se processe na zona sem atropelos, tornou-se necessária a construção, abaixo do Largo das Fontainhas, de duas placas triangulares para a instalação de pimenteiros. Uma das placas enviesa para a Avenida 24 de Julho e a outra para a Avenida da Índia. Trata-se de uma bifurcação onde, até aqui, o trânsito não era muito fluido.

HOJE 28 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

PENA DE PRISÃO E MEDIDAS NÃO INSTITUCIONAIS

— temas hoje abordados nos Cursos de Verão de Direito Comparado

Prosseguiram esta manhã, no Auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian, os Cursos de Verão da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, com as seguintes comunicações (I Ciclo): «Direitos Romanistas» (M. Balzarini), «Introdução ao Direito Processual» (A. Rieg), «O sistema da Common Law» (Hanson) e «Introdução ao Direito helénico» (Conteoumaris).

Quanto ao II Ciclo, as matérias leccionadas foram as seguintes: «As sociedades comerciais em Direito Comparado», «O casamento em Direito Comparado», «A Cessão do contrato em Direito Comparado», «A responsabilidade do Poder Publico em Direito Comparado» e «Pena de Prisão e medidas não institucionais» (prof. E. Correia).

Amanhã, como já noticiámos, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, oferece, pelas 19 e 30, uma recepção na Estufa Fria em honra dos professores e estudantes dos Cursos de Verão da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na Torralta (Alvor), celebrou-se o casamento de Maria Natália Teixeira da Silva, filha do sr. José da Silva e da sr.ª D. Maria Isabel Teixeira da Silva, com António Armando Dantas de Almeida, filho do sr. Eduardo de Almeida e da sr.ª D. Maria Eugénia Dantas de Almeida.

Foram padrinhos, por parte da noiva, os seus tios, sr. Agostinho da Silva e sr.ª D. Graziela Santana da Silva e, por parte do noivo, o sr. eng.º Horácio Almeida Figueiredo e a sr.ª D. Dulcineia Rocha Dantas Duarte

O acto decorreu no magnífico ambiente do Hotel D. João II, a inaugurar em breve e que pertence á Torralta, empresa de que são administradores o pai e o tio da noiva.

João Pimenta regressou de Inglaterra

Regressou ontem, de Inglaterra, por via aérea, o industrial, sr. João Pimenta, presidente do conselho de administração das empresas J. Pimenta, SARL, que ali se deslocara em viagem de negócios.

O eclipse da Lua visto pelos astronautas não será transmitido pela T. V.

O eclipse total da Lua, que ocorre amanhã, revestia-se de interesse excepcional, por ser visto, e a observação transmitida para a Terra, pelos astronautas de regresso na «Apolo 15» e pela aparelhagem deixada no «jeep» lunar.

Os planos, com esse objectivo, deixados no Centro Espacial de Houston, parece porém, que se malograram, pois, segundo um telegrama dali proveniente, e distribuído pela A. N. I., por motivos inexplicáveis, a estação televisora que ficou na Lua, no veículo lunar, deixou de funcionar, anulando os planos da transmissão do eclipse. «Parece ser um caso sem remédio»

— disse Edward Fendell, chefe do sistema de comunicações do «Apolo 15».

CARACTERISTICAS DO ECLIPSE

O eclipse (grandeza=1784, sendo unidade o diâmetro da Lua) terá as seguintes fases: entrada do satélite na penumbra ás 16 horas e 58 minutos, e na sombra, ás 17 e 55; meio do eclipse, 19 e 43; saída da sombra, 21 e 31, e da penumbra, 22 e 28.

Em Lisboa, a Lua nasce ás 19 e 40, já eclipsada.

O fenómeno será visível, no começo da fase de sombra, na parte ocidental do Pacífico, na Ásia, excepto no extremo nordeste, na Austrália, na Nova Zelândia, no Índico, em África, menos na parte nordeste, no sueste do Atlântico e na Antárctica.

O fim do eclipse pode ser observado na Ásia, excepto na parte nordeste, na Austrália, exceptuando a parte oriental, no Índico, em África, na Europa, no Atlântico, menos na parte noroeste, no sudeste da América do Sul e na Antárctica.

ATROPELAMENTO

Em estado grave, recolheu ao Hospital de S. José o sr. Manuel Joaquim Chagas, de 62 anos, trabalhador, residente na Estrada do Samouco, n.º 1, Alcochete, que foi atropelado por um automóvel naquela vila.

INFORMA A C P.: UM AGENTE DA COMPANHIA É RESPONSÁVEL PELO ACIDENTE DE SACAVEM

Relativo ao acidente ferroviário ocorrido no dia 1 do corrente, em Sacavém, recebemos da C. P. o seguinte comunicado:

1. Conforme a imprensa noticiou, no passado dia 1, pelas 23-37 h., o comboio 22951 que tinha partido da estação do Rossio ás 23-05 h., foi chocar, na estação de Sacavém, com um tractor de manobras, do que resultou o descarrilamento parcial da composição desse comboio e total do locotractor, com obstrução das duas vias gerais.

Em consequência, o rápido do Porto ficou retido um pouco antes da mesma estação, tendo sido feito o transporte dos passageiros até Santa Apolónia mediante autocarros da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, especialmente fretados para o efeito.

Como é natural em circunstâncias desta natureza, a mobilização dos autocarros demora o seu tempo, pois independentemente de toda a boa vontade da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, há que avisar os motoristas e contar com a deslocação dos autocarros até ao seu destino.

2. No local do acidente puderam comparecer, pouco depois, o administrador eng.º José Alfredo Garcia e o chefe de Serviços dr. Cândido dos Reis, dado que viajavam no comboio rápido, os quais permaneceram no local até tarde.

Por outro lado, cerca da meia-noite, o chefe da Região Centro, eng.º Lopes Guerra, encontrava-se já no Posto de Comando de Santa Apolónia, tendo assumido a direcção das operações de circulação e socorro, pedindo nomeadamente apoio á Carris para a cedência dos autocarros.

Cerca das 0-30 chegaram também ao local do acidente o director de Produção e Equipamento, eng.º Almeida e Castro, o agente técnico de sinalização Alfredo Duarte, o agente técnico Marques de Campos, chefe de secção de V. O. e o inspector de tracção José Rodrigues, os quais ali permaneceram várias horas.

Também ali compareceu o presidente do conselho de administração dr. Neto de Carvalho.

3. No que respeita ás operações de desobstrução das linhas, foram imediatamente iniciadas, de modo que a via descendente ficou liberta ás 4-10 h. da madrugada do dia 2, ou seja, cerca de 4 horas e meia após a ocorrência do acidente, e a via ascendente, ás 12-50 h. desse mesmo dia. Daqui resultou que apenas houve que transportar por autocarro os passageiros do rápido, como ficou indicado, tendo os demais comboios podido transitar pela via descendente, embora com os inevitáveis atrasos.

4. O apuramento das causas do acidente começou imediatamente, no local da ocorrência, de acordo com as instruções dadas pelos administradores presentes, tendo podido verificar-se, pouco depois, que a sinalização havia funcionado sem defeito.

As 9 horas da manhã do dia seguinte, o administrador eng.º Alfredo Garcia, designado para presidir á Comissão de Inquérito, prosseguiu nos trabalhos já iniciados, juntamente com os demais membros nomeados para a mesma Comissão e que foram o engenheiro chefe do Serviço de Sinalização Eugénio Godinho, o agente técnico Alfredo Duarte e o eng.º Dias Leitão da Região Centro. O Eng.º António Borges de Frias, do Ministério das Comunicações, acompanhou também os trabalhos da Comissão.

Houve o propósito de se proceder com a maior rapidez e, de facto, o relatório de apuramento dos factos estava concluído ás 11 horas do dia 4, tendo sido já enviado ao Ministério das Comunicações.

5. Das investigações realizadas, resulta que, na movimentação do locotractor, causa do acidente, houve graves responsabilidades por parte de um agente da Companhia, o qual foi suspenso das suas funções, tendo sido ordenada a instauração do respectivo processo disciplinar.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

LINHA DE ÁFRICA

N/M «MUXIMA»

SAI DE LEIXÕES, 13 DE AGOSTO
E DE LISBOA, 17 DE AGOSTO

para S. TOMÉ, MATADI LUANDA, LOBITO

Próxima saída de Lisboa, 7 Setembro

N/M «CONGO»

Carreiras Regulares entre o Norte da Europa e África

Também escalaremos outros portos de Angola a designar oportunamente.

Para todos os esclarecimentos contacte com os nossos agentes.

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 132 — Tel. * 67 71 81
AGENTES EM LISBOA E PORTO
NAVEX — Empresa Portuguesa de Navegação, S. A. R. L. Largo do Corpo Santo, 28-2.º — Tel. 33077/8/9 — LISBOA-2
e Rua Infante D. Henrique, 87-1.º — Tel. 28611/29101 — PORTO

gostoso Tartex MANTEM A LINHA

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO:

- REPORTAGEM DA RAMPA DA PENHA (Avelãs Coelho e G. P. Ribeiro)
- STEWART EM NURBURGRING: O LIMIAR DA LENDA
- CIRCUITO DE LOURENÇO MARQUES
- «6 HORAS DE NOVA LISBOA»
- ÚLTIMAS REFLEXÕES SOBRE FRANCORCHAMPS
- «MOON ROVER», O AUTOMÓVEL DA LUA
- MOTOCROSS: G. P. DO «LIDADOR DA MAIA» (Maria do Céu)

motor ensaio

PONTIAC GTO

(Por PHILIPPE TOUSSAINT)

EM SUPLEMENTO ESPECIAL

TUDO SOBRE A VII VOLTA À ILHA DE S. MIGUEL

VILAMOURA

Concurso Internacional de Arquitectura da zona envolvente ao porto de recreio

A LUSOTUR, SARL informa que, a pedido da UNIÃO INTERNACIONAL DOS ARQUITECTOS o prazo de inscrição foi prolongado até

15 de Agosto de 1971

A inscrição está aberta a todos os arquitectos portugueses, de acordo com as bases do concurso.

Inscrições: Rua Tomás Ribeiro, 50 - 2.º / Tel. 537057 / LISBOA

RECTANGULOS da VIDA

BOUTIQUES

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

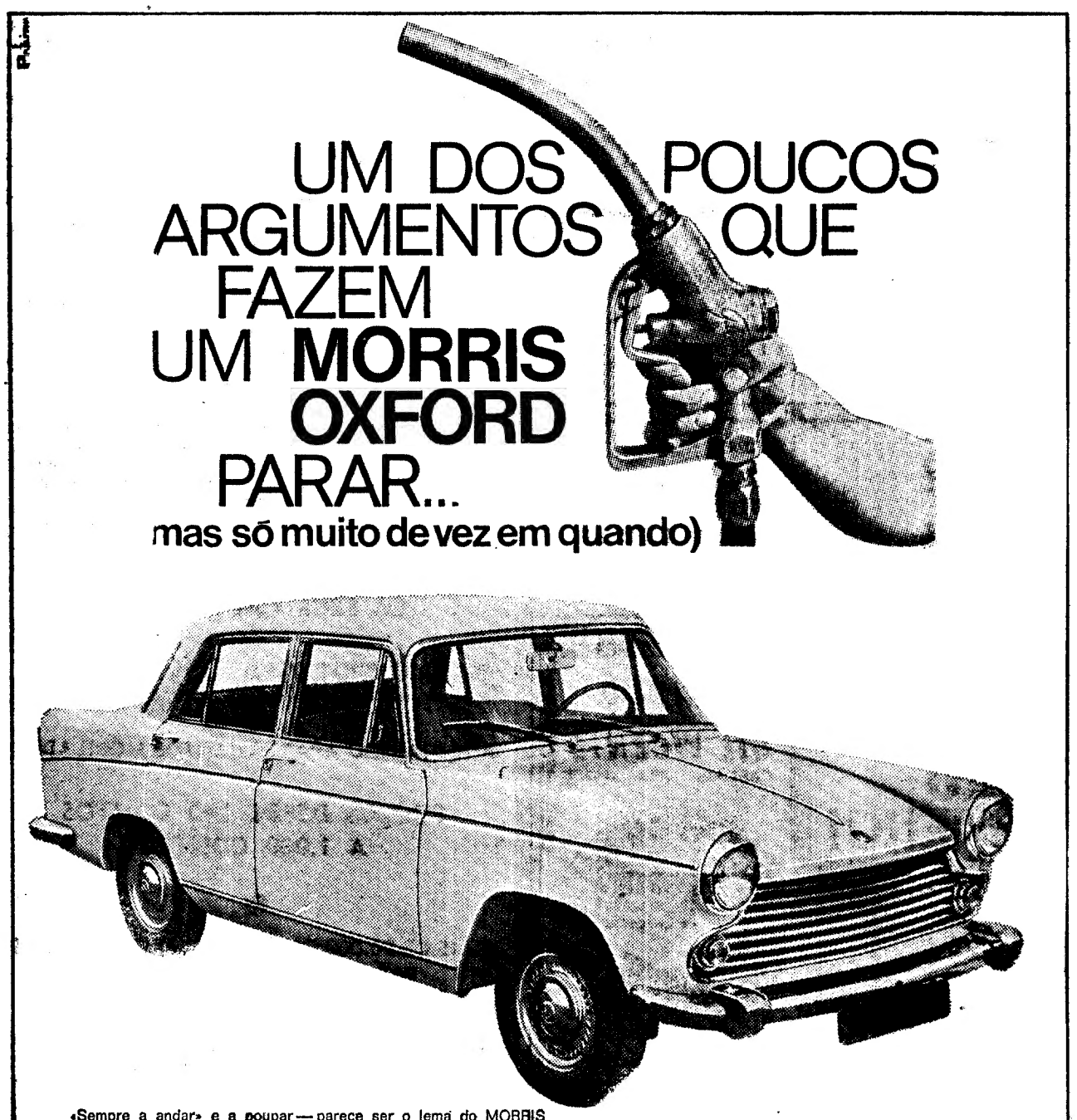
A língua francesa é uma das nossas perdições. Todas nós (ou quase) somos madame ou mademoiselle de cabeleireiro. Todas nós (ou quase) usamos baton (que na realidade se chama rouge à lèvres — o baton de ficou esquecido) e rouge (que na verdade se chama fard.) Muitas e variadas peças de roupa (desde as soquettes de má memória aos actuais collants, não esquecendo, claro, os soutien-gorges que as feministas mais exaltadas contestaram), têm nome francês. E todos nós (ou quase) temos no quarto um toilette ou uma coiffeuse. Isto simples exemplos vindos ao correr da pena. Porque exemplos é o que mais há.

Aqui há uns anos, não muitos, Lisboa e arredores foram invadidos — quarta invasão francesa — por lojas pequenas coloridas, janotas (palavra horrível mas muito usada neste tipo de coisas): as chamadas boutiques. A designação vinha, salvo erro, dos grandes costureiros de Paris, que, a par das suas colecções de alta costura para poucas mulheres, tinham lançado as colecções-boutique, bastante mais acessíveis. Moda-loja, portanto. Mas que famos nós fazer da palavra «loja»? O que mais há por aí são lojas disto, daquilo e daqueloutro. A «boutique» fazia o serviço estupendamente. E fez. E continua a fazer.

Ainda a nossa emigração em França era reduzida, vim de Paris a Irun num compartimento de comboio onde encontrei uma portuguesa do povo que viajava sòzinha pela primeira vez e nos pediu que a ajudassemos nas formalidades das fronteiras. Assim fizemos na primeira fronteira porque depois encontrou pessoas conhecidas e mudou de carruagem. Para ser amável a nossa compatriota resolveu fazer conversa e contar a vida. Entre outras coisas declarou que vivia com um irmão em Clignancourt e vinha pela primeira vez passar vacanças à pátria. O irmão estava muito bem e tinha uma boutique. E, receosa de que não percebêssemos, explicou:

— Boutique é como eles lá chamam às lojas. A boutique do meu irmão é uma drogaria.

Já vêem...



«Sempre a andar» e a poupar — parece ser o lema do MORRIS OXFORD DIESEL que de facto tem dado provas duma resistência mecânica extraordinária e excepcional robustez, a par de uma parcimónia de custo e manutenção que o tornam um dos carros mais económicos do mundo.
Por isso não admira que lhe assente bem o infatigável trabalho de carro de praça: o «sempre a andar» não tem caprichos, só pára quando o obrigam ou para meter combustível mas... só muito de vez em quando pois é muito «sovina» no consumo.
Veja-o, aprecie-o na praça em pleno trabalho ou no nosso Stand e tire então as suas conclusões.

A. M. ALMEIDA, LDA.
Av. Guerra Junqueiro, 16 A a 16 D - LISBOA
Agentes em todo o País

MORRIS OXFORD

IREMOS TODOS COMER INSECTOS?

LOS ANGELES — Os insectos são uma excelente fonte de proteínas e se a população mundial continuar a crescer, assim como a poluição, ainda teremos de os comer — garante um professor da Universidade da Califórnia.

C. L. Hogue, professor de biologia, afirma que certos insectos podem ser muito saborosos, quando bem preparados.

Aquele entomologista admite que isto de comer insectos pode constituir uma mudança radical nos nossos hábitos alimentares.

Certo é que a Humanidade se encontra muito perto de perder determinadas fontes animais de alimentação, como as lagostas e os búzios, e as outras são, relativamente, ineficazes produtoras de proteínas.

Aquele investigador afirma que, por exemplo, meio quilograma de gafanhotos tem três ou quatro vezes mais proteínas do que um bife do mesmo peso, acrescentando que a aversão em comer insectos assenta, apenas, na falta de hábito.

«Se experimentarmos, passamos a gostar», garante ele.

C. L. Hoque afirma que o comer insectos não é uma ideia nova. Aqueles eram consumidos nas antigas civilizações e os índios da Califórnia consideram autênticos petiscos certas moscas e lagartas.

Os insectos comestíveis fazem com que os aborígenes da Austrália se defendam das cornadas da fome.

A ideia não é nova, mesmo entre os povos ocidentais. Podem comprar-se, nas secções dedicadas aos «gourmets» dos supermercados americanos, abelhas e formigas cobertas de chocolate. No México, tal como noutros países comem-se gafanhotos assados com uma pitadinha de sal.

No entanto, continua a ser desagradável a 99,99 % dos americanos e europeus a ideia de comer insectos.

Para toda essa gente, os únicos produtos dos insectos dignos de apreciação continuam a ser a seda, certos vernizes e a cera, tudo segregado por aqueles prestimosos bichinhos assim como certas substâncias utilizadas em medicina e tinturaria.

O único alimento popular produzido por insectos tem sido até agora, o mel, colhido das flores como néctar, e concentrado pelas abelhas.

Uma das vantagens dos insectos como alimento, reside no facto de estes serem prolíferos. Podem ser criados e vendidos a um preço mais baixo do que os animais até agora utilizados como alimento além de ocuparem menos espaço.

C. L. Hoque é de opinião que se podem criar insectos, além das abelhas, com vista aquilo que produzem. A formiga-branca por exemplo digere a celulose, convertendo-a em açúcar.

Aquele investigador afirma que se pode contar com uma futura escassez de alimentos dada a aparente falta de vontade dos homens em controlarem a natalidade.

«Visto isso, penso que devemos explorar outras fontes de proteínas», declara ele.

C. L. Hoque informa que já comeu insectos e que gostou. Não os consome com maior regularidade por não haver variedade bastante no mercado.

«Além disso, penso que a minha mulher era bem capaz de se recusar a cozinhá-los», admite o nosso entomologista.

Por GEORGES GETZE

Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»

LIVROS ESCOLARES — LITERATURA

Edições de:

— **Livraria Tavares Martins. Porto.**
— **Livraria Apostolado da Imprensa. Porto**
— **Livraria Avis. Porto.**
— **Editorial Domingos Barreira. Porto.**
— **Atlântida Editora S. A. R. L. Coimbra.**

Descontos habituais à revenda

FIGUEIRINHAS, LDA.

RUA DA PRATA, 208-2.º — LISBOA

argumento TALBOT ROTHWELL · produção PETER ROGERS · realização GERALD THOMAS

'SUSEXO' EM 3.ª SEMANA!

no SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

AGÊNCIA DE VIGARICES

saldos de noivos em 2.ª mão! grandes pechinchas! *

COLORIDO

"CARRY ON LOVING"

DO NOT DISTURB

RANK FILMES

Grupo D maiores de 18 anos

* não se aceitam reclamações!

A MAIS "DESOPILANTE" FARSA COM OS MAIORES "FARSANTES" DO CINEMA INGLÊS!

SIDNEY JAMES · KENNETH WILLIAMS · CHARLES HAWTREY · JOAN SIMS · HATTIE JACQUES · RICHARD O'CALLAGHAN · BERNARD BRESSLAW

1.as EXIBIÇÕES

O GRANDE CARUSO

TÍTULO ORIGINAL: «The Great Caruso».
REALIZAÇÃO: Richard Thorpe, 1951 (E. U. A.).
INTÉRPRETES: Mario Lanza, Ann Blyth, Dorothy Kirsten, Iarmilla Novotna, Richard Hageman, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes.
ESTREIA: Cinema Condes (30-7-1971).

Richard Thorpe é um realizador perfeitamente consciente das suas limitações. Sabe por outro lado, a força espectacular que o seu actor principal possui e opta pela humildade, apagando-se completamente na sua frente. A isto também se poderá chamar uma certa forma de eficiência narrativa que afasta o rodriguinho fácil. Ou seja: Thorpe tem que mostrar Mario Lanza (ou Caruso, tanto monta...) cantando árias de várias óperas: *La Bohéme*, *Carmen*, *Os Palhaços*, *O Trovador*, *Aida*, etc. Isto é o essencial de *O grande Caruso*, ainda que, para os *números* musicais não apareçam inconsequentes e isolados, se invente uma leve história, na ocorrência vagamente inspirada (melodramatizada) na vida de um outro grande tenor: Caruso. O esquema está montado: uma historieta biográfica que serve de fio condutor (ou unificador) dos diversos *números* cantados por Mario Lanza. Thorpe poderia, porém, tentar esconder este compromisso tácitamente aceite. Poderia complicar a intriga e, sobretudo, transformar os *números* musicais em *números* de equilibrismo de camará cinematográfica. Poderia filmar daqui, dacolá, á frente, a trás, em *travelling*, etc., etc. Preferiu colocar a camara frente ao rosto de Lanza e esperar. Lanza canta a plenos pulmões e o resultado não é de todo desprezível, ainda que a mediocridade e o convencionalismo imperem. Mas, a ausência de qualquer tipo de pretensões fazem de *O Grande Caruso* um pretexto simpático para rever Lanza.

LAURO ANTÓNIO

C. M. L. ESTUFA FRIA

HOJE, ÀS 21.30 HORAS

BATON

De Alfredo Cortês

PELA COMPANHIA DE TEATRO POPULAR

Empresa Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
Com: Madalena Sotto; Adelina Campos; Leonor Poeira; Vladimiro Franklim e Duarte Nuno e a colaboração especial de Adelaide João; Elvira Pais; Júlia Chaves; Carmen Judith; Maria João Galope; Igor Sampayo e Eduardo Sabrosa

Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00, à venda na P. Restauradores das 18 às 20 h. e na Estufa Fria depois das 21 h.
Grupo D/18 anos

Viva
AUTO-INDUSTRIAL
a melhor assistência automóvel

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ESTEJA TAMBEM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS DESDE 140 CONTOS A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal 15 Telfs. 45843-47843 Lisboa

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

Com a sua animação, os divertimentos e exposições dos mais variados artigos É A GRANDE ATRACÇÃO DO POVO. Todos os requisitos de conforto ao ar livre. Um mundo de maravilhas ao alcance de toda a gente

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Pico Pavoreto

BOITE DE NUIT

RUI DINIS e CONJUNTO FERNANDO SEQUEIRA

M/21

R. MISERICÓRDIA, 12 — Telef.: 36 86 49

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

IVONE princesa de Borgonha de WITOLD GOMBROWICZ

Hoje: e todas as noites às 22 h

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18

NAZARÉ

M/6 anos

SÁBADO, 7 DE AGOSTO ÀS 21,45 HORAS

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS NOCTURNA

D. FRANCISCO AZARUJINHA e SOMMER D'ANDRADE
ARMANDO SOARES — MÁRIO COELHO

Forcados Amadores Académicos de Vila Franca de Xira de Victor M. Santos — 8 poderosos toiros de D. Jaime Azarujinha.

ESTE PODE SER O SEU NÚMERO!

Um número num cartão perfurado poderá representar um indivíduo de carne e osso — e os seus direitos como tal? Na frenética corrida para a chamada «ditadura mecanizada», a Suécia vai à frente. Mas em outros países, entre os quais Portugal, o computador está já a interferir na vida das pessoas.
Em breve, também V. terá o seu número. Como reagirá?

Este é um dos 22 artigos da Revista de Agosto

Seleções do Reader's Digest

ADQUIRA HOJE O SEU EXEMPLAR

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C — Lisboa — Tel. 42185

Rua Caminhos de Ferro, n.º 82 - C — Lisboa — Tel. 868588

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TEATRO EM SETÚBAL (10)

«O PECADO DE JOÃO AGONIA»
PELO GRUPO DO CENTRO PAROQUIAL DO MONTIJO

«O Pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno, pelo Grupo de Teatro Experimental do Centro Paroquial do Montijo. Concurso do Teatro Amador. Encenação e ensaios de Vítor Manuel Rosado. Contra-regra: António Moura. Ponto: António Caeiro. Guarda-roupa: G. A. T. A. M. Direcção técnica e cenário: Carlos Diogo. Assistente técnico: António Simões. Colaboração: Maria Hermínia e António Augusto. Som: António Simões e António Moura. Intérpretes: Isabel Santos, Maria da Silva Rodrigues, Elisabeth Saraiva, Vítor Manuel, António Calado, Valentina Lopo, Maria Antonieta, Carlos Diogo, Francisco Tavares, António Simões, Joaquim Sérgio, Miguel Moroso. Teatro Luísa Todi. 30-7-71.

Este «Pecado de João Agonia» de faca na liga tornou ainda mais evidentes (e insuportáveis) as debilidades e as incongruências deste texto de Santareno que aqui comentei quando da estreia no Teatro Nacional.

Sobre este espectáculo bastará assinalar que a encenação e a interpretação carregaram ainda mais as cores e tornaram ainda mais estridentes os gritos de um texto já excessivamente sombrio e gritado. Não se hesitou em ir às últimas consequências da incoerência: numa leitura naturalista (a certa altura o herói, desvairado, desata a quebrar literalmente copos), surge uma cena em que João Agonia tem um ataque de histerismo iluminado por luzes em pisca-pisca (vindas do «Hair» via Luzia Martins, possivelmente). Aliás, devo acrescentar que se o espectáculo manteve ainda, assim, alguma hipótese de interesse foi exactamente no facto de tentar a desmesura, o excessivo. Simplesmente, como os actores não correspondiam a esses excessos de ruído e furor, os resultados não podiam deixar de ser ridículos, o que o público sublinhou, gargalhando com frequência. Então o 2.º acto, dir-se-ia passado num «saloon» de um destes «westerns» feitos em Itália, graças a um actor que mais parecia um «cow-boy» do que uma personagem de Santareno.

Vítor Manuel, no João Agonia, conduziu a batuta da exageração e fê-lo de tal forma (barroca?) que o insólito do conflito saltava ainda mais á vista: como se poderia ignorar desde logo a sua condição de ser marginal? Assim este drama — que para nos convencer devia ter tido outra abordagem — acabou por se transformar num espectáculo mais próximo do cómico que do trágico.

CARLOS PORTO

VIDA MUSICAL

CONCURSO INTERNACIONAL MAURICE EISEMBERG MARCADO PARA SETEMBRO NA NOSSA COSTA DO SOL

O prestígio da nossa Costa do Sol como centro de cultura musical constitui, sem dúvida, um dos factores mais significativos desta zona do turismo português. Além dos Cursos Musicais Internacionais de Férias, os Concursos Internacionais, também promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol, atraem numerosos artistas estrangeiros ao nosso País. Este ano, a par dos X Cursos Internacionais, que começam em 23 de Agosto, realiza-se o III Concurso Internacional Maurice Eisemberg para violoncelistas (1 a 7 de Setembro).

Os prémios são bastante atraentes: vinte mil escudos para o 1.º prémio; quinze mil para o segundo e dez mil escudos para o terceiro. A Pro-Arte instituí, como nos anos anteriores, um prémio de cinco mil escudos para o artista português melhor classificado no concurso.

O regulamento e quaisquer outras informações podem ser solicitadas à secretaria da Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque-Estoril) ou pelo telefone 26 01 13.

«UMA CAMA PARA TODA A GENTE» no Monumental

Lisboa tem agora no cartaz do Teatro Monumental uma comédia alegre, picante e bastante atrevida, onde o público durante duas horas tem oportunidade de assistir a um dos mais desopilantes espectáculos dos últimos tempos — «Uma cama para toda a gente», original francês de Jean Létraz, tradução de Júlio Martins, encenação de António de Cabo e cenas e figurinos de Artur Casais. Vasco Morgado ao apresentar este engraçado espectáculo reuniu um elenco notável: Camilo de Oliveira, Armando Cortez, Canto e Castro, Linda Silva, Fernanda Franco e ainda a colaboração de Milú e Irene Isidro. Espectáculos todas as noites, ás 21 e 45; aos sábados, duas sessões, ás 21 e ás 23 horas, e aos domingos, á tarde, ás 16 horas.

FESTIVAL DE VARIEDADES COM ARTISTAS ESPANHOIS NO PROGRAMA DAS FESTAS DO BARRETE VERDE (Alcochete)

ALCOCHETE, 5 — Começam amanhã e prolongam-se até o dia 10, as afamadas Festas do Barrete Verde e das Salinas, organizadas pelo Aposento do Barrete Verde, com o patrocínio da Câmara Municipal e de outros organismos e instituições oficiais e particulares.

O programa, valorizado por inovações e atractivos originais, inclui, no primeiro dia, além de outros numeros de grande interesse, o Cortejo Típico das Actividades Regionais e primeira largada de toiros nas ruas da vila; no sábado, gincanas de tractores e de automóveis, segunda largada de toiros e a tradicional «Noite da Sardinha Assada».

No domingo, haverá terceira largada de toiros, sessão no salão nobre de Aposento para entrega de emblemas de prata aos sócios com 25 anos de filiação; corrida de toiros com artistas de grande nomeada; na segunda-feira, quarta largada de toiros e festival tauromáquico em homenagem ao Grupo de Forcados Amadores do Aposento do Barrete Verde; terça-feira, solenidades religiosas, procissão, bênção das águas e dos barcos e, á noite, Festival de Variedades Luso-Espanhol na praça de toiros e vistoso fogo de artifício.

Haverá concertos musicais, girândolas de foguetes e morteiros assinalando as alvoradas, arraiais e as características diversões que tornaram famosas as festas do Barrete Verde e das Salinas em Alcochete.

beba vinho à portuguesa
beba verde à sua mesa

Quem será a princesa do Alentejo?

ESTREMOZ, 5 — Vai efectuar-se em 5 de Setembro, com o patrocínio das edilidades da província, um festival para a eleição da Princesa do Alentejo.

Estão já inscritas concorrentes de Évora, Beja, Elvas, Portalegre e, ainda, desta cidade.

O Festival compreende quatro prémios: «Princesa do Alentejo», «Miss Simpatia», «Miss Imprensa Alentejana» e «Melhor Trajo Alentejano».

O NAVIO «BAÍA DE S. BRÁS» TRARÁ PEIXE CONGELADO DE ANGOLA PARA A METRÓPOLE

Acompanhado do presidente da Junta Nacional do Fomento das Pescas, almirante Henrique Tenreiro, o ministro da Marinha visitou esta manhã, na Docapesca, em Pedrouços o navio-frigorífico «Baía de S. Brás».

Encontravam-se presentes os almirantes Garcia Braga e Gomes Ramos, respectivamente director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo e presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante.

O «Baía de S. Brás» é um navio-frigorífico polivalente, que poderá transportar, simultâneamente peixe, carne, fruta e outros artigos. A nova unidade entra imediatamente ao serviço para trazer peixe congelado de Moçâmedes para Leixões e Lisboa.

Larápios sem sorte

- Poderiam apanhar mais de 40 contos e levaram 300 escudos

PORTO, 5 — Durante a madrugada, os gatunos entraram, por uma janela dos traseiras do edifício, no armazém da Livraria Internacional, Lda., na Rua Egas Moniz, 21. Arrombaram diversas gavetas — numa das quais estavam cerca de 4 mil escudos numa caixa de medicamentos, que eles não viram — e levaram apenas uns 300$00 da caixa registadora, na secção de distribuição de revistas e jornais.

Para mal deles, não foram aos vestiários do pessoal, onde estavam arrecadados cerca de 40 contos.

ARY DOS SANTOS: APENAS 4 PARÁGRAFOS E UM EXEMPLO

Do sr. José Carlos Ary dos Santos publicamos a carta que aquele consagrado poeta nos enviou:

«Apenas 4 parágrafos e um exemplo acerca do «ad hoc» anónimo que o último suplemento literário do «Diário de Lisboa» teve a gentileza de me dedicar:

1. Não pretendo com a presente nota, entrar em chicanas literatas que me repugnam.

2. Trabalho, desde os 18 anos, em publicidade, facto que assumo inteiramente.

3. Lembro, a propósito desta actividade, a colaboração intensiva que lhe prestam ou prestaram muitos dos escritores portugueses contemporâneos de maior relevo, alguns dos quais merecem ou mereceram a consideração e o respeito de todos nós.

4. Finalmente, e a propósito do pendor para os bifes que, com rara intuição crítica me atribuem e gostosamente confirmo, proporei á meditação dos leitores do jornal — pois só eles me merecem o cuidado destas linhas — as seguintes palavras de Simone de Beauvoir (*), as quais, ressalvadas todas as proporções e distâncias, me parecem constituir, no caso, exemplo tão necessário quanto suficiente:

«Economicamente, situo-me entre os privilegiados. Desde 54 que os meus livros me rendem bastante dinheiro; comprei um automóvel em 52 e um apartamento em 55... Como, por vezes, com todo o requinte, outras vezes muito pouco; porém, em tudo isto, só o meu capricho decide: não me privo de nada.

Alguns «censores» reprovam-me este bem-estar: gente das direitas, evidentemente. Nunca, á esquerda, se atacam as disponibilidades financeiras de um homem de esquerdas, mesmo que ele seja milionário. Determinada ideologia nada tem a ver com a moral evangélica, pois não reclama do indivíduo nem a ascese nem o despojamento total: a bem dizer, está-se nas tintas para a sua vida privada...

... um casaco confortável constitui uma concessão á burguesia: uma maneira de vestir despreocupada será tida por sinal de afectação e indecência. Acusar-nos-ão de perdularidade ou de avareza. O meio termo também não existe: chamar-lhe-iam, por exemplo, mesquinhez. A única solução é a de seguirmos a inspiração própria e deixarmos falar quem fala».

a) *José Carlos Ary dos Santos*»

(*) Simone de Beauvoir, La Force des Choses, Tome 2, Gallimard, Paris, Págs 503-504.

VX 4/90

A FÓRMULA DUM GRANDE CARRO

Exaustivamente experimentado nos Campos de Treino de Millbrook, em Inglaterra, o VX 4/90 provou constituir, numa versão inteiramente nova, aquilo a que poderemos chamar a fórmula absoluta de um grande carro.

6 VELOCIDADES PARA CONDUZIR 112 HP!

Com overdrive comandado electricamente na 3ª e 4ª, o VX 4/90 dá aos seus 112 HP às 5 000 r.p.m. 6 oportunidades de resposta. Motor de árvore de cames à cabeça, com cilindros inclinados a 45° para menor esforço e desgaste dos pistões. Válvulas de escape e de admissão distribuídas alternadamente para um equecimento mais homogéneo do bloco. Equipado com 2 carburadores de tiragem lateral e de depressão constante para melhor performance e economia.

UMA SEGURANÇA DEFINITIVA

Parte fundamental da fórmula do VX 4/90. Assegurada por uma carroçaria monobloco, com zonas amortecedoras em caso de choque. Pela coluna de direcção compressível. Por travões hidráulicos de circuito duplo, de disco, assistidos por servo-freio que obedecem logo, sem esforço, num espaço mais curto. As jantes — tipo Rostyle — não só elegantes mas, sobretudo, largas, equipadas por pneus radiais (165 SR 13) permitem ainda maior aderência e mais estabilidade.

ELEGANTE E TRANQUILO

A elegância das suas linhas, de todos os seus pormenores é quase igual ao conforto do seu andamento. Molas helicoidais à frente e atrás, seja em que piso fôr, dão à suspensão um equilíbrio perfeito. A direcção de cremalheira e pinhão, é leve, precisa, directa. Volante desportivo e almofadado. Completo e funcional painel de instrumentos.

UM PREÇO IMBATÍVEL

Mais um elemento que contribui para a fórmula que tem vindo a descobrir. O VX 4/90 custa 112 643$00. (Não inclui chapa de matrícula e registo de transmissão.) Precisa mais razões para a sua escolha? Visite o seu Concessionário Vauxhall e veja por si.

VAUXHALL GM

TEM O TIMBRE DA QUALIDADE.

EM EXPOSIÇÃO NO SEU CONCESSIONÁRIO VAUXHALL EM LISBOA: AUTO-INDUSTRIAL — Av. Duque de Loulé, n. 93/95
MARTICAR — Rua Almirante Barroso, n. 9 — A/B/D

Centro Republicano «Almirante Reis»

O Centro Escolar Republicano «Almirante Reis» promoveu o tradicional passeio escolar anual (Lisboa-Vila Franca de Xira), tendo sido distribuidos os prémios escolares «Huerta Lobo» a oito alunos que concluiram o exame da quarta classe.

PIQUENIQUE NO CHOUPAL

COIMBRA, 5 — O popular Clube de Futebol União de Coimbra promove, no domingo, o seu tradicional piquenique na Mata do Choupal, aguardado com vivo entusiasmo pelos associados e suas famílias.

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

FRENTE A FRENTE: NA TÁCTICA DO FERROLHO

O nome de Artur Agostinho há duas décadas que anda nas bocas do mundo, devendo considerar-se esta expressão no seu bom e no seu mau sentido. Situação inevitável quando «se dá a cara», para utilizar os seus próprios termos. Situação inevitável quando se está presente nos grandes campos de concentração das massas que são os campos de futebol. Não importa agora recordar todos aqueles momentos agradáveis e desagradáveis em que participou — turbilhão de que estamos ainda demasiado próximos para haver uma perspectiva desapaixonada, turbilhão de que Artur Agostinho não se libertou ainda o bastante, aquele mínimo que lhe permite fitar com rigor a face que o espelho lhe devolve. Pelo contrário: cada vez se encrava mais na senda dos compromissos, agora de índole comercial, mas igualmente inibidores de uma expressão liberta, clara, agressiva. Expressão que não foi nunca, aliás, da sua preferência. Se jogasse futebol, a posição ideal para ele seria a de defesa, encarregado do ferrolho, nunca afastado da grande área. É claro que um *libero* não mete golos, a não ser de *penalty*. *Frente a frente* não é *penalty*, logo, Artur Agostinho não iria marcar golos. Não marcou.

●

O SILÊNCIO É UMA VIRTUDE?

Seria esta, creio bem, a presunção da totalidade dos telespectadores, e por isso a emissão da rubrica de José Mensurado inscrevia-se no calendário da rotina que Artur Agostinho odeia, mas cultiva. Os telespectadores estariam ali para assistir ao penúltimo episódio da Família Forsyte, para aspirar até á última partícula essa arte de bem trabalhar para a televisão. Pois o público que aproveite, que aproveite! Aproximam-se ominosos tempos. Está para aí na forja não sei que novelização para a TV de uma obra menor de Camilo, certamente destinada a demonstrar que não são apenas os ingleses que trabalham, nós não ficamos atrás de ninguém, etc., etc., o operário português é o melhor do mundo. E o resto são cantigas.

Lá estava o público religiosamente atento ás palavras e ás cenas que, na sua aparente serenidade, já estão anunciando a tormenta. Ouvimos dizer ao pintor que retrata a Fleur: «*A banalidade deve ser expressa com clareza*». Ouvimos a Fleur murmurar: «*O silêncio é uma virtude*». Michael: «*Há alguma coisa que tu gostasses de possuir?*» Fleur: «*A Lua*».

Não era, evidentemente, de propósito. Mas todas estas frases podiam servir de legenda para a entrevista de Artur Agostinho.

●

CURTO-CIRCUITO NÃO VEIO DAR CONTAS, NEM PEDIR.

A notável facilidade de expressão de Agostinho permite-lhe encarar a banalidade com a maior confiança. Vê-se que ele poderia manter aquele ritmo até á consumação dos séculos. Acabada a entrevista, sentimos o logro: deram-nos o farelo, não a farinha. O copo de água fora hàbilmente manejado por um perito na ilusão: bebemos, bebemos — mas não havia água. A sede ficou igual. Esta sede de verdade que a televisão deve satisfazer, para mostrar que está viva...

Artur Agostinho não saiu, pràticamente, do campo das generalidades. Não gosta da rotina, a Rádio é uma coisa maravilhosa, a rádio assustou-se com o aparecimento da televisão, a rádio não comercial meteu-se na sua torre de marfim, não se pode fazer agora aquilo que se fazia há 20 anos, a juventude desinteressa-se do futebol porque o futebol se desinteressa da juventude, o futebol tem de pensar na sua promoção, o êxito individual depende do trabalho da equipa, etc., etc. Uma afirmação: o desporto foi vítima de uma lentidão de processos que se verificou ao longo dos anos, mas. «*Mas o futuro será melhor...*»

Esperemos. No entanto, se deixássemos de contabilizar o futuro e pensássemos no presente, nem que fosse só um bocadinho? Se deixássemos de procurar refúgio no passado mais ou menos remoto e tratássemos do que está mais próximo de nós, do que nos dói mais cruamente na carne e no espírito? Isto, a fazer-se, conseguiria atrair mais que todos os discursos, a atenção do público.

É evidente que o nome de Artur Agostinho se encontra hoje na memória débil do público muito mais relacionado com o programa *Curto-Circuito* do que com toda a sua actividade radiofónica. Pois quanto a isso... nem uma palavra. E não é verdade que, nesse campo, havia muito para perguntar e para responder? E não é verdade que uma conversa a sério sobre aquele programa poderia abrir caminho para uma mais ampla compreensão da sociedade portuguesa actual? E não é verdade que ao evitar-se proferir sequer o nome do programa, se fugiu a matéria que poderia conduzir Artur Agostinho para uma via de maior adesão por parte do público?

Acontece nos velórios: o defunto está irremediàvelmente quieto, inofensivo, situado no fim do mundo, mas todos dão por ele, a sua presença alastra no silêncio. Assim aconteceu com o programa do Monumental que fracassou depois de tanta esperança. Ouem, ele foi a grande presença ausente, presença muda a fitar-nos bem nos olhos...

Não. Aquela conversa com Artur Agostinho não valeu a pena: falou-se muito, calou-se tudo. Como já se esperava. A Fleur pode querer a Lua. Nós, não.

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Charles Aznavour; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Canções; 19 e 30: XXXIV Volta a Portugal em Bicicleta: Reportagem da chegada a Alcains; 19 e 40: Musica, só musica; 20 e 20: O conjunto «The Bee Gees»; 20 e 30: 16.º episódio do folhetim: «Mathias Sandorf»; 20 e 50: Melodias por «The Waikikis»; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria Augusta Ermida e Luís Galhardo; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Musica latino-americana; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18 e 11: Musica portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Concerto pelos Menetreis de Lisboa; 20 e 47: Solo de viola dedilhada; 21: Árias de óperas de Handel, pelo barítono, Gerard Souzay; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho); «Inês», de Manuel de Figueiredo; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico—MF 2 — Às 21: Musica ligeira variada (Orquestras, fados por Carlos do Carmo, canconetistas); 22: Musica de teclo; 22 e 45: Musica de bailado; 23 e 42: Canções; 0 e 09: Musica de camara; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nosso; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar —303,6 mc/s — 782 kc/s — Às 1 6 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá: 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral: 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30. Quando o telefone toca; 23 e 04: Clube da juventude.

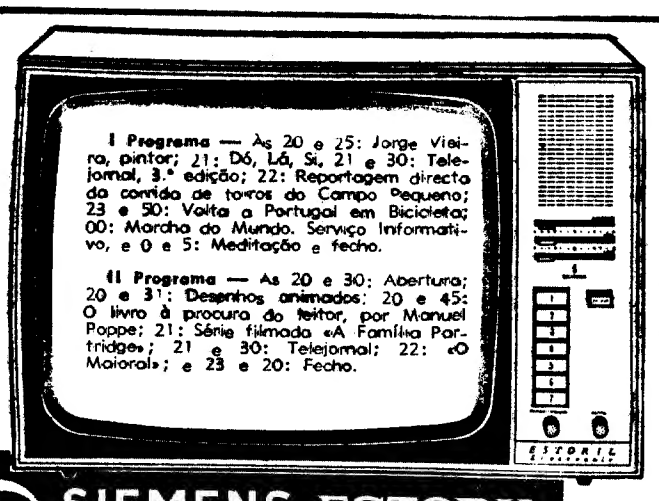
RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 20: Boletim liturgica; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; No final — Continuação do programa «Página um»; 20 e 58: Meditando; 21: Carrilhão — O 4.º mundo; 21 e 15: Jazz; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional e boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Esquema: 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Quarto-mundo; 21 e 15: Musica portuguesa; 22: Variedades; 23: A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER:



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — **1.º período** — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite; e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 19: Abertura e telejornal, 2.ª edição; 19 e 15: Filme infantil «Poucetofes»; 19 e 25: Eurovisão — Imagens do eclipse do Sol, visto através da câmara deixada na Lua pelos astronautas da Apolo-15; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22: Série policial «O Jogo da Vida», com Robert Wagner e Janet Leigh; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta — Reportagem pelos enviados especiais da RTP. Comentários de Alves Barbosa; 23 e 40: Marcha do Mundo; e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico (simultâneamente com o I programa); 22: «Batantam»; 22 e 30: Nancy Sinatra — Programa em que participam além daquela cançonetista, os irmãos Osmond, The Blossams, Billy Strange e sua orquestra e o baterista Hal Blains, e 23 e 20: Fecho.

TUDOR pilhas secas

DIVULGADORES/AS

OFERECEMOS UMA OPORTUNIDADE DE SE REALIZAR:

— Elevando o seu nível de vida.
— Executando um trabalho dinâmico e livre de divulgação cultural.

Não precisa experiência.

Marque uma entrevista pelo tel. 77 89 89.

O ministro da Saúde no Hospital de S. Lázaro

(Continuação da 1.ª página)

dos hospitais regionais como a melhor forma de evitar a corrida a Lisboa Porto e Coimbra dos doentes de urgência.

«*Não é possível resolver os problemas, com uma varinha de condão, de um dia para o outro*» — declarou o dr. Baltasar Rebelo de Sousa. «*Há dificuldades reais, mas, em certos aspectos, nem se trata de problemas financeiros. É mais uma questão de saber se sabemos ou não governar*».

Vários foram os problemas do Hospital de S Lázaro apresentados ao ministro e ao secretário de Estado da Saúde no decorrer da visita, mas entre eles avultam os da falta de camas, a permanência de engessados durante dois e três meses em leitos que poderiam servir melhor, e as dificuldades encontradas na evacuação de asilados.

Em breve intervenção, o dr. Balcão Reis apontou o problema das «sequelas irremediáveis» que podem sobrevir do facto de haver 15 a 20 doentes diàriamente á espera no «banco» de S. José, por falta de recursos para os atender.

A este respeito, o dr. Baltazar Rebelo de Sousa disse que não será proibindo, ou travando, a vinda de traumatizados para Lisboa, Porto ou Coimbra, que o problema se resolverá, mas sim criando condições locais para que os doentes confiem nos hospitais mais próximos das localidades em que residem.

Na sua exposição sobre problemas da saúde em Portugal, o ministro referiu-se à criação de dois novos grandes hospitais em Lisboa e a planos em estudo para a implantação de um novo estabelecimento hospitalar em Faro, independentemente das obras de restauro em curso no actual. Por outro lado, o dr. Rebelo de Sousa salientou o papel que os Centros de Saúde recém-criados, e outros a implantar oportunamente, deverão desempenhar na prevenção da doença.

Referiu-se ainda o titular da pasta da Saúde à acção do Governo na busca de solução para estes problemas e anunciou a próxima publicação da lei orgânica do seu ministério e do diploma das carreiras gerais da Saúde e Assistência, concluindo por um apelo de confiança, sem a qual — disse — «*nada é possível fazer*».

Segundo foi salientado na reunião, os serviços de Traumatologia dos Hospitais Civis de Lisboa contam actualmente com menos 300 camas do que há meses atrás.

Daniel Cabrita está preso por «fortes indícios de actividade» ao serviço do P. C. Português

— afirmou o director-geral da Informação

O dirigente sindical Daniel Cabrita «foi detido por fortes indícios de pertencer aos quadros dirigentes do aparelho clandestino do Partido Comunista Português, e exercer actividades de preparação e execução de crimes contra a segurança do Estado» — afirmou esta manhã o Director-Geral da Informação, dr Geraldes Cardoso, numa conferência de Imprensa concedida a jornalistas portugueses e estrangeiros.

O director-geral da Informação, que respondia a uma pergunta duma jornalista estrangeira, acentuou a legalidade da prisão, esclarecendo uma dúvida apresentada por outro correspondente, que perguntou se aquele facto era suficiente para justificar a detenção. «Não são as ideias, mas a actuação o que justifica a prisão» — afirmou.

Em resposta a outra pergunta, relativa à detenção, ontem verificada, do jornalista António dos Santos, director do Sindicato Nacional dos Jornalistas, o director-geral da Informação disse não possuir ainda elementos para responder.

Também alguns jornalistas estrangeiros pediram esclarecimentos sobre o sentido da recente afirmação do general António de Spínola, governador da Guiné, segundo a qual «qualquer traidor será inexoràvelmente justiçado». O dr. Fialho Ponce, porta-voz do ministério do Ultramar, precisou, então, que «justiçar só pode ter o significado que a lei penal portuguesa permite» isto é, que «as sanções previstas na lei em vigor» para certos crimes «serão aplicadas inexoràvelmente.» Quanto aos boatos que corriam em Bissau, e que motivaram aquela declaração do governador da Guiné, o mesmo porta-voz salientou que eles se referiam «a atentados contra a segurança individual e colectiva da população civil.»

A reforma do ensino foi outra das questões abordadas, tendo sido perguntado em que domínios concretos ela se fará sentir, no próximo ano lectivo, no ensino superior. A este respeito, o dr Geraldes Cardoso disse não poder adiantar qualquer informação, acrescentando que, todavia, na próxima conferência de Imprensa já seria possível fornecer ampla resposta.

A uma pergunta sobre a possível oficialização, por parte do M. E. N., do «ensino programado» praticado em vários estabelecimentos de ensino particulares e empresas, o director-geral da Informação disse:

«O ministério da Educação está interessado na aplicação dessa técnica pedagógica no ensino oficial e criou junto da Direcção-Geral do Ensino Técnico um grupo de trabalho para estudar esse tipo de ensino».

O sector privado já tem representantes na Comissão de Recursos da censura de teatro e cinema

Na sua última reunião, a Direcção da Corporação dos Espectáculos, presidida pelo dr Manuel Teles e à qual assistiram os srs. Manuel dos Santos (vice-presidente), Jorge Brum do Canto, Alberto Vilar e Manuel Martins, dando cumprimento às alterações introduzidas na composição da Comissão de Recursos das deliberações da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, por recente diploma que aumentou de dois para três os seus representantes no referido orgão, designou para preencher o lugar agora criado João Francisco da Silva (efectivo) sendo escolhido para suplente o actor Alexandre Vieira.

Foram por outro lado, reconduzidos nos seus cargos os representantes da Corporação na referida Comissão, que já se encontravam em exercício: dr. David Mourão-Ferreira (efectivo) e Álvaro Benamor (suplente) para os recursos referentes a espectáculos de Teatro, Música e Dança; Edmundo Ferreira de Almeida (efectivo) e Jacinto Allen Valle (suplente) para os recursos respeitantes a Cinema.

O dr Manuel Teles deu conhecimento à Direcção dos aspectos mais relevantes dos problemas tratados na última reunião dos presidentes das Corporações efectuada na sede da Corporação dos Espectáculos

Foram examinados, ainda, outros assuntos, entre os quais a actuação no nosso País de empresas estrangeiras de circo e actual situação financeira do organismo.

Assistiu à reunião o secretário-geral da Corporação, dr. A. Monteiro Fernandes.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

15 305 . 8 000 000$
4 742 . 1 000 000$
21 680 . 400 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

15 304 . 11 800$
15 306 . 11 800$

PRÉMIOS DE 20 CONTOS

661; 5 594; 8 796; 11 639; 12 807; 15 768; 19 603; 21 289; 26 273; 29 490; 31 711 e 35 056

PRÉMIOS DE 1.000$00 (CENTENAS)

4 701 a 4 800; 15 301 a 15 400 e 21 601 a 21 700

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 067, 220, 236, 263, 373, 389, 596, 736, 758 ou 932, são contemplados com 1.500$00, em cada bilhete. Todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação —, seja 5 têm direito a 600$00 de prémio em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da Lista Oficial.

BANDAS E FANFARRAS

Durante o prazo de sessenta dias, está aberto concurso para o provimento do cargo de inspector das bandas e fanfarras das forças militares e militarizadas.

COMO VAI SER CONTADA A ÁGUA CONSUMIDA ANTES DO AUMENTO?

Escreve-nos um leitor a propósito do aumento do preço da água fornecida pela Companhia das Águas de Lisboa, que passa a ser — a partir de Agosto — de 4$50 cada metro cubico. E esse nosso leitor, depois de lembrar que a Companhia não procede á leitura de contadores precisamente no princípio de Agosto, pergunta quais os critérios que vão ser utilizados, para que os consumos de Julho (e até anteriores em certos casos, devido ao período de férias dos utentes) não sejam globalmente contados e afectados pelo aumento.

Para que os consumidores só pagassem o aumento a partir de 1 de Agosto — dizia o nosso leitor — era necessário ter havido contagem dos contadores em 31 de Julho, e isso não sucedeu!

Procurámos obter uma resposta a este problema por parte da Companhia das Águas, mas em vão. Foi-nos dito, em resumo, que o problema era real, mas que ainda não foi estabelecido qualquer critério.

O assunto, nos seus vários aspectos, estaria a ser estudado pelo conselho de administração da Companhia. Talvez amanhã já alt saibam o que foi resolvido.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

Por o automóvel em que seguiam ter chocado com outro na Rua do Vale de Santo António, receberam tratamento a ferimentos sem gravidade, no Hospital de São José, os srs. António Ferreira Dias, de 39 anos, armador de ferro, que conduzia; Augusto Martins, de 38 anos, servente, ambos residentes no Campo do Rio, Pátio do Pacheco, Camarate (Sacavém); Manuel Brites Freches, de 28 anos, operário, morador no Casal dos Marques, n.º 2, Moscavide; e José dos Santos Claudino, de 49 anos, trabalhador, residente na Quinta da Paileta, n.º 38.

—Muito traumatizada, recolheu ao Hospital de São José a sr.ª D. Isaura da Conceição, de 62 anos, moradora na Rua da Alameda, n.º 41, 1.º, dt.º, vítima do choque do automóvel em que seguia com outro.

OS 50 ANOS DA SOCIEDADE ESTORIL

A Sociedade Estoril vai distribuir a todos os utentes da linha de Cascais que assim o desejarem — a partir da próxima sexta-feira — um folheto intitulado «50 anos da Sociedade Estoril» que inclui o discurso proferido pelo seu Presidente do Conselho de Administração no cinquentenário daquela empresa, e ainda um artigo do dr. Augusto de Castro intitulado «Um homem e uma obra».

Os folhetos serão distribuídos nas estações de Cais do Sodré, Algés, Oeiras, S. Pedro do Estoril e Cascais.

SEMPRE NA VANGUARDA

na distribuição de

PRÉMIOS GRANDES!

A extracção de hoje:

4.742 – 2.º PRÉMIO – 1.000 contos

21.680 – 3.º PRÉMIO – 400 contos

Vendidos aos balcões da

CASA DA SORTE

A CASA ONDE HÁ SORTE E PRÉMIOS PARA TODOS

NOTA: O bilhete n.º 4742 foi recebido, por compra, do Colega Casa Vareta.

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (a duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

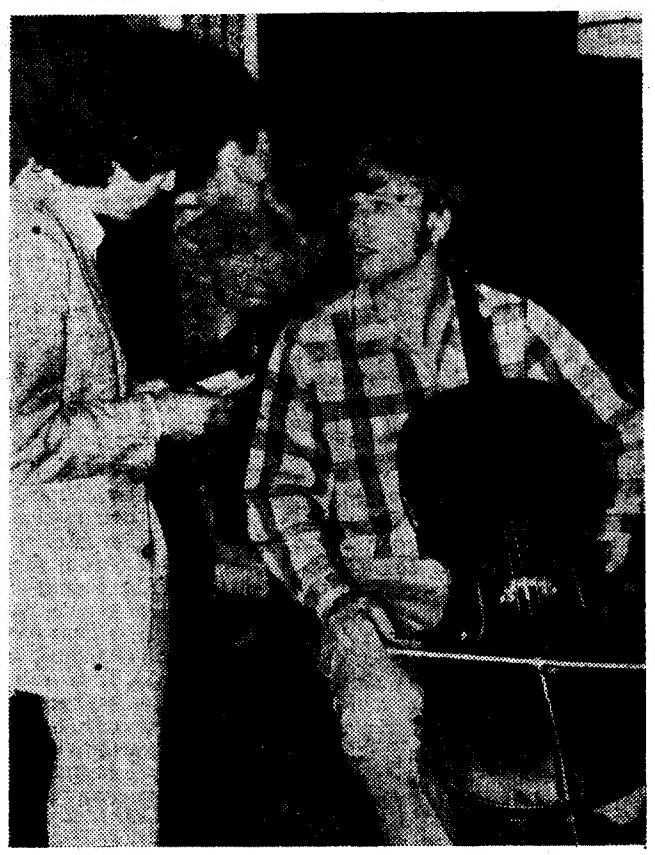
CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

SPORTKAR-BAR
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 87-C
ALMOÇOS JANTARES E CEIAS NUM AMBIENTE DIFERENTE

Uma aula de violoncelo
(dada pelo prof. Eisenberg)
na abertura dos X Cursos Musicais da Costa do Sol

Com as lições de violoncelo do prof. Maurice Eisenberg, de Nova York, iniciaram-se ontem os X Cursos Musicais Internacionais de Férias de Cascais.

Este ano estão inscritos cerca de 130 alunos (japonenses, peruanos, norte-americanos, ingleses, austríacos, sul-coreanos, alemães, romenos, hungaros, franceses, brasileiros, gregos, argentinos e portugueses) que irão frequentar os diversos cursos de aperfeiçoamento das classes de piano, violino, violoncelo, musica de camara, canto, análise e guitarra clássica. Professores de diversas nacionalidades estarão, entretanto, presentes de 23 do corrente a 12 de Setembro para ministrarem as restantes classes. Assim, deslocar-se-ão a Cascais os professores Paul v. Schilhawsky (de Salzburgo, Austria), Sándon Végh (Zurique, Suíça), Jacques Steman (Bruxelas, Bélgica), Raul Sanchez (Genebra, Suíça), Yvonne Lefébure (Paris, França), Helena Costa (Porto), e o já citado professor Maurice Eisenberg (de Nova York) que desde ontem e até ao fim do mês ministrará as aulas de violoncelo.



Michael, norte-americano, tem 23 anos de idade e quinze violoncelo: «É a quinta vez que venho a Cascais»

Para esta classe estão inscritos 15 alunos, entre os quais fomos encontrar o jovem Michael Masters.

Há cinco anos que vem a Cascais

Com 23 anos de idade, nascido em Ohio, Michael tocou piano dos 4 aos 8 anos. Depois, e desde essa altura, dedicou-se exclusivamente ao violoncelo. Mas ouçamos as palavras do próprio Michael no seu português «arranhado»:

— *Aos oito anos comecei a tocar violoncelo até agora.*

— Porque vieste a Cascais?

— *O meu professor em Nova Iorque veio para aqui.*

— Quem?

— *O professor Eisenberg. Vim com ele para aprender. É também meu professor na Escola Juilliard.*

Michael, que vai concorrer ao III Concurso Internacional de Violoncelo, que decorre em Cascais de 1 a 7 de Setembro, é um forte candidato aos primeiros prémios (20, 15 e 10 contos para os primeiro, segundo e terceiros classificados do concurso). Para já, está no nosso país como bolseiro da Junta de Turismo da Costa do Sol, e é...

— *A quinta vez que venho a Cascais. Todos os anos venho.*

Por isso Michael sabe português, e diz as coisas que os turistas dizem: a gente de Cascais é muito simpática, etc. etc.

Veio de longe com o seu violoncelo

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

VENDA AO PÚBLICO

CONGRESSO DE MEDICINA ESCOLAR

Efectuam-se, no âmbito do VI Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, três exposições, duas das quais na Biblioteca Nacional, uma bibliográfica de Higiene Escolar e outra de tesouros. A terceira, didáctica, efectua-se na Faculdade de Letras.

Colaboram na exposição didáctica o Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, o Instituto de Meios Áudio Visuais de Ensino, a M. P. e a M. P. F.

As exposições bibliográfica e de tesouris serão inauguradas no dia 24 de Agosto, ás 13 e 15, pelo subsecretário de Estado da Administração Escolar.

A C.P. INFORMA:

APEADEIROS DE FAREJA E NESPEREIRA

A partir de 26 de Julho de 1971, estes apeadeiros deixaram de ser guarnecidos, pelo que a venda de bilhetes aos Srs Passageiros aí embarcados passará a ser feita pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, estes apeadeiros deixaram de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe.

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA

Cantam: Sérgio Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Besso e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria do Nazaré. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Reis, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alaindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Consumo mínimo: 60$00 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tino Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Tocam: Liberto Conde, Américo Silva e Victor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos **Encerra ás 2.as-feiras. Consumo mínimo: 70$00, Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946.**

ADAGIO

A presença de JOSE LETRIA Pop-Soul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Musico constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA —LISBOA—Tel. 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa— Musica constante ✲ Av. Marechal Carmona ✲ Tel. 367136 ✲ **Encerra ás 3 horas.**

[redacted]VIME

Conjuntos ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turistico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loule)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM
BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

O «DELFIM» DE JOSÉ CARDOSO PIRES ACONTECIMENTO LITERÁRIO NO BRASIL

A presença de José Cardoso Pires no Brasil, por ocasião do lançamento da edição brasileira do seu romance «O Delfim», tem provocado um vivo movimento de interesse pela sua personalidade e obra extensivamente, pela moderna literatura de língua portuguesa realizada em Portugal. Aliás, a Civilização Brasileira, dirigida por um intelectual notável, Ênio Silveira, inicia com a publicação de «O Delfim» uma campanha que visa levar ao público brasileiro alguns dos romances mais importantes escritos nas últimas décadas em Portugal.

Segundo as informações, que, através das agências telegráficas e da leitura dos jornais brasileiros, nos permitem avaliar a natureza do êxito extraordinário que este lançamento representa, José Cardoso Pires, alvo de intensa expectativa, chamou á Editora Civilização, aquando da recepção que ali foi oferecida em sua honra, algumas das maiores figuras da cultura brasileira viva, entre elas Rubem Braga, Otto Lara Rezende e Josué Montello, ex-adidos culturais em Lisboa, Carlos Drummond de Andrade, António Callado, Clarice Lispector, Odylo Costa Filho, Peregrino Júnior e Aurélio Buarque de Holanda, da Academia Brasileira de Letras.

Na Faculdade de Letras houve um colóquio, em que Cardoso Pires foi apresentado pelo prof. Costa Lima e pela dr.ª Amélia Lacombe. «O Delfim» era já familiar aos estudantes, pois tinha sido do livro de texto durante o ano lectivo, o que provocou um debate animado, com aspectos muito ricos na discussão da problemática, prestando o autor valiosos esclarecimentos para uma mais perfeita compreensão da sua obra. Os universitários brasileiros, no decorrer do diálogo, manifestaram a sua admiração por diversos escritores portugueses contemporaneos, entre eles Alves Redol, Augusto Abelairda, Herberto Helder e pela poesia de Luiza Neto Jorge e Firjamma aHsse aPis Brandão, José Gomes Fereira, Carlos de Oliveira, etc.

Cardoso Pires foi entrevistado nos estúdios da radiotelevisão Tupi, Canal 6, para o programa de Edna Savaget, em distribuição interestadual.

Em entrevista concedida ao jornal «O Globo», após o *cocktail* na Livraria Rubayat, em Ipanema (presentes Sérgio Bernardes, Fernando Sabino. Tom, Nara Leão, Osman Lins, Scliar, Odylo Costa Filho, etc.), Cardoso Pires afirmou: «Segundo os catálogos do ensaismo português eu seria o ponto de rebeldia da chamada «Geração 45», porque vim do neo-realismo e fiz parte do movimento surrealista dos anos 50. Mas a minha passagem pelo surrealismo foi realmente em transito, sem grande demora nas alfândegas da Breton e Nadeau. Então fiquei um pouco para cá da minha geração e muito directamente ligado aos escritores da fase pós-surrealista (...) A novelística portuguesa mais recente está obsessivamente lançada em expressões pessoais e esse é o seu índice mais valioso, acho eu. Trata-se de um país que lê muito ao nível da classe média e de uma juventude de bastante actualizada com a produção internacional. Em consequência, os deslumbramentos em relação aos modelos *à la page* são coisa ultrapassada. E felizmente que é também coisa ultrapassada o deslumbramento da herança do realismo desde Eça de Queirós a alguns escritores ainda vivos e de boa qualidade mas de estrutura naturalista».

Cardoso Pires tomou parte num encontro em Cabo Frio, promovido por Carlos Scliar, em que trocou impressões com Adamastor, Paulo Mendes de Campos, Luís Lobo e com os realizadores cinematográficos Carlos Diegues, Ruy Guerra, Pierre Kast e outras personalidades.

Toda a imprensa diária se refere, com o maior apreço, a José Cardoso Pires, à sua obra, à sua figura de intelectual. Aguinaldo Silva fez, em «O Globo» a análise de «O Delfim». Franklim de Oliveira critica o mesmo romance em «O Correio da Manhã». No Jornal do Brasil pronunciou-se MacKsen Luís, que considera «O Delfim» como uma profunda interpretação sociológica do Portugal de hoje. Também «A Cartilha do Marialva» tem sido objecto de diversas apreciações, salientando que foi Cardoso Pires quem deu um conteúdo sociológico novo a esta palavra, que entrou no domínio da língua comum.

«TODA A LITERATURA TEM DE SER CRÍTICA»

Em entrevista dada a Bruno Paraíso, no «Correio da Manhã», que publica também o primeiro capítulo de «O Delfim» (romance já editado na França, Inglaterra, Alemanha. Itália e Checoslováquia e que mereceu o aplauso incondicional de Claude Couffon nas *Lethes Françaises:* «Um livro admirável, que poderia provar, a quem ainda tivesse dúvidas, que existe uma literatura apaixonante em Portugal»), Cardoso Pires afirmou: «Toda a literatura, mesmo quando é exaltante, tem de ser crítica. O escritor, como artista, é um homem com um grande desejo de perfeição. Ainda que esteja numa cidade evoluída, o seu desejo de perfeição é de tal importancia para ele que não pode ser um indivíduo integrado no *establishment*. É sempre um descontente útil. É sempre um homem que olha para a frente, com qualquer coisa de profecta. A disciplina de um escritor é extremamente impalpável (...) Não é que seja um animal raro, o animal solitário de que falava Lawrance Durrell. Isso é uma fantasia burguesa da dispersão. O que eu entendo é que ele é um homem de faro mais longo. E oriente o seu faro em determinado sentido, como em determinados animais. Detecta a sociedade através de um clima, de uma temperatura e não pròpriamente de factos muito concretos e imediatos de política e de sociologia. O que não quer dizer que o escritor fique alheio á política.»

Na entrevista que concedeu ao «Jornal do Brasil», a Macksen Luiz, explicou Cardoso Pires: «É evidente que fui para Londres porque estava cansado psicològicamente do meu ambiente. Escrever é uma actividade muito dependente da temperatura ambiente.»

«UM MISTÉRIO QUE SE NÃO REVELA»

Para Leo Gibon Ribeiro («Jornal da Tarde» — O Estado de São Paulo), Cardoso Pires é um escritor complexo como Camus, irónico como Günther Grass, transcendental como Camus. De leitura obrigatória.

Nogueira Moutinho («Folha de São Paulo), referindo a influência de Hemmingway que alguns apontam em Cardoso Pires, acentua em «O Delfim» «a intensidade da narrativa, seu ritmo lento e sinuoso, sem falhas, preso a um mistério que não se revela» e acerca da literatura portuguesa de hoje escreve: «Uma Augustina Bessa Luís, um Fernando Namora, um Urbano Tavares Rodrigues, um Jorge Reis, um Alves Redol, um Vergílio Ferreira, nomes que formam ao lado do de Cardoso Pires a brilhante constelação ficcional lusitana de hoje,

são aut[...]
e alarga[...]
mundo, [...]
lo privil[...]
guagem [...]
pouco [...]
mos de [...]
se cria[...]
nente n[...]
panhola [...]
Vargas [...]
quez, I[...]
Casares, [...]
res mar[...]
so cân[...]
recenten[...]
duções, [...]
tários, à [...]
do mai[...]
continen[...]
verno [...]
param [...]
cerne [...]
permane[...]
público [...]
O mesm[...]
derá ag[...]
literatur[...]
afim q[...]
a que [...]
língua, [...]
Atlântic[...]

CARDOSO PIRES A LEITURA DE PORTUGAL

MACKSEN LUIZ

É raro um escritor português de geração mais jovem nos visitar. José Cardoso Pires está no Brasil para o lançamento de seu romance *O Delfim*, o primeiro de uma série que a Editôra Civilização Brasileira espera lançar. Inquieto, extremamente preocupado com o movimento cultural de seu país, Cardoso Pires lançou a pergunta: quem é o português? Na busca da resposta, fêz sua obra

A visita de Cardoso Pires tem dupla função: lançar seu livro O [...] e abrir o mercado brasileiro para a literatura port[...]

A visita de José Cardoso Pires ao Brasil abre perspectivas bem maiores do que o simples lançamento de seu livro *O Delfim*. A falta de comunicação cultural entre Brasil e Portugal redus nosso conhecimento de literatura portuguêsa a dois, no máximo três, escritores. Agora que a Editôra Civilização Brasileira inaugura sua Coleção Caravelas (literatura portuguêsa em edições brasileiras) com o título de José Cardoso Pires, o mercado editorial nada mais faz que reconhecer uma falha.

José Cardoso, como todo português, é um homem afável que aparenta menos 10 anos do que sua idade real (45 anos), meio reservado e extremamente cauteloso. Nada diz que seja supérfluo ao raciocínio, ainda que não consiga fugir ao excesso de loquacidade do português. Mas seus dois anos em Londres — foi professor de Literatura do King's College da Universidade de Londres — lhe deram uma postura intelectual de rigor analítico. Estar no Rio representa uma volta de oito anos nas suas vivências. Por isso seu entusiasmo pela cidade é franco e nada camuflado.

— Andei de Ipanema até ao Leme. Foi quase uma redescoberta da cidade depois de tânto tempo. Gosto muito do Rio, que sempre me lembra aquela canção da Nara que diz que "mas que nunca é preciso cantar." Esta é uma cidade que continua a cantar, é um lugar espontâneamente alegre. Mas tem, por outro lado, uma palidez sombria que se prolonga sem interferir no clima de amabilidade que a envolve. Nunca conheci uma cidade tão atlântica quanto o Rio. Lisboa, Cap Town também o são, mas em nenhuma delas sinto esta sensação de estar dentro de um navio como aqui.

À insinuação de dados biográficos, José Cardoso Pires logo se retrai. É uma pessoa de hábitos simples, como as histórias que conta, casado e que adora Barcelona.

— Tenho dificuldade em falar sôbre isto. Embora fôsse até agora professor de Literatura em Londres e esteja habituado a dar aulas, mas é sempre mais fácil falar dos outros do que de nós mesmos. Prefiro ser provocado por perguntas. Estou com 45 anos, quero viver ùnicamente dos meus livros. Por isso deixei de lecionar. Por outro lado, Londres era uma cidade de que muito gostava, mas que agora começa a perder seu encanto.

É quando fala de Barcelona que José Cardoso Pires começa a revelar o escritor.

A trajetória

O clima estimulante de criação de Barcelona e mais a ligação familiar com a Espanha colocam a cidade quase que como um símbolo da criatividade não colonizada.

— Pertenço a uma corrente na literatura que reagiu às tradições, as piores que existem, da cultura francesa. De cultura extremamente formalista e burguesa, a França nos deixou uma restrita liberdade de movimentos. Portugal, a exemplo de outros países, herdou o que de menos estimulante havia na cultura francesa. Em 1945, quando alguns escritores jovens reuniram-se quase em um manifesto, tivemos uma luta bastante grande contra o naturalismo novecentista de um Eça de Queirós. Afirmei, por esta época, que gostava mais de Machado de Assis do que de Eça, para grande escândalo. Prefiro Machado como forma pois seu estilo é mais *ad libitum* do que o de Eça, ainda que êste tenha uma temática mais rica.

Por uma filiação e procura nas raises portuguêsas, a revista francesa *L'Express* atribuiu a José Cardoso Pires a criação de um estilo a que a revista deu o nome de "portugalidade." Cardoso Pires não reconhece a expressão e muito menos o estilo.

— A geração de escritores a qual pertenço está impregnada de uma filosofia chamada "filosofia portuguêsa", integralista, representada por Coimbra. Como reação a esta filosofia há uma geração de escritores *engagés*, neo realistas. Todos nós viemos dêstes dois grandes troncos. Foi preciso muito cuidado para que o neo-realismo português não caísse no romantismo. E quanto ao que a revista me atribui, isto é lá nomenclatura dela.

Mas a verdade é que, mesmo sem o querer, Cardoso Pires pode ser um representante desta "portugalidade." A evolução de seus livros só o provam. O primeiro dêles, *Os Caminheiros e Outros Contos*, não encontrou ninguém que o quisesse editar. Prova de que violava certos padrões. Com a ajuda de amigos, conseguiu publicá-lo.

— Foi difícil a edição de *Caminheiros* por ser um livro radicalmente contra a tradição francesa. Estava mais ligado a uma certa literatura norte-americana. Por multas razões, êste é um livro que não quis que fôsse reeditado.

Uma discreta experiência surrealista, que nunca o atingiu, foi apenas o estágio que mostrou que "o surrealismo não é uma corrente, não é coisa nenhuma, é sòmente uma atitude perante a vida."

— A viagem episodica ao mundo surrealista teve a vantagem de nos treinar dentro de uma certa liberdade interior, na expressão formal e em tudo mais. Em todo caso, foi uma ruptura com aquela literatura de Vossa Excelência, tão comum em Portugal.

A chegada

O Delfim é um romance que trata de um Portugal que acaba. O dos grandes senhores aristocráticos de base rural. Cheio de caminhos insinuados, é um romance construído com detalhes e rigor, numa pesquisa clara de forma.

— Portugal é um país que vive de abstrações. Quando um indivíduo não tem capacidade de se reconhecer nas atitudes que pratica, desenvolve a tendência em criar uma carapaça, mitomaniza sua vida. Cria, como defesa, uma imagem falsa de si. A mitomania é realmente típica de tôda uma geração de Portugal. Por isto quis dar neste livro a imagem dêste problema. A própria estrutura do livro é partida. O que desejo é que o leitor, ao chegar ao final, se pergunte: "Isto é grave? Isto é mentira? Onde estou?" Tudo fica um pouco flutuante, sem respostas definitivas, como a realidade. Não há pròpriamente uma história, no sentido tradicional da narrativa. Para alguns pode ser uma simples história policial. *O Delfim* é um livro de insónia.

Antes da publicação de *O Delfim*, Cardoso Pires escreveu *Cartilha do Marialva* e *Hóspede de Jó*, dois romances feitos num momento psicológico muito especial. Cardoso Pires estava cansado do ambiente que o cercava, vivia como que esmagado pelas condições. O convite de Londres chegou-lhe no momento em que acabava de publicar *O Delfim*, hoje na 4a. edição portuguêsa.

— É evidente que fui para Londres porque estava cansado psicològicamente do meu ambiente. Escrever é uma atividade muito dependente da temperatura ambiente. Todo e qualquer condicionamento (dinheiro, política, as próprias autocensuras) criam terríveis inibições. O que é grave. Penso que o escritor não é só o homem que faz uma obra, é o homem em dimensão mais vasta.

Com desalento, algun[...] ânimo e incorrigível esp[...] Cardoso Pires, de rosto [...] fala um pouco mais pausad[...] ça o panorama da literatu[...] tuguêsa de hoje. Sua visã[...] da que pessimista, inclui [...] sa da vitalidade.

— Portugal não co[...] formar outra geração [...] minha. Sobretudo na pro[...] Almeida de Faria, um jo[...] 25 anos, mas que no fund[...] deve à nossa geração. Os [...] vivem sôbre a égide da [...] em todos os níveis. [...] abrem-se concursos literári[...] surge nenhum nome. Na [...] ainda há um certo alent[...] pouco.

O problema, segundo [...] Pires, não é exclusivo de [...] gal. Outros países, em [...] diferentes de desenvolvi[...] como a França, a Inglater[...] lia e Alemanha, não têm [...] grandes nomes.

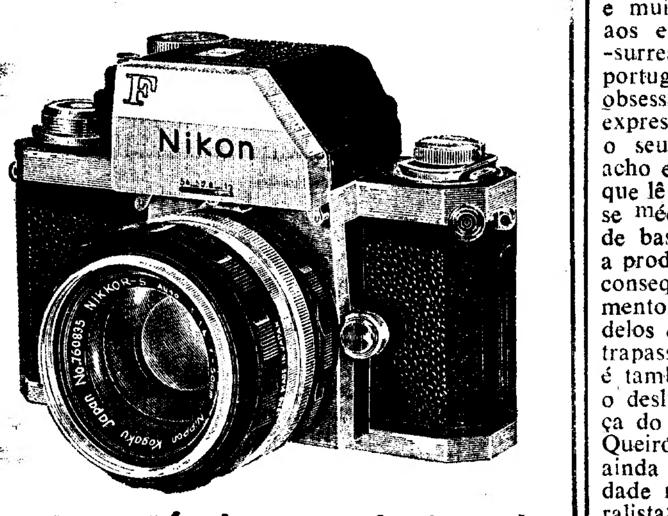
— Êsses são países de [...] consumo literário e, no [...] não apareceu ninguém [...] destacasse. A França, por [...] plo, é uma miséria em mat[...] ficção. Mesmo assim P[...] tem uma literatura extren[...] te variada, ainda que nã[...] vada. Alves Redol, por e[...] é um nome importante co[...] produção irregular de qu[...] Aquilino Ribeiro, destaq[...] sua geração, é infinitame[...] perior a Lampedusa de *Il* [...] *pardo*. Escreveu um roman[...] trata do mesmo tema e co[...] to mais profundidade. Fe[...] Namora é conhecido de vo[...] sileiros. Carlos Oliveira [...] uma qualidade formal m[...] bria. Júlio Ferreira sofre [...] cia de Malraux e carrega [...] te na dose mística. Augus[...] taíra tem sua obra constru[...] modo que cada livro está [...] ligado ao anterior. Porém [...] romancista com estrutura [...] ca muito pessoal. Seu livr[...] significativo é *A Cidade d[...]* *res*. Almeida Faria é jov[...] anos), numa linha de ins[...] [...] Luís Pach[...] uma [...] de Jean Gên[...] tuguês, um sujeito cheio [...] teresse, mas com obra p[...] É um aventureiro das [...] cheio de originalidade [...] quismo interior

Cardoso Pires no «Jornal do Brasil»

SE VIR UMA

Nikon F

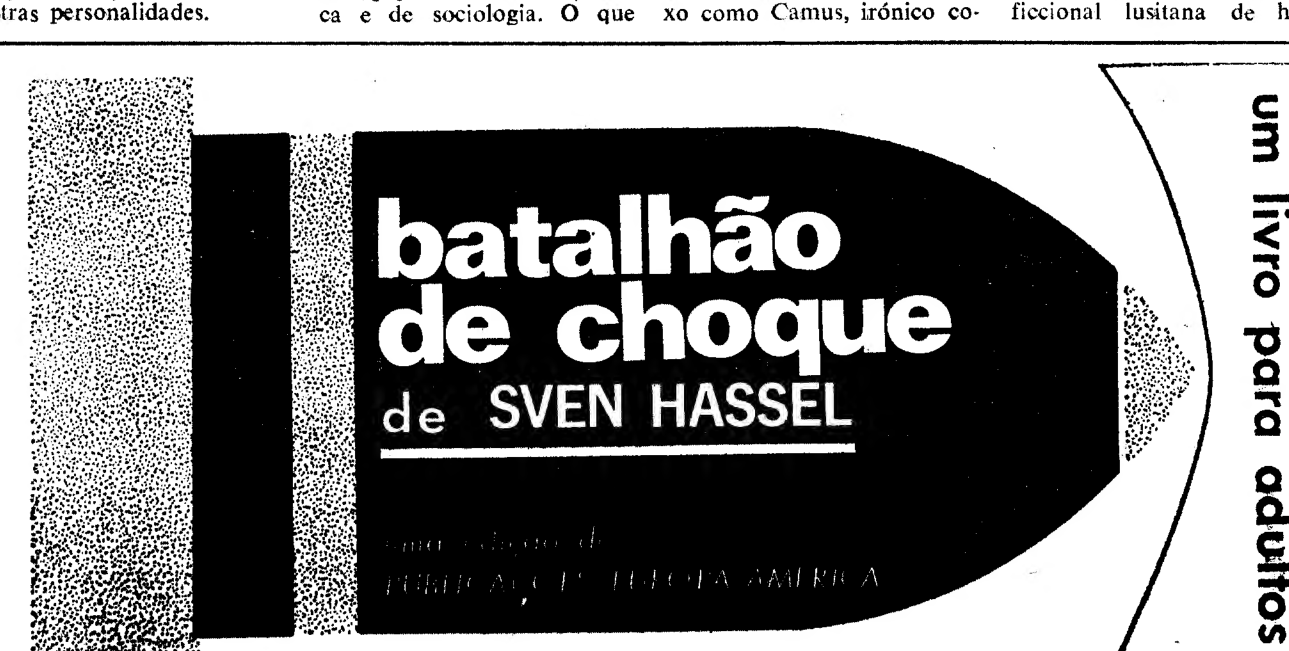
NUMA MONTRA...
VOCÊ SABE QUE AÍ ESTÁ UM VERDADEIRO ESPECIALISTA



Sómente um técnico competente pode aconselhar com toda a tranquilidade de espírito uma NIKON "F"... porque ela é utilizada pelos melhores fotógrafos do mundo, e o arsenal das objectivas e acessórios NIKON permite-lhe enriquecer o seu equipamento á medida dos seus progressos e das suas necessidades. O sistema NIKON compreende 43 objectivas (de 6 mm a 2000 mm), 4 sistemas de visor, 17 vidros despolidos, 200 acessórios e o famoso prisma PHOTOMIC FTN. Se você sonha em novas aventuras fotográficas, em macro ou micro-fotografia... então adquirirá uma NIKON "F".

À venda sómente nas casas altamente especializadas em artigos fotográficos de qualidade.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
DEPARTAMENTO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 361545 (4 linhas) LISBOA



A S[...]
Fund[...]

...ar seu livro O Delfim
literatura portuguesa

...ssalento algum desá...
...ncorrigível esperança
...ires, de rosto grave e
...uco mais pausada, tra...
...rama da literatura por...
...e hoje. Sua visão, ain...
...mista, inclui a certe...
...idade.

...rtugal não conseguiu
...ra geração além da
...bretudo na prosa. Itá...
...e Faria, um jovem de
...as que no fundo nada
...ma geração. Os jovens
...re a égide da censura
... os níveis. Quando
...concursos literários, não
...hum nome. Na poesia
... um certo alento. Mas

...ema, segundo Cardoso
... é exclusivo de Portu...
...s países, em estágios
... de desenvolvimento.
...ança, a Inglaterra, Itá...
...anha, não têm revelado
...mes.

...s são países de grande
...terário e, no entanto,
...eceu ninguém que se
... A França, por exem...
...mística em matéria de
...mo assim Portugal
...literatura extremamen...
..., ainda que não reno...
...e Redol, por exemplo
...importante com uma
...regular de qualidade
...Ribeiro, destaque em
...o, é infinitamente su...
...ampeduda de *O Gatto*...
...reveu um romance que
...esmo tema e com mui...
...profundidade. Fernando
...conhecido de vocês bra...
...rios Oliveira possui
...idade formal muito só...
...Ferreira sofre influên...
...raux e carrega bastan...
...mística. Augusto Abe...
...sua obra construída, de
...cada livro está muito
...anterior. Porem é um
...com estrutura técni...
...pessoal. Seu livro mais
...o é *A Cidade das Flô*...
...a Faria é jovem (30
...na linha de inspiração
...Manuel Pacheco é
...ue Jean Genet por
...sujeito cheio de in...
...a com obra pequena
...entureiro das letras
... originalidade e sinal
...ter?

...sil»

são autores que enriquecem e alargam a nossa visão do mundo, através desse veículo privilegiado que é a linguagem literária. Até há pouco tempo desconhecíamos de todo a literatura que se criava em nosso continente nos países de fala espanhola. Borges, Cortázar, Vargas Llosa, García Marquez, Lezama Lima, Bioy Casares, Rulfo eram escritores marginalizados em nosso cânone novelístico. Só recentemente, graças a traduções, a estudos universitários, à concessão a Borges do maior prémio literário continental, criado pelo Governo de São Paulo, escaparam esses escritores do cerne da sombra em que permaneciam, ignorados do público leitor de alto nível. O mesmo, esperamos, sucederá agora à outra grande literatura que vos é tão afim quanto desconhecida: a que se escreve em nossa língua, na outra margem do Atlântico.»

O ENSINO CIENTÍFICO DA ARQUEOLOGIA PEDIDO NO I COLÓQUIO NACIONAL JUVENIL

PORTO 5. — Encerraram-se os trabalhos do I Colóquio Nacional Juvenil de Arqueologia que decorreram, como nos referimos, no Liceu de Garcia de Orta.

Na sessão de encerramento, usou da palavda o presidente do colóquio, sr. Paulo Oliveira, que, a certa altura, disse:

— Além de um convívio são e útil, que nos foi permitido num estabelecimento de ensino modelar, tomámos consciência de numerosos problemas que afligem a arqueologia portuguesa: o abandono de tantas estações, a falta de orientadores válidos, que ensinem e dirijam os estudantes em todo o País no estudo do domínio da ciência arqueológica, a falta da nossa participação — nossa, da juventude aqui presente — e outra nas escavações que estão a ser efectuadas por arqueólogos responsáveis no País.

Depois de agradecer ás entidades que apoiaram a realização do colóquio, o orador leu as conclusões gerais das comunicações:

«1 — Que se mantenha o critério seguido, que foi o da honestidade, do espírito de abertura e humildade que presidiu á elaboração dos trabalhos que foi deixado inteiramente ao critério dos participantes.

«2 — Que os temas continuem a versar assuntos nacionais ou internacionais.

«3 — Que seja pedida a colaboração do numero cada vez maior de centros locais juvenis, dedicados á arqueologia, no sentido de se obter uma cobertura cada vez maior das estações portuguesas, sua inventariação, colecções guardadas em museu de província, colecções particulares e material para elaboração de uma carta arqueológica.

«4 — Que seja elaborado, o mais rápidamente possível, um glossário dos principais termos usados em arqueologia e um manual de iniciação á mesma»

Protecção eficiente dos monumentos arqueológicos

E sobre a protecção dos monumentos arqueológicos:

«1 — Reconhecendo unanimemente, e conscientes do valor nacional e universal dos monumentos arqueológicos, e considerando permente a necessidade de os proteger com eficácia, é nosso voto especial que seja elaborado um pedido dirigido a sua Ex.ª o ministro da Educação Nacional, no sentido de serem promovidas medidas enérgicas para se pôr termo imediato ás delapidações e abusos a que estão sujeitos os monumentos arqueológicos em Portugal, á falta de fiscalização das colecções guardadas em museus insuficientemente controlados, que se ponha cobro ao coleccionadorismo abusivo e ao comércio de objectos valiosos com museus estrangeiros.

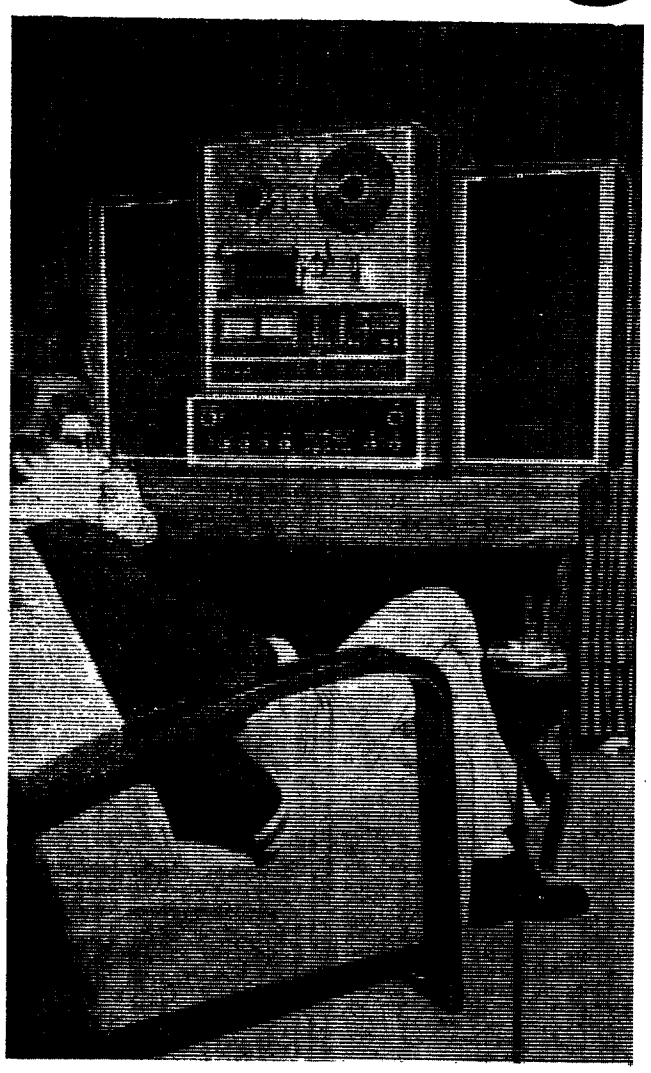
«2 — É, também, nosso voto especial que se promova o ensino científico da arqueologia desde os níveis básicos do ensino, dando o lugar que lhe compete e a que tem direito, um curso universitário da especialização em Arqueologia, ao qual se siga uma carreira profissional de investigadores nesse ramo da ciência.

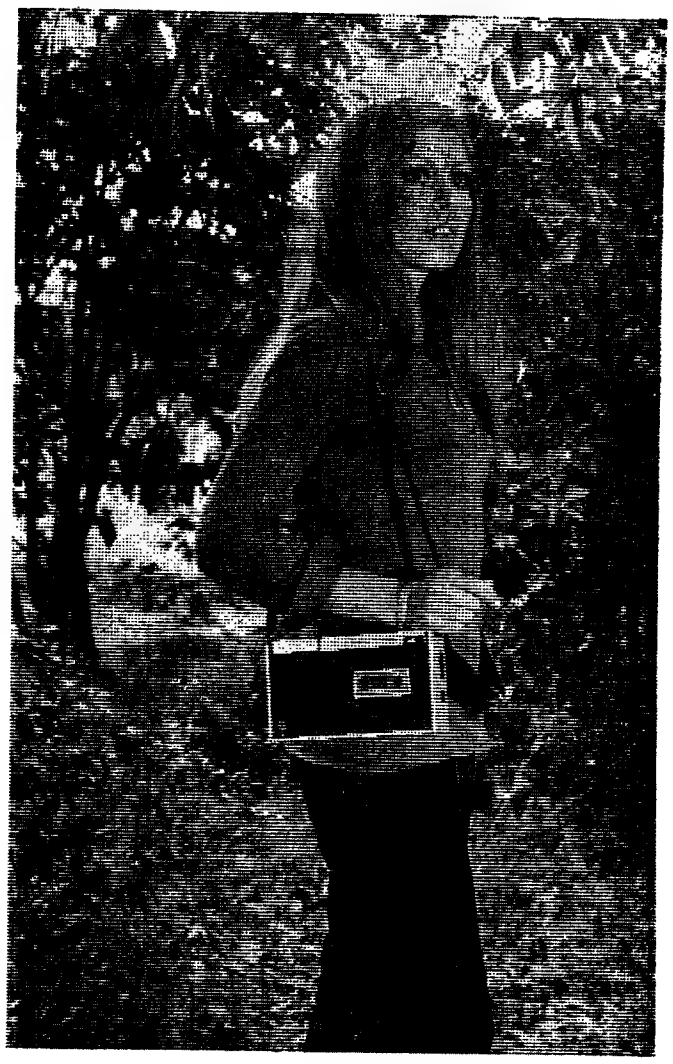
«3 — Neste ultimo ponto, prevê-se a realização, no próximo ano, do II Colóquio, pelo que ao ministro da Educação Nacional foi enviado o seguinte telegrama: «Jovens reunidos Colóquio Juvenil de Arqueologia agradecem possibilidades dadas e projectam um colóquio contando, desde já, com o apoio de V. Ex.ª.»

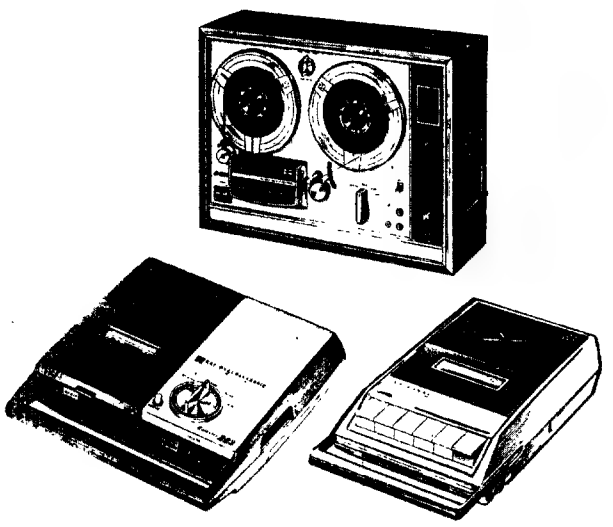
1.ªs JORNADAS LUSO-BRASILEIRAS DE CIRURGIA PEDIÁTRICA

No Hospital de D. Estefania, decorem de 9 e 11 deste mês, as 1.ªs jornadas Luso-Brasileiras de Cirurgia Pediátrica. A sessão solene de abertura presidirá o ministro da Saude.

conhece realmente o meu gravador?







Se conhece o meu gravador NATIONAL, o portátil ou o de mesa, pois óptimo!

Está portanto, tão contente como nós e confiante de ter feito uma boa escolha; Melhor, pode confirmar como nós, as vantagens da técnica avançada dos nossos gravadores e da excelente qualidade dos produtos NATIONAL.

Não conhece? Pois pode ter a certeza de que, entre os vários modelos que constituem a completa gama de gravadores NATIONAL há, sem dúvida, pelo menos mais do que um, que corresponde àquilo que V. entende por um «BOM GRAVADOR».

É exigente? Também nós!... daí a razão da nossa preferência.

NATIONAL

sonipol • LISBOA – PORTO

AS JÓIAS, AS PRATAS DA Ourivesaria da GUIA SÃO DIFERENTES!

Fundada em 1875

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Agosto de 1941 publicava:

CHANGAI, 5 — Informam de Saigon que o Grande Quartel General das tropas japonesas na Indochina publicou ontem que, segundo o acordo franco-japonês sobre a defesa comum da Indochina, o desembarque que começou em 28 de Julho se completou agora. Todas as tropas japonesas atingiram as bases previstas no acordo. O Grande Quartel General japonês recorda que as operações foram efectuadas numa atmosfera pacífica e na mais admirável colaboração com as autoridades francesas.

O SEU SIGNO POR 5$00

Envie esta importância em selos do correio e receberá de seguida a leitura da vossa vida, explicando «O vosso carácter», «O que sois em amor», «A escolha do casamento», «O vosso talento», «O que deverão empreender», «O que deverão evitar», «A vossa saúde», etc., etc.

Indicar mês e dia do vosso nascimento.

Catálogo de novidades GRÁTIS.

Pedidos a
M. A. NASCIMENTO
Apartado 265 — PORTO

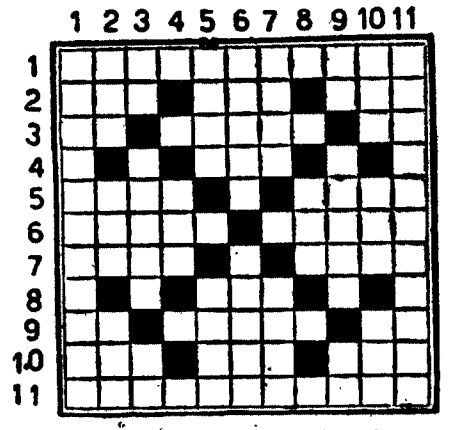
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5974

HORIZONTAIS: 1 — Introduzisses num país (coisas provenientes de países estrangeiros). 2 — Conjunção. Prefixo que designa ar. Fileira. 3 — Rio de Itália. Possessão portuguesa na Ásia. O mais. 4 — Artigo definido. Rio de França e da Bélgica. 5 — Invulgar. Bosque. 6 — Duração. Aparelho que serve para visar. 7 — Jarro (planta). Prendei. 8 — Algum. 9 — Novecentos em romano. Fadista. Preposição. 10 — Seguias. Entregar. Armadilha ou esparrela. 11 — Alojarias.

VERTICAIS: 1 — Quantia. 2 — Punhado. Mãe de Rómulo e Remo (inv.ª). Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 3 — Post scriptum. Equipam. Solitário. 4 — Timão do arado ou da charrua. 5 — Carril, calha de ferro. O essencial, o indispensável. 6 — Receava. Cidade da Palestina ao N. do lago Tiberíade. 7 — Anéis. Saltério. 8 — Dá mios. 9 — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Cansa. Letra grega. 10 — Rei de Israel. Corda de reboque. Basta! 11 — Avançaríamos.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5973

HORIZONTAIS: 1 — Mad. Caá. Uai. 2 — Aramá. Cento. 3 — Edimburgo. 4 — Amanrai. O. 5 — SS. Arari. Cs. 6 — SEU. Asa. Dás. 7 — Ampos. Miolo. 8 — Leal. A. Naná. 9 — Tar. SEU. Oro. 10 — Ar. Carga. Ab. 11 — Marco. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Ma. Assaltam. 2 — Are. Semeara. 3 — Dada. Upar. 4 — Mimo. Al. CC. 5 — Câmaras. São. 6 — Brás. Aer. 7 — Acurram. Uga. 8 — Erai. Ia. An. 9 — Ungi. DONO. 10 — Ato. Calaras. 11 — Io. Ossónoba.

Provérbio: O SEU, A SEU DONO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9817

HORIZONTAIS: 1 — O mesmo que aprear. Freguesia do concelho da Figueira da Foz. 2 — Preposição e artigo definido. Povo sertanejo de Angola. 3 — Carne de porco, da parte inferior do lombo. Fruto da ateira; 4 — Dá mios. Ala do exército (ant.). 5 — Desliga. 6 — Cidade do estado do Paraná. Célebre poeta e música grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. 7 — Igualara. 8 — Contracção da preposição de e artigo definido. Ecoa. 9 — Renque. Medida grega, de comprimento. 10 — Contestariam. Lê. 11 — Letra grega. Vigias.

VERTICAIS: 1 — Cidade de França. Fundador de Tróia, antepassado dos Troianos e Romanos. 2 — Letra grega. Espaço de trinta dias. Acolá. 3 — Ofício divino. Procede. 4 — Antes do meio dia. Aguça (s. q.). 5 — Freguesia do concelho de Penafiel. Zombar. Agora. 6 — Luz. Separei. 7 — Ponta aguda. Em as. Ala ou flanco (ant.). 8 — Prefixo de privação. Imposto aduaneiro que, nas Novas Conquistas (Índia Portuguesa), se pagavam sobre bambus, lenha, etc. Pronome pessoal. 9 — Passada. Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. 10 — Canoa de casco de árvores com a proa e a popa achatadas. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Caminha. 11 — Classe de compostos resultantes da acção das hidrocinas sobre as cetonas e os aldeídos. Prescrutas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9816

HORIZONTAIS: 1 — Guatemala. 2 — Mar. Aba. 3 — AT. Lesso. Me. 4 — Les. Mat. Aos. 5 — Imole. Impia. 6 — Sacas. Gorar. 7 — Ais. Até. 8 — Ur. Serre. La. 9 — Rim. Meã. MIV. 10 — Gaio. Romã. 11 — Ostra. Pecam.

VERTICAIS: 1 — Salisburgo. 2 — Tema. Rias. 3 — Um. Soca. Mit. 4 — Aal. Lais. Or. 5 — Tremessem. 6 — Sa. Rei. 7 — Mastigara. 8 — Aba. Mote. Re. 9 — La. Apre. Com. 10 — Moia. Lima. 11 — Desarmavam.

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

5 itinerários diferentes
Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

LOURDES—ANDORRA—MADRID	9 dias	3.900$00
GALIZA e COSTA CANTÁBRICA	9 dias	3.350$00
LOURDES—PARIS—ANDORRA—MADRID	15 dias	5.500$00
BENELUX—VALE DO RENO—SUIÇA	21 dias	9.750$00
SUIÇA—ÁUSTRIA—ITÁLIA	24 dias	10.950$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em:

BELOS Turismo

SETÚBAL—Avenida 5 de Outubro — Telef. 23291
ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254
LISBOA — Rua do Ouro, 242 — Telef. 33019

TELEVISÃO

Tome contacto com o mundo vendo através de um SIEMENS não há aborrecimentos. Compre na **CASA MAX** — Av. Praia da Vitória, 2 e 2-c; R. D. Estefânia, 193, 193-f.

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES

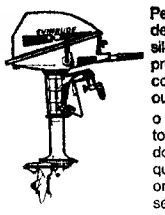
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a CP, que graças a acordos estabelecidos com os Caminhos-de-Ferro Franceses e Ingleses, podem reservar-se em Portugal lugares para carros, autocarros e passageiros nos Car Ferries e Hovercraft («barcos-voadores») que asseguram a ligação Continente/Inglaterra/Irlanda e vice-versa, através do Canal da Mancha, quer os interessados sigam no Auto-Expresso Lisboa/Paris, quer desejem apenas a ligação citada.

MOTOR PEQUENO PARA PEIXE GRANDE



Pequeno, leve de linhas invulgares, silencioso e seguro, protegido no hélice contra a vegetação aquática ou obstruções submersas, o **EVINRUDE 4 HP** torna-se o motor de eleição dos pescadores que preferem as águas onde os maiores peixes se escondem.

Modelos com e sem depósito de combustível incorporado.

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 7794
ETP-EV-2 A

Actualidade internacional

Mantém-se a posição israelita em relação ao Canal de Suez

JERUSALEM, 5 (Por Ray Wilkinson da UPI — Exclusivo da ANI em Pòrtugal) — Os dirigentes israelitas não se afastaram da posição firme que adoptaram sobre as condições para a reabertura do canal de Suez nas suas conversações com o secretário de Estado adjunto norte-americano Joseph Sisco — informa-se em círculos do Governo.

«Principalmente o primeiro-ministro, Golda Meir, manteve-se firme nessa posição que já tinha declarado publicamente».

Essa atitude, que tanto os jornais como alguns círculos governamentais disseram ter Sisco tentado abrandar, exige que o Egipto honre um ilimitado cessar «fogo e não envie tropas através do canal desde que Israel concorde com a reabertura do canal e com uma retirada parcial das suas tropas. O Egipto rejeitou esta posição.

Sisco teve ontem o seu terceiro encontro com Golda Meir e os seus principais conselheiros.

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, descreveu as conversações de Sisco como parte duma «discussão contínua sobre uma solução intermediária da crise do Médio Oriente».

A televisão israelita afirmou que as conversações entre Israel e os Estados Unidos e Washington e o Cairo, para se chegar a um acordo intermediário, continuarão

Oficialmente, nem os Estados Unidos nem Israel comentam os resultados da visita de Sisco a Israel.

O secretário de Estado adjunto terá hoje um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, para discutirem «assuntos de carácter internacional», assistirá a uma recepção oferecida pelo embaixador norte-americano, Walworth Barbour, esta noite, e regressará a Washington amanhã

A Guiné pediu à ONU para adiar o envio da missão encarregada de investigar as acusações contra Portugal

NAÇÕES UNIDAS, 5 (R.) — A Guiné solicitou, a noite passada, á ONU para adiar o envio de uma missão para apuramento de factos, a fim de investigar acusações de que Portugal planeava uma invasão daquele Estado da Africa Ocidental.

O Conselho de Segurança decidiu anteontem, á noite, enviar uma missão de três membros de países da ONU, após a Guiné apresentar formalmente uma queixa acerca de alegadas manobras portuguesas.

Abdoulaye Touré, o representante guineense, visitou o presidente do Conselho de Segurança, o italiano Pieró Vinci, e o secretário-geral U Thant, para entregar uma mensagem do presidente Ahmed Sekou Touré.

Não foram revelados detalhes da mensagem. Um membro africano afirmou, depois, que o presidente da Guiné não desejava a visita da missão e exigia medidas mais concretas por parte do conselho de segurança.

Um comunicado da ONU disse, mais tarde, que Abdoulaye Touré tinha transmitido uma mensagem do seu presidente «pedindo o adiamento do envio da missão».

Uma fonte ocidental, geralmente fidedigna, afirmou que havia razão para acreditar que o presidente Touré não tinha pressa em que a missão visitasse a Guiné, visto a própria resolução do conselho sobre o caso ser adequada por enquanto

Uma fonte diplomática declarou, após o acontecimento de ontem, á noite, que existia uma lacuna acerca da nova missão.

Não se tornou imediatamente claro que o conselho de segurança seria ainda convocado em sessão para estudar a nova situação.

«Crise cósmica do mês de Agosto»

RAVENA, 5 — (F. P.) — Um tremor de terra com a intensidade de 10 graus da escala de Mercalli foi registado a noite passada, pelos instrumentos do Observatório Bendandi, de Faenza, perto de Ravena. O cataclismo, anuncia um comunicado do observatório, deu-se a 7800 quilómetros a nordeste de Faenza

O movimento sísmico, indica o observatório, começou pouco depois das 2 horas TMG com uma série de vibrações preliminares que se foram ampliando.

Às 02 h 40 TMG os estiletes saltaram dos cilindros registadores. O sismo prosseguiu durante três horas.

Este tremor de terra, indica o observatório, marca o início da crise cósmica do mês de Agosto, anunciada desde o princípio deste ano.

Aprovada em Inglaterra a Lei das Relações Industriais

LONDRES, 5 (R.) — A discutida lei britanica das relações industriais foi aprovada, ás primeiras horas de hoje, na Camara dos Comuns.

O Governo conseguiu a aprovação da lei por uma maioria de 37 votos.

Até ao fim, a oposição trabalhista manteve a sua azeda hostilidade contra a medida, que deverá receber ainda hoje a aprovação da rainha Isabel e entrar em vigor.

O Governo considera essa importante legislação como o cumprimento da sua promessa eleitoral de acabar com as greves-relâmpagos e de melhorar as relações entre o patronato e os sindicatos, dentro de estruturas legais. Ministros esperam que a lei anuncie uma nova era na industria.

Contudo, o Partido Trabalhista, cuja própria tentativa de reforma nesse campo foi abandonada pelo Governo anterior, ameaçou cancelar lei quando voltar ao poder.

Quinta desvalorização do cruzeiro desde o início do ano

BRASÍLIA, 5 — (F. P.) — O Governo brasileiro decidiu ontem desvalorizar novamente o cruzeiro, pela quinta vez desde o início do ano. Esta desvalorização é de 2,8 por cento.

Desde o princípio do ano, o cruzeiro sofreu desvalorizações da ordem dos 9,14 por cento.

U THANT RECUSARÁ NOVO MANDATO

NOVA IORQUE, 5 (F. P.) — U Thant confirmou, ontem, a sua decisão de recusar um novo mandato de secretário geral, depois de expirar o actual, no fim deste ano.

O secretário geral repetiu a sua decisão perante um congresso de representantes de mais de cem associações budistas, que o recebeu na sede da ONU.

Apesar destas afirmações repetidas, um certo numero de delegações, e não das menos influentes, continuam a pensar que o secretário geral aceitará o prolongamento do mandato pelo menos por mais um ano.

Desmentida uma notícia sobre a libertação de 183 militares americanos prisioneiros do Vietnam do Norte

ESTOCOLMO, 5 — (ANI) — O Governo Sueco, tal como o norte-americano, desmentiu que tivesse qualquer conhecimento da iminente libertação de prisioneiros de guerra em poder do Vietnam do Norte.

O jornal «Dagens Nyheter» disse, em notícia na primeira página, que Hanói libertaria, dentro em breve, 183 militares norte-americanos, os quais seriam transportados num avião escandinavo fretado.

De acordo com o jornal, que citava «círculos confidenciais» a libertação dos norte-americanos era o resultado de contactos havidos entre entidades norte-americanas na europa e as autoridades norte-vietnamitas nos fins de Julho.

O «Dagens Nyheter» disse, ainda, que a repatriação devia ser efectuada em 6 de Agosto, mas que por razões não explicadas fora adiada para o dia 12.

Entretanto, o embaixador sueco em Hanói e Pequim, dr. Arne Bjornberg, declarou, na madrugada de hoje, que se a notícia da libertação dos prisioneiros de guerra norte-americanos pelo Vietnam do Norte é verdadeira, isso significa que «os Estados Unidos concordaram numa data para a retirada das suas tropas do Vietnam».

Depois de observar que, pessoalmente, nada sabia dos planos referidos pelo jornal de Estocolmo «Dagens Nyheter» o dr. Bjoernberg disse: «Temos de aguardar confirmação oficial».

UMA DECLARAÇAO DA CASA BRANCA

WASHINGTON, 5—(ANI) — A Casa Branca distribuiu a seguinte declaração sobre a notícia publicada no jornal de Estocolmo «Dagens Nyheter», sobre a libertação de 183 soldados norte-americanos, prisioneiros de guerra no Vietnam do Norte: «Não podemos confirmar o conteúdo desta notícia. A primeira indicação que o Governo dos Estados Unidos teve sobre o assunto proveio de notícias de Estocolmo. No entanto, pode categòricamente declarar que não foi informado do plano aludido nem participou em negociações para tal fim, como se diz na notícia de Estocolmo. Além disso, o Governo dos Estados Unidos não pediu fosse a que nível fosse á companhia de aviação escandinava para proceder como se diz no jornal sueco. É objectivo permanente do Governo dos Estados Unidos assegurar a libertação de todos os prisioneiros de guerra e continuará a trabalhar nesse sentido»

NOVO GABINETE MARROQUINO

RABAT, 5 — (F. P.) — O dr. Laraki, primeiro-ministro, presidiu quarta-feira, á noite, a um conselho do Governo, a cujos membros anunciou a ordem do rei Hassan II para que continuem nos seus postos até que esteja formado novo gabinete, anunciou um comunicado do Ministério da Informação.

O primeiro passeio espacial com finalidade prática

HOUSTON, 5 (F. P.) — Às 10.34 de Lisboa, a Apolo-15 encotrava-se a 335 500 km da Terra e a 53 800 km da Lua, deslocando-se a uma velocidade de 3080 km/h em relação á Terra e a 4170 km/h em relação á Lua.

O dr. George Low, administrador adjunto da NASA, afirma que a missão «Apolo-15» significa «um grande passo para a frente» nas ciências lunares.

Apesar do afluxo sem precedentes, inesperado, de dados científicos sobre a Lua recolhidos por este voo, o dr. Low não considera, entretanto, util voltar atrás na decisão de se pôr termo ao programa «Homens na Lua» ao terminar a missão «Apolo-17», em Dezembro de 1972.

Em entrevista concedida a A. F. P., o chefe — adjunto da NASA salientou, igualmente, que embora vários incidentes técnicos tenham assinalado o desenrolar da missão «Apolo-15», a segurança da tripulação acha-se garantida duma maneira tão adequada quanto possível.

Na ausência do dr. James Fletcher, administrador da NASA, que se encontra em Washington, o dr. Low é verdadeiramente o «número um» em Houston, á frente da operação «Apolo».

Em sua opinião, o futuro da NASA é «mais brilhante» do que no ano passado. No que respeita ao projecto da nave espacial de multipla utilização, mostra-se optimista perante as perspectivas de cooperação europeia. A NASA insistiu — «gostaria certamente de beneficiar da colaboração dos países da Europa» para o seu projecto de «táxi do Espaço» previsto para 1978 ou 1979.

O dr. Low pensa que os astronautas da «Apolo-15» realizaram «um trabalho tão fantástico de exploração geológica da Lua que aquilo que conseguiram parece ainda incrível».

«David Scott e James Irwin foram os melhores geólogos que tivemos até agora naquele planeta — acrescentou. Juntamente com Worden, fizeram as ciências lunares dar um grande passo em frente».

As experiências a que Worden procedeu em órbita lunar deram lugar a descobertas, designadamente no que respeita á forma da Lua.

Foi uma surpresa. Talvez isso explique também a razão por que a Lua volta sempre a mesma face para a Terra.

O administrador-adjunto da NASA «não está certo de que a decisão de terminar o programa Apolo no seu 17.º voo seja lamentável», muito embora a «Apolo-15» tenha contribuído para um espantoso acervo de dados científicos. «Com as missões 16 e 17 — acrescenta — teremos reunido um conjunto de tal modo importante de informações científicas que a sua análise levará anos. Não vejo razões para insistir».

«Chegará o dia — diz — em que se tornará necessário pôr termo a uma determinada exploração espacial e passar a uma outra».

O dr. Low conta, também, com a União Soviética para os Estados Unidos receberem mais informações sobre a Lua, em conformidade com os acordos concluídos. Já uma sonda soviética, a «Luna-16» — precisou — trouxe pedras lunares das quais Moscovo cedeu alguns gramas a Washington. Outros engenhos «Luna» poderão seguir-se. O dr. Low considera, também, «que os astronautas russos poderão descer na Lua na presente década».

A NAVE REENTRA NO SÁBADO NA ATMOSFERA TERRESTRE

HOUSTON, 5 — (R.) — A nave Apolo 15 navega agora em direcção á Terra, depois de ter abandonado, ontem, á noite, a órbita lunar, e esta tarde o astronauta Al Worden dará um passeio fora da cabina para recolher filmes que se encontram em compartimento no módulo de serviço.

Este passeio espacial tem duas características inéditas: é o primeiro feito com uma finalidade prática e, também, o primeiro a uma tão grande distância da Terra. Os anteriores passeios fora da cabina feitos por astronautas americanos, realizaram-se em órbita terrestre e constituíram simples demonstrações.

Desta vez, Worden tem uma missão concreta, que é a de recolher os filmes com imagens da superfície da Lua, uma vez que as câmaras se encontram instaladas no módulo de serviço e este terá de ser abandonado no espaço antes de a cápsula com os três astronautas reentrar na atmosfera terrestre, no próximo dia 7.

Worden precisará de efectuar dois passeios para recolher todas as «cassettes» e trazê-las para a cabina.

Os telespectadores, na Terra, poderão ver, a partir das 16 e 34 (hora de Lisboa), o astronauta a realizar esse trabalho, deslocando-se ao longo do módulo de serviço com o auxílio de pegas metálicas, ás quais se agarrará como um insecto para se manter em contacto com a superfície exterior da nave.

Os filmes da superfície lunar, feitos durante a longa permanência em órbita, darão aos cientistas as melhores imagens e as mais completas até hoje obtidas com vista á elaboração de mapas da superfície da Lua.

Por outro lado, Scott e Irwin trazem uma carga preciosa de rochas, entre as quais figura uma pequena pedra do tamanho de um punho, que é a mais valiosa do ponto de vista científico até hoje trazida da Lua.

Os cientistas da NASA estão convencidos de que essa pedra é constituída pela matéria que deu origem á formação da Lua e por esse motivo chamam-lhe «a pedra do génesis».

Graças a ela esperam desvendar finalmente o mistério da origem da Lua e pensam que só por essa amostra valeu a pena todo o dinheiro gasto com a missão Apolo-15.

Um cientista, normalmente de poucas palavras, classificou a missão como «um dos maiores momentos na história da ciência».

Tão importante como a «pedra do génesis» será para os cientistas a amostra da crusta lunar recolhida em profundidade.

O conteúdo do tubo metálico com três metros que foi oravado no solo lunar permitirá não só traçar a história da evolução da Lua durante milhões de anos, mas ainda analisar os efeitos das radiações solares sobre a Lua durante esse tempo.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ A Assembleia Nacional, em luta contra o tempo e a favor de umas bem merecidas férias, teve ontem de tentar uma maratona, para terminar a discussão na especialidade e respectiva votação da Lei de Imprensa.

★ *Na sessão da tarde (a sessão da manhã, como ontem mesmo noticiámos, não pôde funcionar por falta de quórum) começou a discussão a partir da base XXVI (Pessoas colectivas).*

★ As bases preparadas pela comissão eventual foram sendo aprovadas, com discussão sempre que havia propostas de alteração do deputado Pinto Balsemão, sem discussão em caso contrário.

★ *A discussão foi particularmente viva a propósito da base XXVIII (regime de exame prévio), em que a certa altura o deputado Pinto Balsemão afirmou: «Por mais excepcional que se queira afirmar, é possível estabelecimento do exame prévio, não há duvida de que este como limite á liberdade de informação, é apresentado com carácter extremamente vago e impreciso. Esta é a minha primeira objecção, por uma questão de princípio, quanto á necessidade de concretização dos limites de liberdade de Imprensa, relativamente ao regime de exame prévio.»*

★ E aquele deputado acrescentou: «Por outro lado, não há duvida de que constitucionalmente, poderão nos casos em que sejam decretados o estado de sítio ou de emergência, ser restringidas as liberdades e garantias individuais, entre as quais a de livre expressão do pensamento. Não se compreende, por isso, a criação de uma terceira figura independente da declaração do estado de sítio ou de emergência, determinante da instituição do regime de exame prévio. Acresce que o exame prévio se destina a impedir a publicação de matérias abrangidas na base XIII, as quais, além de inquietantemente vagas (não vale a pena voltar a referir expressões como «o respeito pelas instituições», «defesa do bem-comum», etc.), são já, mal ou bem, limites gerais do uso da Imprensa. Finalmente, deve referir-se que, politicamente, a inserção desta base na proposta governamental — base integralmente adoptada pela comissão eventual — tem sido interpretada como a concessão ao Governo da possibilidade de «reinstaurar a Censura quando o entenda». Assinale-se, por exemplo, o comentário a esta proposta do Sindicato Nacional dos Jornalistas: «E cabe aqui pôr a duvida: se perante formas de subversão permanentes, não estaremos perante estados de subversão permanentes e, em consequência, sob a alçada de um regime de censura permanente».

★ *Foi, apesar disto, aprovada esta base, com a seguinte redacção, proposta pela comissão eventual:*

«1. A publicação de textos ou imagens na imprensa periódica pode ficar depedente de exame prévio, nos casos em que seja decretado estado de sítio ou de emergência.

2. Ocorrendo actos subversivos graves em qualquer parte do território nacional, poderá o Governo, independentemente da declaração do estado de sítio ou de emergência, a fim de reprimir a subversão ou prevenir a sua extensão, tornar dependente de exame prévio a publicação de textos ou imagens na imprensa periódica.

3. O exame prévio destinar-se-á a impedir a publicação das matérias abrangidas na base XIII.

4. A existência do estado de subversão e a gravidade deste deverão ser confirmadas pela Assembleia Nacional na primeira reunião que tenha lugar após a ocorrência dos factos.»

★ Os pontos de vista da comissão eventual e suas propostas foram defendidos, principalmente, pelo deputado Júlio Evangelista.

★ *Um aspecto pouco vulgar desta parte do debate foi a aprovação, entre outras, de uma alteração (por aditamento) proposta pelos deputados Correia das Neves, Teixeira Canedo, Pinto Balsemão e outros, á base XXXII. O texto da comissão eventual foi aprovado, e é do seguinte teor:*

«Base XXXII — (Responsabilidade dos proprietários) — 1. Aos proprietários dos periódicos ou de publicações não periódicas em que sejam cometidos crimes de imprensa poderá ser aplicada uma multa por cada infracção.

2. Se os periódicos ou as publicações não periódicas forem propriedade de pessoas colectivas ou de sociedades, as multas são aplicadas aos titulares dos respectivos órgãos ou aos seus agentes ou representantes.»

O aditamento aprovado é o seguinte:

«3. As empresas jornalísticas, editoriais e noticiosas serão sempre solidáriamente responsáveis pela reparação dos danos resultantes de factos ilícitos cometidos através das respectivas publicações.»

★ A Assembleia aprovou, mais adiante, uma proposta de substituição do deputado Teixeira Canedo e outros á base XXXIV. O texto da base, segundo proposta da comissão eventual, dizia que «os crimes de imprensa são punidos com as penas estabelecidas na lei geral agravadas.» O texto aprovado diz o seguinte: «Os crimes de imprensa cuja punição não esteja especialmente prevista nesta lei serão punidos com as penas estabelecidas na lei geral em medida não inferior a um terço do seu limite máximo, quando variáveis, e agravadas nos outros casos.»

★ *A base XXXVI, aprovada apesar de* uma emenda do deputado Pinto Balsemão, *fica com o seguinte teor: «Em atenção á gravidade ou frequência dos crimes neles cometidos, pode ser determinada a suspensão temporária dos periódicos ou o cancelamento da respectiva inscrição.»*

★ Já a base XXXVII foi muito discutida. O texto proposto pela comissão eventual era o seguinte:

«Base XXXVII — (Interdição do exercício da profissão de director, redactor e editor) — Em atenção á gravidade ou frequência dos crimes neles cometidos, podem os directores e redactores dos periódicos e os editores da imprensa não periódica ser interditos, temporária ou definitivamente, do exercício da profissão.»

A alteração proposta pelo deputado Pinto Balsemão dizia o seguinte:

«1. A medida de interdição do exercício da profissão, até um ano, pode ser imposta pelos tribunais competentes aos directores e redactores dos periódicos e aos editores da Imprensa não periódica, quando o crime cometido revele grave violação dos deveres inerentes á profissão e for fundadamente de recear, pela personalidade do agente ou por manifesto desprezo pelos limites estabelecidos nesta lei para a liberdade de Imprensa, que outros crimes graves ponham directa ou indirectamente em perigo o Estado ou as pessoas.

2. Constituem índices especialmente reveladores da perigosidade uma condenação a pena maior ou três condenações por crimes dolosos cometidos pela Imprensa.

3. Da sentença que determinar a interdição do exercício da profissão caberá sempre recurso até ao Supremo Tribunal de Justiça.»

★ *Intervieram vários deputados sobre a base XXXVII, sendo finalmente, como se esperava, aprovado o texto da comissão eventual.*

★ Pequenos aditamentos foram ainda aprovados á base XXXVIII (Processo).

★ *E finalmente foram aprovadas as ultimas bases, para as quais não havia qualquer proposta de alteração.*

★ No entanto, o deputado Pinto Balsemão quis afirmar, mais uma vez, as razões do seu projecto de lei e explicar as suas intervenções. Considerou a lei tímida para o momento presente, mas congratulava-se por a Imprensa Portuguesa, apesar de tudo, ir ter uma nova oportunidade.

★ *A Assembleia, no final do breve discurso, foi quase em massa cumprimentar o orador, que se bateu denodadamente pelos seus pontos de vista contra uma maioria sólida.*

★ Também usaram da palavra os drs. Melo para saudar os deputados Ulisses Cortez e Barreto Lara. O pri. Pinto Balsemão e Julio Evangelista, o segundo para felicitar o Governo pela nova lei, afirmando que a Lei de Imprensa não é tão restrita como se diz, nem tão lata como seria para desejar.

★ *A sessão, praticamente acabada, teve uma espécie de cerimónia de encerramento, em que participaram o «leader», Almeida Cotta e Albino dos Reis, tendo este destacado a importância das decisões da Câmara nesta sessão extraordinária. Saudou também a Imprensa, por possuir desde hoje um estatuto pelo qual passará a regular-se. E terminou por saudar, com ênfase, o Chefe do Estado e o Chefe do Governo, sem esquecer os cumprimentos ao presidente da Assembleia.*

★ O presidente da mesa, eng.º Amaral Neto, ao encerrar a sessão, cumprimentou a Câmara, a Comissão Eventual, os representantes dos órgãos de informação e os funcionários da Assembleia Nacional. E congratulou-se com o trabalho feito, o «de mais importância política», a seu ver, neste período. Terminou com referências de louvor ao Chefe do Estado, ao Chefe do Governo e ás Forças Armadas.

★ *A Assembleia Nacional retomará os seus trabalhos a 15 de Novembro.*

LICENCIATURAS EM LETRAS NA ÉPOCA DE OUTUBRO

COIMBRA, 5 — Os candidatos ao acto de licenciatura pela Faculdade de Letras (antiga reforma) a realizar na próxima época de Outubro devem entregar na secretaria da Universidade os seus requerimentos, acompanhados de quatro exemplares da dissertação, até ao dia 28 do corrente.

★

Com o acto de licenciatura do sr. dr. José Manuel Coutinho e Castro, que defendeu a dissertação «Aspectos da cidade de Danzig na prosa de ficção de Günter Grass» e foi aprovado com quinze valores, terminaram os exames de licenciatura em todas as secções daquela Faculdade na época de Junho-Julho.

Curso de Férias

Decorrem com interesse crescente os trabalhos do XLVII Curso de Férias da Faculdade de Letras, como dissemos com larga afluência de alunos estrangeiros que vieram ao nosso País especialmente para o frequentarem.

COLABORADORES

Precisam-se p/ trabalhos temporários em «full-time».

- **Correspondentes (muita prática dact.)**
- **Dactilógrafas (tec. int. c/ muita prática)**
- **Telefonistas**

INSCRIÇÕES: Av. Conde de Valbom, 83-2.º.

ora diga-nos...

— Sabe nadar?

Nadar ou não nadar, eis a questão. Uma questão de sobrevivência, às vezes. Por isso perguntámos: sabe nadar?

● *Manuel Lopes dos Santos, de 14 anos, disse-nos:*

— Sei.

— Onde aprendeste?

— Nos Bombeiros Sapadores.

— Onde gostas mais de nadar, no rio ou no mar?

— No rio.

● *— Não senhor, não sei nadar — respondeu-nos o Benvindo Rosário, de 13 anos, que adiantou:*

— Querer aprender, quero.

— Então, porque não aprendes?

— Não encontro ninguém para me ensinar.

Ah, pois, não é obrigatório a aprendizagem da natação.

● *Por fim, o Humberto dos Santos, de 9 anos, que sabe nadar disse-nos que aprendeu na piscina do Aresiro.*

— Quem te ensinou?

— Foi o meu pai.

— Como gostas de nadar mais, de costas, bruços?...

— De costas, e na piscina.

XXII SEMANA GREGORIANA DE FÁTIMA

O director do Instituto Pontifício de Musica Sacra de Roma, Mons. Dr. Ferdinand Haberl, deslocar-se-á, a Portugal, pela primeira vez, para presidir á XXII Semana Gregoriana de Fátima, que se realizará de 30 de Agosto a 7 de Setembro.

Monsenhor Haberl, que terá a seu cargo um ciclo de conferências, é doutorado em Teologia pela Universidade de Muchen, e em Composição pelo Instituto Pontifício de Música Sacra de Roma. Grande musicólogo, tem consagrado a sua vida ao ensino e investigação científica da Música Sacra, tendo publicada vasta bibliografia.

FÁBRICA NO FUNCHAL

Por despacho ministerial emanado da Direcção-Geral dos Serviços Industriais foi autorizada a instalação de uma fábrica de farinhas espoadas de trigo no distrito do Funchal.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ONTEM, EM LONDRES E EM LUANDA

FUTEBOL DE DESFORRA

Derrotadas na Luz (Sábado passado) e em Sá da Bandeira (no pretérito Domingo), as equipas de futebol do Arsenal e do F. C. do Porto desforraram-se, ontem, vencendo os mesmos adversários por forma que não deixa margem a quaisquer dúvidas. Assim, em Londres, o Arsenal bateu o Benfica por 6-2, com 3-0 ao intervalo — enquanto, em Luanda, o F. C. Porto venceu o Sporting por 4-2, com 2-0 ao intervalo.

Num caso e no outro, os jogos revestiram-se da feição, especial, dos encontros-desforra — com as equipas anteriormente vencidas a dizer que não senhor, que a coisa não era bem como parecia. E ambas o disseram «efectivamente» — mostrando, ambas, que nisto do futebol o passado constitui base pouco sólida para avaliação do presente.

O BENFICA PAGOU CARA A BELA VITÓRIA DA LUZ

Desde o momento em que desceu ao relvado do Estádio de Highbury até que o «embaraçado» árbitro — Norman Burtenshaw de seu nome — deu o encontro por terminado, o Arsenal jogou ao ataque. O sabor da derrota sofrida na Luz, parece tê-lo incentivado para uma toada pouco menos que irresistível. Para o Benfica, pelo menos, ela foi mesmo irresistível — de quase nada valendo o brio, o arreganho e a entrega de todos os seus jogadores.

A «queda» começou aos 15 minutos: José Henriques a hesitar na sequência de um cruzamento e Roberts a cabecear com êxito. Depois, aos 32 minutos, foi Radford a desfeitear José Henriques, também de cabeça e sem que Adolfo ou Rui Rodrigues, próximos, pudessem evitá-lo. E os ingleses viriam a marcar de novo, ainda antes do intervalo, por intermédio de Armstrong — que, isolado, não perdoou.

Este terceiro golo do Arsenal, obtido aos 44 minutos, parecia marcar o fim do Benfica no encontro — encaminhando os londrinos para um resultado histórico. Mas não. E não porque o Benfica, após o intervalo, fez gala, autêntica, de um espírito de luta só comum às grandes equipas.

Esse espírito de luta... e Toni — que surgiu na vez de Eusébio. Ambos foram determinantes no volte-face que o desafio sofreu, no «susto», nada pequeno, por que passaram os campeões ingleses.

Logo aos três minutos do segundo tempo, Artur Jorge diminuiu a diferença para 3-1 — obtendo um espectacular golo de cabeça após jogada em que participaram Toni e Malta da Silva.

O golo, como é natural, animou extraordinàriamente os jogadores benfiquistas. E tanto, como tantos reflexos na actuação do «onze» — que o segundo golo da turma lisboeta, por esperado, não surpreendeu. Foi Diamantino quem o marcou, aos 25 minutos, após centro de Nené que a defesa «arsenalista» não conseguiu interceptar.

Com o resultado em 3-2, uma reviravolta sensacional passou a afigurar-se não só possível como provável — tanto mais que o Benfica parecia outro, com outro esclarecimento e um muito maior equilíbrio.

E foi então que o árbitro **«interveio» — primeiro para validar o quarto golo inglês, obtido por Grahan num «fora-de-jogo» quilométrico; depois, dez minutos depois, para oferecer o quinto tento ao Arsenal, através de um «penalty» que ninguém viu.**

Agora sim, o jogo estava mesmo perdido para o Benfica. Um Benfica que já não era o mesmo, que provocara um «sururu» lamentável mas compreensível depois do quarto golo e que, legitimamente, já não pôde encontrar calma bastante para obstar aos reflexos desmoralizadores deste «penalty» inventado. Para adversário, já chegava a excelente equipa do Arsenal...

E viria ainda um sexto tento, já sem qualquer significado especial, apontado por Grahan a três minutos do fim e a fixar o resultado em 6-2. Resultado pesado, resultado que os benfiquistas não mereciam. O Arsenal pode e deve agradecer ao juiz da partida...

As equipas:

ARSENAL — Wilson; Storey, Mc Lintock (cap.), Roberts e Nelson; Graham, Kelly, Simpson e Armstrong; Radford e Kennedy.

BENFICA — José Henriques; Malta da Silva, Messias Rui Rodrigues e Adolfo; Jaime Graça, Eusébio e Simões (cap.); Nené, Artur Jorge e Diamantino.

No Benfica, Toni substituiu Eusébio (lesionado) no começo da segunda parte e Vítor Baptista entrou para o lugar de Diamantino aos 50 minutos.

PECOU POR ESCASSA A VITÓRIA DOS «PORTISTAS»

Enquanto, em Londres, o Benfica pagava cara a vitória obtida em Lisboa sobre o Arsenal — o F. C. Porto, em Angola, cobrava juros do desaire sofrido dias antes, em Sá da Bandeira, frente ao Sporting.

Efectivamente, por claro, por merecida, a vitória do F. C. do Porto não pode sofrer qualquer tipo de contestação. Ela resultou do seu melhor jogo, da sua maior capacidade, da sua melhor equipa.

As equipas e os golos:

Árbitro: Joaquim Gameiro, de Luanda.

F. C. PORTO — Rui; Gualter, Armando Manhiça, Rolando e Leopoldo; Pavão e Benê; Ricardo, Abel, Lemos e Nóbrega.

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Manaca; Nelson e Vagner; Chico, Yazalde, Rocha e Peres.

Substituições — No F. C. Porto: Rui por Armando (78 m.) e Abel por Joaquinzinho (a 6 minutos do fim); no Sporting: Rocha por Màrinho (27 m.) e Vagner por Gonçalves (no início da segunda parte).

Aos 24 minutos, Nóbrega inaugurou o marcador com um remate de fora da área, com fortes culpas para Damas. Cinco minutos depois, Lemos aumentou a vantagem, com um «tiro» indefensável. Também no terceiro golo, obtido pelo mesmo Lemos aos 54 minutos, Damas não teve hipóteses: o remate levava a marca do golo. 4-0 aos 56 minutos, na sequência de um livre marcado por Pavão a proporcionar o remate vitorioso de Abel. Estes os golos do F. C. Porto, que chegou a usufruir da vantagem de quatro golos sem resposta.

Aos 61 minutos, o Sporting reduziu por intermédio de Yazalde e com culpas para o guardião contrário — e, a nove minutos do fim, Chico, com um excelente remate, fixou o resultado em 4-2.

★

Pouco há a dizer da vitória portista — salvo que ela foi merecida e constituiu prémio justo para uma exibição convincente.

E terá sido escassa — tal a diferença que, desta feita, separou as duas equipas. De facto, a vantagem de quatro golos que se verificava aos 56 minutos definia muito melhor o que se passou durante o jogo... que aquela outra, de dois tentos, com que o encontro terminou.

De qualquer forma, há resultados e exibições. E se, naquele, o F. C. Porto não «brilhou» por aí além... nesta, a sua nota, elevada, reveste-se de uma dimensão especial. Há motivos para júbilo na falange «portista». E quando assim é...

Toni. A sua entrada influiu decisivamente na melhoria da equipa benfiquista

AMERICANOS DOMINAM NO «EUROPEU» DE STARS

• MARDEL CORREIA — ANTÓNIO ROCHA OS MELHORES PORTUGUESES

Os americanos Schoonmaker e Dudinsky repetiram, ontem, na terceira regata, a vitória alcançada na primeira e continuam a dominar o Campeonato Europeu de Stars, a que, como se sabe, concorrem... por fora.

Na classificação «de casa», isto é, entre os melhores europeus, os suecos Wennerstrom e Christensson continuam no *segundo lugar que é primeiro*, a despeito de ontem não terem ido além do 4.º lugar, batidos pelos alemães Kuhweide e Karsten Mayer, segundos classificados e pelos portugueses Mardel Correia e António Rocha, que se *meteram* bem na hegemonia estrangeira, alcançando um brilhante 3.º lugar, que os levou até ao 8.º lugar da classificação geral.

Excelente posição, se atendermos á desigualdade do material, o que aliás também «baixa a balança» das outras tripulações portuguesas: barcos muito antigos, em oposição á «ultima palavra» apresentada pela maioria dos estrangeiros.

Voltando á regata de ontem, foi talvez a melhor até agora — disputada em excelentes condições de mar e tempo e a proporcionar bom espectáculo, no que tiveram larga influência os quatro primeiros. Mas os outros também colaboraram e bem...

O campeonato é hoje interrompido, para retomar o seu curso, amanhã, pelas 13 horas, com a realização da 4.ª regata.

Ténis

BOM COMEÇO NOS CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE PORTUGAL

Os Campeonatos Internacionais de Ténis de Portugal tiveram ontem a sua «première» nos «Courts» do Estádio Nacional. Boa estreia, a prometer... É que a jornada teve verdadeiro interesse, com jogos muito bem disputados.

Em plano de particular evidência estiveram as senhoras, sendo de destacar as exibições das campeãs da Colômbia e da Argentina, Isabel Fernandez e Raquel Giscafret.

No campo masculino, refira-se a dificuldade que o campeão nacional Vaz Pinto teve em vencer Eduardo Osório.

Resultados da jornada que englobou ainda encontros para i torneio de pares mistos:

SINGULARES SENHORAS — Ana Maria Estaleila-Deborah Fluza, 6-1 e 6-2; Isabel Fernandez-Ada Heren, 6-0 e 6-0.

SINGULARES HOMENS — Vaz Pinto-Eduardo Osório, 6-2, 5-7 e 6-3; o encontro Adolfo Pinto Leite-Carlos Figueira não chegou ao fim, por desistência do segundo, que se lesionou. Pinto Leite vencera o primeiro «set» por 6-3 e comandava o segundo por 2-1.

PARES MISTOS — Isabel Fernandez e José Vilela-Paula Lefèvre e Eduardo Osório, 6-0 e 6-1; Kalogeropoulos e João Roquete-Carmen Bustamante e Pinto Leite, 4-6 e 4-6; Raquel Giscafret e Azevedo Gomes-Elisa Gisbert e David Cohen, 6-2 e 6-4.

Os campeonatos prosseguem com jornadas diárias até domingo.

NCR

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSITÁRIOS

A INFORMÁTICA ESTÁ AO VOSSO ALCANCE

Consultem-nos e conheçam as condições excepcionais de inscrição no nosso curso de

INTRODUÇÃO A COMPUTADORES E À PROGRAMAÇÃO

a decorrer nas n/ instalações, entre 20 de Setembro e 22 de Outubro, das 9.30 às 12.30 horas (2.ª a 6.ª-feira).
Ampliem a Vossa formação informática, frequentando seguidamente os cursos de programação em linguagens.

— FORTRAN IV (Cálculo Científico)
— COBOL USASI (Cálculo Comercial)

planeados em sequência.
Os melhores classificados no Curso de Introdução poderão frequentar GRATUITAMENTE um destes dois cursos.

INFORMAÇÕES.
PESSOALMENTE — NCR — Rua dos Anjos, 79-2.º
das 9.30 às 12.30 horas
e
das 14.30 às 18.00 horas
TELEFONE — 539911 (extensão 6)

34ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

AGOSTINHO SENSACIONAL NAS PENHAS DA SAÚDE

(Continuação da 1.ª página)

mentos mais pesados. Entre nós a serra da Estrela aparece como uma surpresa, para a qual ninguém antes estava preparado. Daí que aumentam as naturais dificuldades...

Talvez que isso concorra para o espectáculo. E espectáculo autêntico é sempre essa caminhada até ao alto. O maior espectáculo no grande espectáculo que é a Volta. E que hoje se reeditou, com verdadeiras multidões ao longo de todo o percurso, dando moldura condigna, incitando esses heróis da estrada que mesmo quando derrotados, têm aqui a maior consagração!...

Joaquim Agostinho. Um homem só. *Só* o maior ciclista gerado nas estradas de Portugal. Ele foi ele. «Show-man», no espectáculo inesquecível da caminhada até ás Penhas da Saude.

Adivinhava-se. Sabia-se. Não era necessário provar o que já estava provado. Mas há pergaminho. E classe. E força. E ei-lo, igual a si mesmo, como que ignorando os outros. A corrida foi a sua corrida. A corrida dum verdadeiro campeão. Ele, de facto, «não é de cá»!...

Do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA

Classificação da etapa

		M.	S.
1	J. Agostinho (Spt.)	35	35
2	Alain Santy (Bic)...	37	46
3	J. Pereira (Coel.)...	37	51
4	F. Ferreira (Coel.)	39	3
5	F. Bernardino (Sp.)	39	6
6	G. Chappe (Fagor)	39	22
7	F. Sanchez (Coel.)	39	25
8	João Pinhal (Bf.)...	39	29
9	F. Miranda (Spt.)	m.	t.
10	João Curto (Sp.) ...	m.	t.
11	C. Vitorino (Tav.)	39	41
12	F. Mendes (Bf.) ...	39	50
13	A. Marcelo (Sp.) ...	39	57
14	M. Lote (Loul.)	m.	t.
15	J. Ascasibar (FCP)	40	8
16	José Madeira (Tav.)	40	20
17	J. Pacheco (Porto)	m.	t.
18	J. Millard (Mac.) ...	40	27
19	V. Fernand. (Sang.)	40	40
20	E. Pereira (Tav.) ...	40	51
21	Aranzabal (Bic) ...	40	53
22	G. Vianen (Fagor)	m.	t.
23	Vítor Rocha (Sp.)	m.	t.
24	C. Oliveira (Porto)	41	22
25	M. Durão (Sang.)	m.	t.
26	Manuel Luís (Sp.)	m.	t.
27	E. Dionísio (Sp.)	m.	t.
28	Campaner (Bic) ..	41	29
29	A. Castro (Ambar)	41	36
30	Man. Correia (Bf.)	m.	t.
31	Guillaume (Mac.)...	41	40
32	A. Guedes (Amb.)...	41	44
33	A. Teixeira (Sp.)...	41	50
34	Largeaux (Mac.) ...	41	54
35	S. Vassenv (Bic)...	42	07
36	Catieux (Fagor) ...	m.	t.
37	J. Trillere (Fagor)	»	
38	Leblanc (Bic)	»	
39	M. Miranda (Coel.)	»	
40	E. Santos (Bf.).....	»	
41	V. Cardoso (Ambar)	»	
42	J. M. Nunes (Tav.)	42	18
43	R. Delepine (Fagor)	42	21
44	Reis Pereira (Lav.)	m.	t.
45	J. Moreira (Coel.)	42	32
47	F. Vieira (Bfc.) ...	42	38
48	C. Oliveira (Sang.)	42	43
49	F. Valada (Ambar)	42	47
50	P. Domingues (A.)	42	59
51	J. Azevedo (F.C.P.)	43	07
52	S. Vieira (Ambar)	43	18
53	Álvaro Roque (Am.)	43	24
54	A. Pereira (Coel.)...	m.	t.
55	E. Fererira (Benf.)	43	28
56	Ducreux («Bic») ...	43	44
57	C. Gomes (F.C.P.)	43	50
58	H. Neto (Tavira) ...	m.	t.
59	M. Cota (Loulet.)...	m.	t.
60	M. Sousa (F.C.P.)...	44	22
61	A. Graça (Tavira)...	45	59
62	M. Mestre (Tavira)	m.	t.
63	B. Dupuch (Fagor)	48	32

Classificação geral

1	Joaq. Agostinho	44	57 56
2	Alain Santy	a 7	1
3	Firm. Bernardino	a 9	2
4	José Pereira	a 10	23
5	Fernando Mendes	a 10	31
6	João Pinhal	a 11	6
7	José Madeira ...	a 11	48

É INCRÍVEL ... MAS ACONTECE

A etapa da Torre terminou ás 19 e 17. Pois, duas horas mais tarde, enregelada e esfomeada, a caravana da Volta continuava junto a meta no ponto mais alto de Portugal.

É que foi simplesmente deplorável o serviço de policiamento local. A toda a sorte de viaturas particulares foi permitido o acesso á Torre, e o local — a breve trecho — estava transformado em verdadeiro pandemónio.

Ás 21 e 30, ainda a maioria dos ciclistas, amontoados nos seus carros de apoio, tranzidos de frio e sem alimentação, continuavam sem o indispensável duche quente, sem massagens, nem repouso. Milhares de pessoas, muitos milhares, estavam naquela «feira»: criada pela afoiteza de quem autorizou o transito pela Torre e, depois, não soube ordenar, eficientemente, o escoamento dos veículos para a Covilhã.

Sómente ás dez da noite a caravana começou a desandar da Torre. Quantas gripes? Quantos resfriamentos? Quantos disturbios gástricos, nomeadamente para os pobres ciclistas que durante duas horas, secaram o suor nas suas camisolas?

Decididamente, o policiamento nas metas, ou junto dos locais da chegada, tem sido um autentico cáos. A pedido — se ainda for a tempo — que se emendem tantos erros, mesmo que seja só depois de todos os orgãos de informação alertarem as autoridades do facto.

A quem devemos pedir que repare nisto?...

FIGURAS DA VOLTA

CLAUDINO, DO BENFICA

Domingos Claudino é um homem do ciclismo. Não perde as grandes competições: acompanhando as proezas dos homens do seu clube de sempre (o Benfica), ou, como está agora a suceder, *torcendo* especialmente por Joaquim Agostinho que considera «o Eusébio do pedal.

— É um fenómeno. Uma máquina. Dá gosto vê-lo sobre a bicicleta.

Comissário da «feira de amostras», Domingos Claudino tem o espinhoso encargo de colmatar as multiplas brechas que a miúdo, surgem no decorrer do pseudo «show», que a organização oferece todas as noites, verdade se diga que gratuitamente, nas terras que pagam para receber a comitiva da Volta.

É preciso *mão-de-ferro* e muita diplomacia para orientar a caravana publicitária, onde, na verdade, não é unânime o aplauso aos organizadores do nosso «Tour». Não para Domingos Claudino — um benfiquista que é, na verdade, um desportista e um «gentleman» da mais apurada estirpe — e teriamos de colocar pedra negra sobre uma das facetas obliteradas pela organização no seu *negócio-Volta*.

COMBATIVIDADE

O prémio da combatividade, na etapa que terminou na Torre, num percurso de 152 km, coube ao mais forte da corrida — Joaquim Agostinho.

Por unanimidade, todos os jornalistas presentes na corrida outorgaram aquele prémio ao campeão do Sporting, dado o esforço extraordinário e o patentear de qualidades na dura e íngreme escalada.

AMBAR
fábrica de artigo escolar

FRIGORÍFICOS
FOGÕES
FAGOR
AQUECEDORES
COZINHAS INDUSTRIAIS

CURSOS DE VERÃO
EXTERNATOS CRISFAL
Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20
3.º CICLO — 2.ª ÉPOCA
Estão abertas as matriculas para 1971-72

Transit
as únicas comerciais 100%

Gasolina e Diesel
Utilitárias de 6 e 9 lugares

não se contente com menos!
LINCURI
CONCESSIONÁRIOS
AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA
E CONCELHOS DE CASCAIS, LOURES, OEIRAS, SINTRA E VILA FRANCA DE XIRA

SEMPRE COM A VISTA NA «ÁGUA DA BELA VISTA»...
À VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA: LISÁGUA DISTRIBUI — Pedidos: Telefs. 553336 - 553809

SACHS S.I.S.-SACHS
Campeã Nacional de Motocross
SACHS
«CAMISOLA AMARELA» EM «CICLOMOTORES»

34.ª VOLTA
A PORTUGAL EM BICICLETA

GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

O super-homem de Brejenjas

A «fabulosa» etapa de ontem poderia ter apresentado, ainda antes do início, um problema de aspectos curiosos. É que, á hora designada para a partida, (14 h.), cinco equipas ainda não estavam junto do risco branco: Sporting, Porto, Fagor, «Bic» e «Maicieira».

Só 28 m. mais tarde, Jorge Lara deu o sinal de arranque, após o protesto de diversos directores desportivos e, até, do técnico benfiquista.

António Acursio. O próprio Jorge Lara esteve de acordo:

— Há anos, em Trancoso, obrigaram Ribeiro da Silva, Agostinho Ferreira e Alberto de Carvalho a partir 5 m. depois do pelotão. Eles tinham-se atrasado no hotel. Foram obrigados a um duro contra-relógio inicial. E só quando Ribeiro da Silva chegou á testa do pelotão e disse «eu estou aqui», os outros abrandaram.

As leis, que se fizeram para ser cumpridas, não são afinal iguais para todos os portugueses. Nem, pelo que se está a ver, para serem respeitadas pelos estrangeiros...

Com 31 anos, Fulgêncio Sanchez (Coelima) dizia-me, antes da partida:

— Vai ver. Esta é a corrida do Agostinho.

A corrida

Poderia não ter sido assim. Um «furo» de Vítor Rocha, aos 2,5 km, agitou o pelotão. E, na primeira subida da montanha, subida que não poderia ainda equiparar-se á durissima escalada final (estávamos ainda a 12 km da partida, ao marco 115,9), Cosme Oliveira (Porto) e Fernando Mendes (Benfica) arrancaram. Ambos chegaram a ter entre 5 e 10 metros de avanço. Mas, uma grande queda, á vista já da meta de Castro de Aire, queda de Francisco Miranda, provocada pelo atravessar de um cão, na estrada, fragmentou o grosso da coluna. E já na meta, Catieux (Fagor), Custódio Gomes (Porto) e Leblanc (Bic) distanciaram-se, levemente, do pelotão, sem que isso representasse perigo iminente para as «estrelas».

O calor, o desgaste proveniente do pavimento, que fazia saltitar as bicicletas, o próprio alcatrão das estradas a derreter-se e a chamar a si os pneus, que os rapazes tentavam fazer deslizar como setas, forçaram o médico da caravana, dr. Barreiro de Magalhães, a assistir (em pouco mais de 20 km), a Celestino Oliveira (Sangalhos), a Regis Delepine (Fagor) e a Sousa Vieira (Ambar).

Cosme Oliveira tentou, novamente, a sua sorte. E já ia em fuga, quando um «furo» o obrigou a perder terreno. Então, ficou para trás Manuel Luís (Sporting) e seria o ultimo a recolar, porque António Teixeira, no comando, não permitiu que antes de Calde, ás 16 e 01, alguém se aproximasse do seu comando. Assistido na perna esquerda pelo médico, António Castro demonstrava espantosa força. Uma pertinácia inacreditável em corpo tão pequeno. Queixando-se de uma queda (a que assistiramos, anteontem), o ciclista da Ambar foi injectado em plena corrida: um acontecimento visual para nós inédito.

Mais ciclistas chegaram junto do carro do médico. Mais acidentes mecanicos. E em tudo isto estiveram envolvidos Celestino Oliveira, Manuel Lote, Leblanc e Manuel Durão.

Emiliano Dionísio deu um ar da sua graça: e é o primeiro em Viseu, onde os sportinguistas capricharam em oferecer pelos primeiros. É então que foge Albino Alves. A grande escapada do dia tinha uma assinatura. Albino Alves serpenteia pela encosta como um ganso. Numa meta particular, ganha 620$00 — particularidade curiosa: foram os operários de uma obra que se quotizaram, de manhã, para oferecerem uma pequena embrança ao ciclista, ao homem de trabalho, que, como eles, labutava num fim de tarde deste Agosto quente.

Aos 76 km, Agostinho fica para trás. Não foi por acidente, não senhor. Não foi também por necessidade. Foi porque lhe apeteceu chegar junto do carro do Sporting, para pedir instruções. Mas, um «furo» de João Curto (Sporting) obrigou-o a adiantar um pouco e a gritar para os seus colegas que acudissem ao companheiro. Viu-se assim o companheirismo de Agostinho, mais adiante compartilhado com Fernando Mendes: aqui há todo o destaque para um acto de ética profissional, para um acto de respeito e compreensão para com o semelhante. É que Fernando Mendes estava sedento. E foi Agostinho quem puxou do seu «bidon» e deu ao ciclista do Benfica, que todos teimam em apontar como rival do sportinguista, e não é, afinal, mais do que um amigo e competidor na mesma profissão.

A escapada

Aos 77 km, Albino Alves tem 1 m. 55 s. de vantagem. Cá atrás, o pelotão parece adormecido. Só que alguns ciclistas (Eduardo Santos e António Castro) querem o apoio do médico. Talvez pensem em desistir. Mas, para isso, (quantas confidências escutadas), está o médico da caravana a desanimá-los dos seus intentos e a animá-los no propósito de terminarem a *etapa da verdade*.

Em Mangualde, o ciclista da Ambar, percorridos 88 km, tem apenas 1 m. 35 s. de vantagem, enquanto que, a seu lado, a multidão fica *desvairada* pelo facto de não ver um nome das equipas grandes e que se prepara para iniciar a *trepadela* até ao Alto da Serra da Estrela.

Mais azares: Cosme Oliveira e Paulino Domingues, a contar com «furos»; António Martins, Manuel Lote e Francisco Valada com problemas físicos; Serge Guillaume e Paul Ravel, com avarias mecanicas. E assim chegámos a Nelas, onde Albino Alves, Catieux e Bernard Dupuch foram os primeiros a cortar a meta. Então, Albino Alves tinha 1 m. 10 s. de vantagem. Escassa vantagem, aliás. Aos 104 km, o ciclista da Ambar começa a fraquejar. E o seu perseguidor mais directo, Catieux, «fura». Nem assim, Albino Alves ganha maior força. Junto de si, o carro de apoio indicava-lhe que um perseguidor, Catieux, que se tinha escapado da testa da coluna, estava a braços com uma avaria mecanica. Mas Albino Alves já não está com forças para arrancar mais para diante.

Manuel Lote é massajado em plena estrada. E com 50 s. de vantagem, aos 111 km, Albino Alves começa a fazer a sua corrida, não a olhar só na frente, mas de olho posto na retaguarda. Continuamente, espreitando quem o persegue, Albino Alves dá o ar, exacto e perfeito, do homem destroçado.

— Os rapazes não *sustentam* este calor. É realmente duro.

O dr. Barreiro de Magalhães passa por nós e mostra-nos a relação dos elementos a que assistiu em corrida. Todos os que já falámos — Eduardo Santos e António Castro, com sérias reservas para poderem prosseguir na etapa.

Há uma tentativa de escapada: Firmino Bernardino, José Pereira, Guilhaume, Fernando Ferreira, Alain Santy e Fernando Mendes imaginam que é possível chegar mais cedo. E aos 114 km, com o pelotão todo fragmentado, o sonho destes rapazes terminara.

É, então, que Agostinho mostra a sua força.

Ele aí vai

Aos 115 km, Agostinho muda de máquina. O pelotão abranda, como que a respeitar o seu maioral. E, dois minutos depois, o campeão do Sporting regressa ao pelotão, para imprimir uma pedalada tão fácil e simultaneamente tão agreste que todos ficaram atropelados. Às 18 h., o pelotão deixava Seia. A beira da povoação, José Reis Pereira (Lavandaria), Paul Ravel, Cosme Oliveira, António Castro, Manuel Correia, Fernando Vieira, José Azevedo e Paulino Domingues sofriam avarias mecânicas. E quando a escalada principia — que escalada, meu Deus! —, Firmino Bernardino fura e quase ao mesmo tempo, tem uma avaria no quadro da máquina. Fica imóvel, na estrada. Quem então se aproxima, Manuel Luís, dá-lhe uma roda e faculta a sua bicicleta. Firmino prossegue a sua corrida. Mas fá-lo com extrema dificuldade, porque, longilíneo e o seu tipo morfológico não se adaptam á bicicleta de Manuel Luís.

Atrás, Manuel Graça grita para Manuel Luís:

— Vai levar a bicicleta dele!

Manuel Luís não consegue. Tudo o que podia tinha feito. Dera-lhe a sua máquina e, com isso, perdera o contacto com o pelotão. Por bem fazer... mal haver.

Mas, F. Bernardino não ficou derrotado. Manuel Graça imprimiu forte andamento ao seu carro e, talvez violando as leis da corrida, arrancou por aí adiante: para entregar, por mão própria, outra bicicleta a F. Bernardino.

Com 13 s. o n.º 13 — Albino Alves — (que teria azar, realmente, na escalada da Estrela) passa por um dos locais de «contrôle», na estrada nacional 330. Atrás, seguiam Manuel Correia e António Teixeira e mais 13 corredores, distanciados destes, por 20 s. Acursio, técnico do Benfica, incita Emídio Ferreira:

— Vem para o meio da estrada. Livra-te desta gente!

Foi realmente, um espectáculo apaixonante. Uma boa estrela poderia ter protegido o n.º 13. Uma má estrela atiraria com Albino Alves (o 13) para a cauda do pelotão. Mas serviria ao mesmo tempo esta estrela, no meio da serra, para qualificar outra estrela.

A subida

Com 2 minutos ainda, em Aldeia da Serra, Albino Alves parecia inatacável. Só que mse aproximasse dele poderia notar-lhe o suor banhando-lhe o rosto, as pernas tremendo e o corpo gingando sobre a bicicleta. Atrás, começa a dura perseguição. Foi, na verdade, uma tarde dura. José Madeira, José Pereira, Agostinho, Alain Santy e Fernando Mendes começam a destacar-se na subida com 26 quilómetros de extensão. Sabe-se, entretanto, que haverá «contrôle» «anti-doping». O «camisola amarela» continua perseguindo o mito, perseguindo uma meta que ele sabe poder alcançar. E quando lhe dizemos, ao passarmos com o carro junto da sua bicicleta, que terá de se submeter a esse exame, Agostinho tem forças para dizer:

— Não é novidade para mim. Tudo que quiserem eu faço. Até, os possíveis para vencer esta etapa...

Por alguma razão, o n.º 1 é o primeiro. As figuras recortavam-se no céu imenso. O nevoeiro envolvia a serra. A escarpa, a pique. Frio, de gelo. Estamos no tecto de Portugal. As nuvens bailando por baixo. E o heroi da história, J. Agostinho, faz a sua escapada. Ultrapassa tudo e todos. É a rendição da colina. O desabar de todos os sonhos arquitectados durante um ano de vida.

Em Sabugueiro, a 19 quilómetros da chegada, há um francês que se destaca: Santy. Ele é o unico com força e alma para ir atrás de Agostinho, que já desfilava como um relampago a caminho da cruz que encima a Serra da Estrela. Milhares de pessoas estão em ala para o campeão. Uma ala de namorados, que está á espera de ver o seu rei. Agostinho, com uma facilidade espantosa, com um pedalar elegante e, digamos até, gracioso, chega lá acima primeiro do que todos. Não vale a pena contar como foi. Os tempos falam por si. Com 4 m de avanço de F. Mendes, Firmino e Pinhal, perdendo apenas uma parte desse avanço a favor de Santy, o confronto fora favorável ao campeão. Na hora da verdade, o super-homem de Brejenjas jogou todas as cartadas. Mas não deixou nem um trunfo paro o adversário.

*

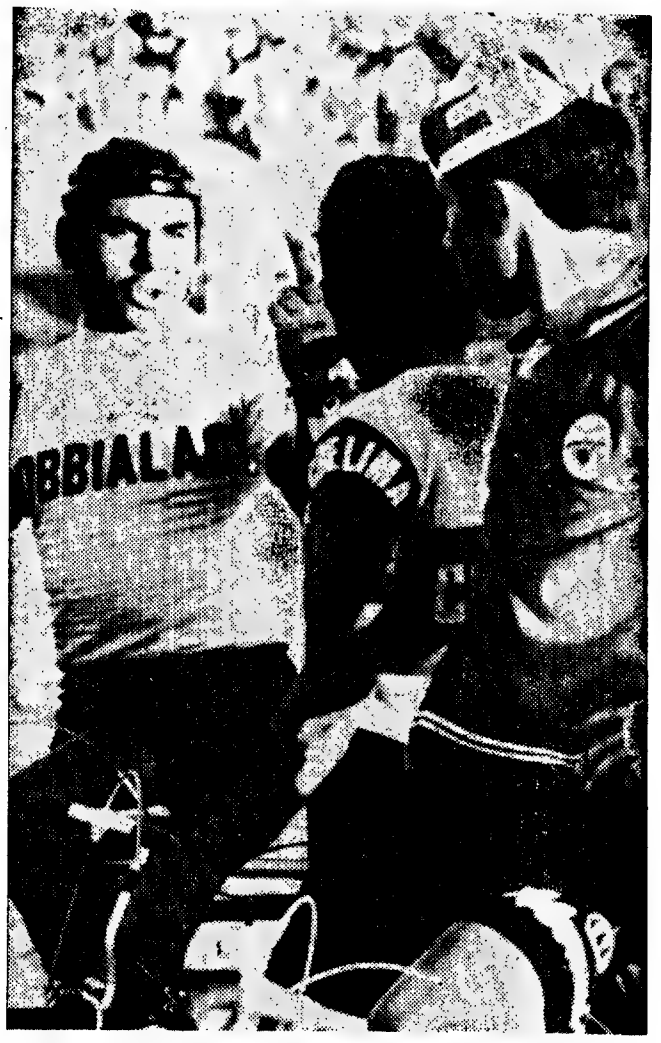
A apreciar os tempos, e em face do que nos foi dito na meta da Estrela (5 h 6 m 21 s como tempo de encerramento para o «contrôle») teriam de ser eliminados Delepine, Manuel Cota, C. Oliveira, Manuel Mestre, Cosme Oliveira, Manuel Sousa, Dupuch, José Nunes, António Guedes, Ravel, Rochat e Albino Alves.

Só que, parece que houve um engano na contagem. Parece. Porque ninguém tem a certeza, claro. E, assim, quando o comunicado nos chega ás mãos, só há cinco nomes eliminados: José Nunes, António Guedes, Ravel, Rochat e Albino Alves.

Mas... o diabo tem destas coisas, aos 20 minutos para as duas da madrugada de hoje, saiu um aditamento ao comunicado: depois das informações pormenorizadas do médico oficial, o que só foi possível após a saída do comunicado, foi decidido «repescar» os corredores José Nunes e António Guedes, que foram vítimas de quedas, aliás, consta do boletim médico.

Perguntamos: será que, durante o resto da noite, mais alguém venha a ser «repescado»?

As «respescagens» foram só para estas duas quedas, ou compreenderão todos os que já cairam no princípio da Volta? Realmente, esta Volta está a dar muitas voltas. Só num aspecto continua inamovível: o homem que comprou a camisola amarela não passa a bicicleta a ninguém.



Agostinho. E o gesto, que parece dizer «Eu!»

«Os estrangeiros não consentem»

Joaquim Moreira, de 21 anos, é mecânico de máquinas técnicas. Máquinas de tecelagem. Nasceu em Sequeiró (Santo Tirso). No fim da Volta vai á inspecção militar.

— Esta é a terceira grande corrida que faço. Estive na Volta há três anos. Ganhei 9 contos e tal e fui 22.º. Depois, o ano passado, a coisa correu-me bem. Fui 12.º e consegui cerca de 40 contos. Agora, os estrangeiros não consentem que os portugueses arranjem dinheiro. No meu caso, acho que foi um mau negócio.

«Popular», em 1968, já empregado na fábrica da Coelima, desde os 18 anos. Joaquim Moreira pensa só no futuro. Tem sete irmãos: Maria das Dores (trabalha numa fábrica de Aveiro), José Moreira (ciclista do F. C. Porto), Francisco (fabricante de fiação), Manuel (calceteiro), Alberto e Edite (alunos de uma escola primária).

Mora em Famalicão. Mas a sua grande vitória conseguiu-a o ano passado:

— Foi em Alcains. Creio que foi a primeira vez que a Volta lá foi. Foi também a primeira vez que venci uma etapa na Volta. Ganhei 9 cotos.

— E o dinheiro foi para si?

— Não, não. Não foi todo para mim. Todo o dinheiro que conquistámos (os da Coelima) 50 por cento é para o bloco, do qual eu também tenho uma parte, claro. O restante e o que toca ao vencedor de cada prémio.

O material e a pensão de cada ciclista da Coelima são pagos pela própria empresa. À terça-feira e á quinta-feira, cada ciclista vai para a estrada treinar: está incluido no seu horário de trabalho. E, no caso de Joaquim Moreira, que considera o ciclismo como uma profissão para dois ou três anos, a presença numa empresa de fiação representa assegurar uma profissão futura. A garantia de que não virá a ficar como Roque. Como João Roque, grande vencedor da Volta a Portugal, hoje mecânico do Sporting, a quem ninguém mais pede um autógrafo e quem ninguém mais conhece.

novos livros dom quixote

Destruir, diz ela
Marguerite Duras

Um livro de depois-de-Maio-de-1968. Daí a alternativa do «destruir» (destruir ao nível individual, ao nível da vida interior), daí uma profunda perturbação das consciências e das relações humanas, admiràvelmente transpostas para as personagens e o clima desta obra estranha e fascinante.
Um grito que se liga, talvez, à voz de um Ginsberg e à dos teóricos da «contracultura».

Colecção «Galáxia», n.º 2
Preço: 30$00

Literatura e consciência política na América Latina
Alejo Carpentier

Carpentier descobre para o leitor português as principais linhas de força duma literatura que veio dar nova vida a um romance que parecia condenado a uma vulgaridade inalterável. E faz ao mesmo tempo a análise de um contexto histórico pleno de contradições em face do qual se têm de definir os temas, a forma e a acção do escritor latino-americano.

Colecção «Cadernos de Literatura», n.º 9
Preço: 30$00

Inglaterra — trabalhistas, conservadores ou europeus?
Anthony Sampson, Christopher Hill e outros

O NÃO posto por DE GAULLE tapou, longo tempo aos ingleses as portas da Europa. Desde então, até hoje, um longo caminho de negociações e de polémicas foi percorrido. Polémicas ainda mais acesas entre os Partidos Britânicos depois da assinatura do acordo que define a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum.
Mas haverá outra alternativa para os ingleses que não seja a sua ligação ao Continente?
E para os restantes países europeus, que sentido terá uma Europa sem a Inglaterra?

Colecção «Cadernos Dom Quixote», n.º 38
Preço: 30$00

ainda a tempo para as suas férias

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119

✝

António Joaquim Corte Real de Moraes

FALECEU

Maria Antónia Corte Real de Moraes Maria Antónia Lupi Marec marido e filhos; Miguel Correia da Cunha mulher e filhos participam o falecimento de seu querido irmão e tio e que o funeral sairá da Casa Mortuária do Hospital de Santa Maria, dia 6, ás 11 horas, para o cemitério do Lumiar.

✝

CÂNDIDA DA GLÓRIA PEDROSO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Sua família participa que amanhã, dia 6, às 13 horas, na Igreja do Sacramento será celebrada missa pelo eterno descanso da sua Alma. Aproveitam a oportunidade para agradecerem muito reconhecidamente a todos aqueles que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, especialmente aqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P. M. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
TELEF. 53 41 67

✝

ANTÓNIO ALVES VIEIRA

Missa do 7.º Dia

Sua família participa que amanhã, dia 6, pelas 12 15 horas, na Igreja da Conceição Velha (Rua da Alfândega), será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Comprc	Vende
Consolidado 3/4%	—	452$	—
Consolidado 3%	462$	—	462$
Consolidado 3 1/2%	—	580$	585$
Centenarios 4%	1.320$	—	1.320$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo Serie	—	575$	—
Externo Serie C	575$	—	595$
Externo 3 Serie	—	—	750$
Externo 3 Serie C	—	700$	—
Cauteias 3 Série	166$	—	166$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	860$	880$
A P I 5% 58	870$	—	880$
C P 4 1/2% 65	—	830$	—
C P 5 1/2 61	—	960$	—
C U F 6%	940$	935$	945$
C U F 6% 68	931$	925$	—
Gas Elect 4% 48	—	—	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	870$	—
Gas Elect 5% 52	—	840$	—
Gas elect 5% 53	—	—	855$
Gas Elect 5% 59	—	—	—
Gas Elect 5% 62	—	961$	—
Gas Elect 5% 63	—	961$	970$
Gas Elect 5% 65	—	—	—
Gas Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	740$	—
H E Cávado 6%	—	980$	—
H E Douro 5%	—	730$	—
H E Douro 6%	980$	980$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	945$	940$	950$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zezere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	955$	970$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	980$	985$
Moçambique 5%	—	—	660$
Nac Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	740$	750$
Nitratos 5% 60	—	740$	—
Petroquimica 5%	—	845$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	—
Sacor 5% 60	—	835$	855$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	810$	810$	825$
T A P 4%	—	900$	—
Termoelec Port 5%	—	740$	745$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	75$	76$
U E P 5% 60	—	700$	740$
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Vende
Ag S Tomé e Principe	—	195$	200$
Boror	—	121$	25$
Buz	—	70$	71$
Cubindo	—	175$	85$
Diamantes Angola	1.860$	1.850$	1.885$
H E Revue	—	—	—
Ilha do Principe	—	570$	700$
Moçambique	178$	177$	179$
Sonete n	385$	385$	390$
Sonete p	395$	392$	400$
Zambézia	62$	62$	64$
Diversas			
Cidla	6.800$	6.700$	7.000$
Cim Leiria	—	3.850$	4.400$
Cim Tejo	—	8.750$	9.000$
Co Navegação	1.450$	1.440$	1.490$
C U F	1.600$	1.570$	1.610$
TAP	1.300$	1.300$	1.310$
Ind Alianca	—	—	—
Nac Navegação	3.700$	3.700$	3.750$
Petroquimica	—	1.100$	—
Port e Colónias	—	—	950$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	—	—	1.190$
Port Tabacos	535$	532$	535$
Sacor	3.850$	3.850$	—
Siderurgia Nac	2.350$	2.330$	2.380$
Socel	3.270$	3.260$	3.300$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	6.100$
U F Azote	630$	625$	640$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.120$	1.120$	1.121$
C P Electricidade n	—	1.100$	1.175$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	—	—	—
Gás Electr	366$5	366$	367$
H E Alto Alentejo	182$5	82$	83$
H E Norte Portugal	—	235$	240$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	191$	191$	192$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	195$5	201$4
F I D E S	—	122$5	126$2

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.115$	2.110$	2.120$
Alentejo	1.115$	1.110$	1.120$
Angola	4.120$	4.090$	4.130$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	7.350$	7.450$
E Santo	6 950$	6 930$	6.970$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas e B	—	25.000$	27.000$
Fomento	—	2.820$	2.900$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.570$	6.540$	6.580$
Portugal n	—	3.450$	3 550$
Portugal p	—	400$	100$
Totta Allança	—	4.550$	4 800$
Ultramarino n	3.980$	3.960$	3.990$
Ultramarino p	4.350$	4.340$	4.360$
Seguros			
Alentejo	—	134$	40$
Douro	—	—	—
Mundial	930$	920$	940$
Sagres	—	3.000$	3.500$
Tranquilidade	—	77.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag Cassequel	—	690$	700$
Ag Ingomar	—	—	650$
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	29-7-71	4-8-71	5-8-71
GERAL	148,6	149,9	150,2
METROPOL.	146,8	147,7	148,4
ULTRAM.	162,0	165,8	163,3

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	8$00	8$35
America		
— Dollars de e 1	27$80	28$30
— de 5 a 20	28$ 0	28$60
— de 50 a 000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	$ 4	$ 9
Belgica — Franco	$56	$59
Bras — Cruzeiro	3$50	4$80
Canadá — Dólar	27$40	28$00
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	5$35	5$65
Suécia — Coroa	3$85	4$ 5
Suíça — Franco	6$85	7$10
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	38$00	40$00

J. BURNAY, L.da Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel 231278

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ANNICK BOUTIQUE SALDA
ATÉ 15 DE AGOSTO
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 47-1.º, E.

A C. P. INFORMA:

TRANSPORTE DE TRABALHADORES POR CAMINHO DE FERRO
Regresso de Férias da Verão

2ª classe

Estações	21213 Semi-directo (b)	20102/21201 Rápido (a)	21001 Rápido (b)	20104 Rápido (c)	21003 Rápido (c)	Estações	25521 Omnibus (d)	Estações	9022/20119/20210/1005 (f)	Estações	25110/5302/5202/1201 (g)
Entroncamento P.			10-25		11-10	Castelo Branco P.	10-55	Faro P.	23-04	Viana do Castelo P.	8-05
Porto (Campanhã) P.		11-40		13-55		Covilhã P.	13-00	Beja P.	4-05	Braga P.	8-55
Pampilhosa O.		13-08	13-32	13-56	14-45	Guarda O.	14-18	Ventas Novas P.	6-04	Nine P.	9-30
Pampilhosa P.	13-47	13-23	14-35		15-35		15-00	Setil P.	10-43	Porto(Campanhã) P.	11-25
Vilar Formoso O.	15-48	17-05	18-37		19-47	Vilar Formoso O.	15-48	Entroncamento P.	11-24	Pampilhosa P.	13-05
Vilar Formoso P.	16-10	17-30	19-17		20-17		16-10	Pampilhosa P.	13-53	Vilar Formoso P.	16-37
Fuentes de Oñoro O.	16-13	17-33	19-20		20-20	Fuentes de Oñoro O.	16-13	Vilar Formoso P.	18-27	Fuentes de Oñoro P.	17-05
Fuentes de Oñoro P.	16-25	18-08	20-06		20-45		16-25	Fuentes de Oñoro P.	19-25		
Hendaye O.	4-29	5-33	10-20		10-20	Hendaye O.	4-29	Hendaye O.	6-25	Hendaye O.	9-05

a) - Dias 26, 27, 28 e 29 de Agosto
b) - " 27, 28 e 29 de Agosto
c) - " 27 e 28
d) - " 27 e 28
f) - Às quintas-feiras, no período de 12 de Agosto a 16 de Setembro
g) - Às terças e sextas-feiras, de 10 de Agosto a 17 de Setembro

Obs: O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações, não podendo ser consultados pelo Público interessado.

A C. P. INFORMA

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA-SINES

A PARTIR DE 16 DE AGOSTO DE 1971

7.35	11.20	17.35	↓	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	↑	12.00	23.35
8.15	12.00	18.15		P	Barreiro	C		11-10	22.55
8.42	12.30	18.44		P	Setúbal	C		10.37	22.22
9.40	13.24	19.37		C	Alcácer do Sal	P		9.42	21.27
10.02	13-48	19.59		C	Grândola	P		9.20	21.05
10-33	14.17	20.28		C	Ermidas-Sado	P		8.47	20-31
11.44	15.47	21.09		C	Santiago do Cacém	P		8.05	19.21
12.12	16.15	21.25	↓	C	Sines	P	↑	7-45	18.35

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN

(M. 18 anos) Tel. 320768

As 15.15. 18.30 e 21.30

Tarzan, o homem macaco, numa aventura como nunca foi vista até hoje!

TARZAN E O VALE DO OURO

com Tarzan, Mike Henry e Nancy Korack.

MUNDIAL

Tel. 538743

(Grupo B — M. 10 anos)

Ás 15.15, 18.30 e 21.45

5.ª SEMANA DE ÊXITO

Julie Christie, Michael Sarrasin e John Hurt, na história de uma mulher que queria apaixonar-se...

CONVITE AO PECADO

Technicolor

Portentosa realização de Peter Wood

(Metro: Estação Picoas)

ODEON

Telef. 326283

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30 h.

em 16.ª Semana Triunfal

O ARROJADO FILME

A PISCINA

com Alain Delon e Romy Schneider

UM APAIXONANTE DRAMA DE AMOR, CIÚME E CRIME

(Col.) (Grupo D - M. 18 anos)

ROMA

Tel 727778

Grupo B (M. 10 anos)

Todos os dias ás 15.30 e 21.45 na tela gigante dos 70 mm

A espectacular comédia musical

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS

c/ Jane Powell e Howard Keil

Cor por Metrocolor

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

Ás 21 horas

O RÉPTIL

BERNA

(M. 10 anos) Tel. 776098

4.ª SEMANA A RIR

As 18.30 e 21.45

Woody Allen e Janet Margolim na sensacional comédia colorida onde o imprevisto acontece sempre!

O INIMIGO PÚBLICO

Um êxito de gargalhada!

— Ar condicionado —

ESTÚDIO 444

Grupo D-M/18 anos

Às 15.30, 18.30 e 21.45

10.ª SEMANA

O triunfo de Antonioni

DESERTO VERMELHO

(Versão integral)

com Monica Vitti e Richard Harris TECHNICOLOR

VOX

Tel. 728808

Ás 18.30 e 21.45 h.

Grupo D — M. 18 anos

JEAN-PIERRE CASSEL e STÉPHANE AUDRAN num filme onde o amor, o ódio e o oportunismo se conjugam aliciantemente!

A RUPTURA

Uma obra-prima em eastmancolor de Claude Chabrol

AR CONDICIONADO

RESTELO

Tel. 610375

Ás 21.30 horas

(Maiores 17 anos)

OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM

com Jane Fonda, Susannah York

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 26462176

As 17 e 21.30 h.

ANNA KARENINE

SCOPE-COLORIDO

TATIANA SAMOILOVA

VASSILY LANOVOI

TIVOLI

(Grupo D-18 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

EM 2.ª SEMANA

Um filme policial empolgante:

A TESTEMUNHA

com Mark Lester, Lionel Jeffries, Susan George e Peter Vaughan.

ALVALADE

Tel. 717480

As 15.30 e 21.45

O maravilhoso mundo de circo na grandiosidade que o cinema lhe conferiu.

(Grupo A-6 anos)

Cinemascope — Technicolor

O MAIOR CIRCO DO MUNDO

c/ Victor Mature, Red Buttons e Ronda Fleming

POLITEAMA

Tel. 426305

SEMANA DO BOM COWBOY

Hoje, ás 17 e 19 horas, com Gary Cooper em despedida

O COMBOIO APITOU 3 VEZES

Grupo B — M. 10 anos

Hoje, ás 22 horas

EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA: O FAMOSO FILME

MORAL PRIVADA

Grupo D — M. 18 anos

Preços especiais de Verão

LIZ

As 21 horas Tel. 68560

Grupo B (M. 10 anos)

SHANE

ALTA TENSÃO NAS CARAÍBAS

LIDO

As 21.30 Tel. 937593

(M. 17 anos)

Um filme de acção e «suspense»

A NOITE DO ÚLTIMO DIA

com Marlon Brando e Richard Boone

CONDES

Telefs 322523-326710

(Grupo A todos)

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Um filme de entretenimento e cultura em 70 mm

Mário Lanza é

O GRANDE CARUSO

c/ Ann Blyth

AVIS

Tel. 47163

As 15.30 e 21.45

10.ª SEMANA

(Grupo C — M 14 anos)

A «Love Story» de sempre

ROMEU E JULIETA

Vhiting TECHNICOLOR com Olivia Hussey e Leonard

EUROPA

Grupo B-10 anos Tel. 661016

As 15.15 e 21.30

Em continuação

SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO

Rivais no amor, um marido brutal, um amigo encantador e uma mulher atormentada!

c/ Ingrid Bergman e Jouph Cotten

APOLO 70

Telef. 763319

Av. Julio Dinis

(Grupo D — 18 anos)

Às 14.30, 16.45 e 21.45

5.ª semana

A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO

OS AMORES DE UMA LOIRA

Uma obra-prima de MILOS FORMAN

Ás 19 h.: JERRY E OS 6 TIOS de Jerry Lewis com Jerry Lewis e Donna Butter Worth (M. 10 anos)

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 821933

O RIO DA VIOLÊNCIA

ESTES TURISTAS AMERICANOS

LUMIAR

Tel. 795296

QUEM SE METE COM RAPAZES

PARA ALÉM DAS MONTANHAS

(M. 17 anos)

MONUMENTAL

As 15 e 21 30 Tel. 555131

(Grupo B - 10 anos)

No écran gigante — 70 mm

O FILME

A CONQUISTA DO OESTE

Hoje às 18.30 — UM ELEFANTE CHAMADO POLE POLE (Grupo A M 6 anos)

SATÉLITE

Adultos) Tel 562882

As 15, 17, 19 e 21.45

24.ª SEMANA

COISAS DA VIDA

com Michel Piccoli e Romy Schneider

Situado no edifício do Monumental

SÃO JORGE

Tel. 54153

Hoje, ás 15.15 - 18.15 e 21.30

Grupo D — (18 anos)

Saldos de noivos em 3.ª semana

AGÊNCIA DE VIGARICES

Um «susexo» de gargalhar

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «56 as borboletas são livres» (17 anos).

ESTUFA FRIA — Às 21 e 30: «Boton» (18 anos).

GIL VICENTE — Às 22: «Ivone Princesa de Borgonha» (18 anos)

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (17 anos).

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querido mamã» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Rancho bravo» (17 anos).

CINEARTE — Às 21: «O gendarme casa-se» (10 anos).

SALÃO LISBOA — Às 21: «Os 5 avisos de Satanás» (10 anos).

PARIS — Às 21: «Os grandes golpistas» (10 anos).

JARDIM — Às 21: «Os 7 homens do Texas» (10 anos).

IDEAL — Às 21: «O quarto n.º 13» (10 anos).

ARCO IRIS — Às 21: «Nunca fomos unidos» (10 anos).

MOSCAVIDE — Às 21: «O ninho das víboras» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Rocco e os seus irmãos» (17 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Rio Lobo» (10 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Um amor para Carolina» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos).

CARCAVELOS — VITÓRIA - CINE — Às 21 e 30: «Aqueles dias contigo» (17 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE—Às 21: «Camarada mini-saia» e «O Processo Quiller» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Anna Karenine» (17 anos).

ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Os abutres têm fome» (10 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Patife» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Os insaciáveis» (17 anos).

PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Ele não bebe, não fuma, mas...» (17 anos)

COLISEU — As 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «Amor de vampiros» (18 anos).

BATALHA — As 21 e 30: «A fuga» (10 anos

ÁGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Angola na guerra e no progresso» (10 anos)

ESTÚDIO — As 2 e 30: «Discussão no quarto» (18 anos).

TRINDADE — As 21 e 30: «Cada casa com o seu» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — Às 21 e 30: «A sombra da forca» e «Maroc-7» (17 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Um campista em apuros» (10 anos).

JÚLIO DINIS — As 21 e 30: «Negócio em três continentes» (17 anos)

OLÍMPIA — As 21 e 30: «A família Robinson» (10 anos).

CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «O executor» (17 anos).

COIMBRA

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Ao sol com o meu amor» (10 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C

ALCÂNTARA — Dilema, R Aliança Operária, 49-B (t. 636620) * **Costa**, Rua dos Lusíadas, 32 (telefone 636704) * **Vieira da Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (tel 660187).

ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel 728277)

ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (á Avenida D Rodrigo da Cunha) (tel 722384) * **Sanex**, Avenida da Igreja, 31-C (telef 717505) * **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (á Avenida Estados Unidos da América) (telef. 721409)

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (ás Galinheiras) tel, 790969)

ARCO DO CEGO — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais 32-A (tel 534027)

AREEIRO — Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel 777478)

ARROIOS — Pencada, Rua Rebelo da Silva, 11 (telef 43340) * **Castro**, Avenida Almirante Reis, (tel 44373)

AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (telef 43641).

AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (telef 44995) * **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha 14 (tel 41845)

BAIRRO ALTO — Santos, Praça Luís de Camões, 24 (telefone 322798)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, P do Norte, 1 (telefs 311216 e 310172)

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (tel 326575)

BELÉM — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (telefone 611454)

BENFICA — Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira 34-B (telef 704828)

CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel 322798)

CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel 684424)

CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel 686176) * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 5 (tel. 662838) * **Tagus**, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (telef 669485) * **Pinheiro**, R. de Campolide, 31 (tel. 686640).

CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz, 99-A (tel 780969)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (telefone 562327)

LAPA — Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-B (tel 560720)

LUMIAR — Central, R do Lumiar, 75 (t 790480)

MARQUÊS DE POMBAL —Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel 43641)

MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André, 16 (tel 862074)

OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais-Sul) (telef 313610) * **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (telef. 315539)

PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares, 91-D (tel 844350) * **Branquinho**, Rua de Sapadores, 87 (te 842725)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (telefones 720703-728395).

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel 681947).

RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248)

SANTO AMARO — Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193)

S. BENTO — Fénix, R. da Cruz dos Poiais, 52 (tel 678531).

S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (tel 771469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luís Bívar, 11 (tel. 44324)

SETE RIOS — Curie, Av Madame Curie, 15-A (telefone 778439) * **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mata, 160 (tel 761035)

SOCORRO — Silmar, R. de S Lázaro, 128 (telefone 42829)

XABREGAS — Conceição Calçada de D. Gastão, 30 (telef. 381279).

Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R António Granio, 2 (tel. 213161)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (tel 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (t 2432039)

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 8 (tel 2430058)

PAREDE — Brandão, Av da Republica, 17-C (telef 247 054)

S. PEDRO DO ESTORIL— S Pedro (tel 263052)

ESTORIL — S. João — S João do Estoril (telef 261186).

MONTE ESTORIL — Ostende — R de Espinho, 1 (te 260391)

CASCAIS — Cordeiro — Av Como G Guerra, 40 (tel 280 70) * **Nova** — Est de Alvide — Fontainhas (tel. 281044)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — Rua Elias Garcia, 209 (tel. 930019) * **Flema** — Rua Elias Garcia 78-B (telef. 932485) * **Confiança** — Av D Nuno Alvares Pereira. 15-A (tel 938149).

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523)

QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 5 (telef. 950043) * **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, 123 - A (telefone 951841).

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)

MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins, 285 (tel 2900'2)

S. PEDRO DE SINTRA— Valentim (tel 980456)

SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)

COLARES — Colares — Abreia (tel 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (tel 234137).

ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel 224020).

ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 74 (Tel 2243021).

BARREIRO — Piçarra — Av do Bocage, 65 (Tel. 2274774).

COVA DA PIEDADE — Atlantico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365)

MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel 22408) * **Portugal** R. Camilo Castelo Branco (Tel 23211).

SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (Tel 2218560).

PORTO

Ameal, Rua do Ameal, telefone 20463 * **Costa Lima** (Te 43550) * **Birra**, P da Liberdade 125 (Tema, Av da Boavista, 855 (Te 60606 * **Falcão**, R. Santo Ildefonso 6 (Telefone 366 * **Invicta**, R. do B... 330 (T 5'212) **Lapa** — Antero de Quental (Te 40697) * **Martins Sucr.**, P Marquês de Pombal 22 (T 40747) * **Ordem da Trindade**, R H Mort de Ang (Telefone 7420 * **Ramos**, P. do Exército Libertador, 9 Te. 64935 * **Santa Teresa**, P G Gomes Fernandes, 100 (Te 357 3) * **Ferreira** R da Reboleira 2 (Te 23576) * **Vaz Teixeira — Sucr.°**, Rua do Heroísmo 56 (Tel 52851) * **Vilarinho**, Rua da Vitorinha 6 (T 682014) * **Nacional**, Rua Senhora da Luz, 56-Foz (T. 680838)

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras (tel 23033) * **Figueiredo**, R. da Sofia (tel 22837) * **Correia**, R. Visconde da Luz (te. 22834).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente pouco nublado com excepção de alguns locais de regiões costeiras para norte do Cabo Carvoeiro onde estava muito nublado e o vento era fraco do quadrante Oeste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Elvas, 30°; mínima, Portalegre, 7.5°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 20°; Penhas Douradas, 16°; Coimbra, 18°; Portalegre, 16°; Lisboa, 21°; Faro, 22°; e Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 18°; na atmosfera, 21°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado no quadrante noroeste. Possibilidade de aguaceiros fracos nas regiões do Norte.

Amanhã:
Nascer ás 6 e 41
Ocaso ás 20 e 43

Amanhã Dia 13 Dia 20 Dia 29

PREIA-MAR — **Hoje:** 3 e 22 (3,6 m); 15 e 43 (3,9 m). **Dia 6:** 4 e 08 (3,8 m); 16 e 28 (4,2 m). **Dia 7:** 4 e 50 (4 m); 17 e 09 (4,3 m).
BAIXA-MAR — **Hoje:** 8 e 04 (1,2 m); 21 e 14 (1 m). **Dia 6:** 9 e 24 (1 m); 21 e 54 (0,9 m). **Dia 7:** 10 e 01 (0,8 m); 22 e 30 (0,7 m).

REJEITADA A CANDIDATURA DE CAO KY À PRESIDÊNCIA

SAIGÃO, 5 — (R.) — O Supremo Tribunal sul-vietnamita rejeitou hoje a candidatura apresentada pelo general Cao Ky ás eleições presidenciais de Outubro.

A lista final dos candidatos aprovados contem apenas os nomes do presidente Van Thieu e do general Duong Van Minh.

Durante a sessão de trabalho que antecedeu o almoço oferecido pelo Banco Pinto & Sotto Mayor

O SR. D. R. McBRIDE E A OPERAÇÃO DO CARTÃO SOTTOMAYOR

Continua em Lisboa o sr. D. R. Mcbride, presidente do Bank America Service Corporation, a quem foi oferecido um almoço pelo Banco Pinto & Sotto Mayor.

Estiveram presentes o sr. Luis Daun e Lorena, Secretário-Geral do Banco, o sr. Porfírio Moreira, Director do Departamento de Estrangeiro e o sr. João Ribeiro da Fonseca, Director do Departamento do Cartão Sottomayor.

Este almoço seguiu-se a uma manhã de trabalho extremamente proveitoso, em que assuntos de interesse mútuo foram apreciados e discutidos; o sr. Mcbride mostrou-se agradàvelmente impressionado com a evolução da operação Cartão Sottomayor, que continua em franco progresso.

O Cartão Bankamricard, a cuja introdução foi já dado início nas principais cidades da Alemanha, Austria, Bélgica e Holanda, será lançado também na Grécia, já no fim deste ano.

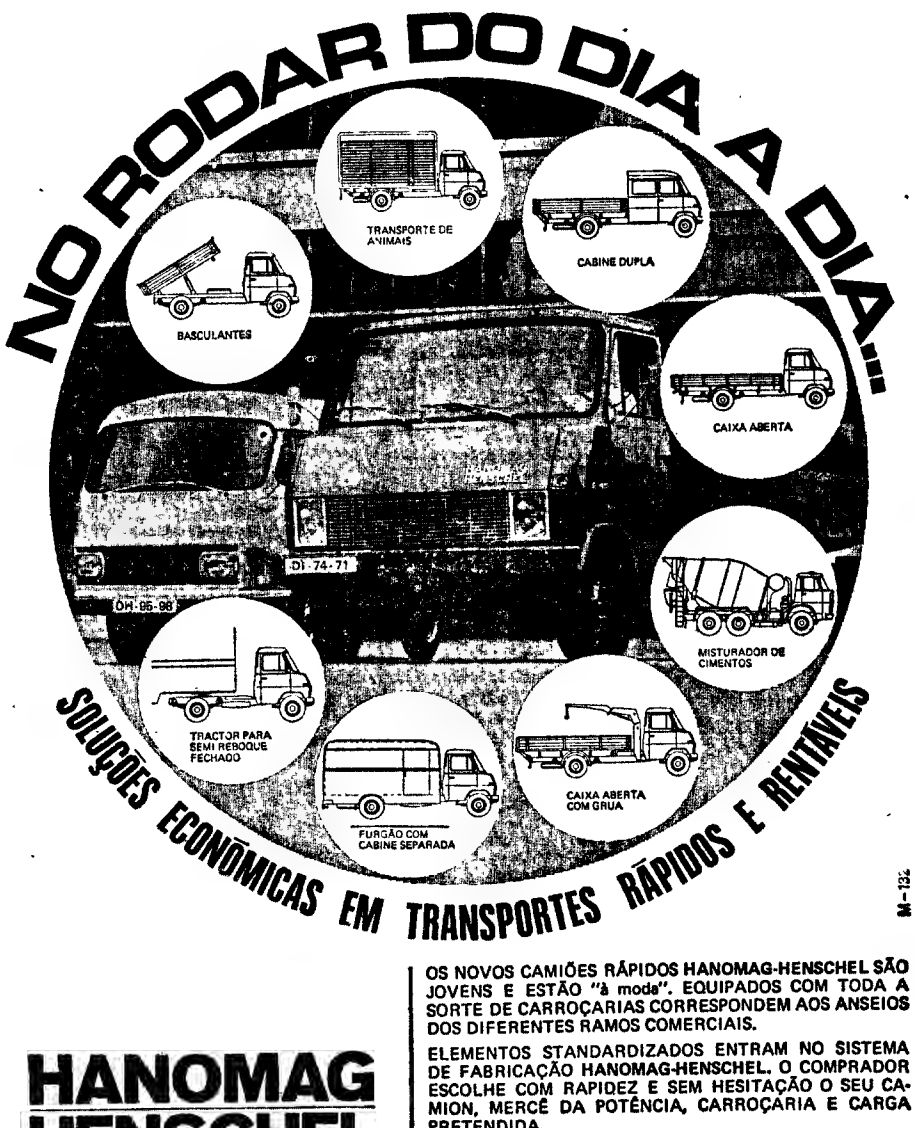
De vez em quando

Ao mesmo tempo que o eng.º Álvaro Roquete ontem, em reunião pública, tecia o elogio da nossa estrutura turística, numa reunião de especialistas do sector, chega às nossas mãos a carta de um visitante alemão, agora a passar férias na Nazaré queixando-se amargamente do tratamento recebido no hotel onde permanece. «Tudo aqui é mau, desde a comida à impertinência do director» — diz o nosso correspondente, acrescentando que este último levou o seu descaramento ao ponto de lhe retorquir, em face de uma reclamação: «Se não está bem mude-se», acontecendo que o turista estrangeiro pagou antecipadamente a hospedagem por um número determinado de dias. Eu sei que «uma andorinha não faz a Primavera» mas também não é menos certo bastar uma atitude imprópria para estragar um renutação. Se o director-geral «fizera» por um lado, e outros «desfizerem» por seu turno, acontecerá não dizer a bota com a perdigota.

V. D.

A «EXPOCÃO»

O Grupo de Amigos da Costa da Caparica promove, no dia 8, ás 14 horas, a «Expocão 71», exposição canina integrada no programa das Festas do Verão.



OS NOVOS CAMIÕES RÁPIDOS HANOMAG-HENSCHEL SÃO JOVENS E ESTÃO "à moda". EQUIPADOS COM TODA A SORTE DE CARROÇARIAS CORRESPONDEM AOS ANSEIOS DOS DIFERENTES RAMOS COMERCIAIS.

ELEMENTOS STANDARDIZADOS ENTRAM NO SISTEMA DE FABRICAÇÃO HANOMAG-HENSCHEL. O COMPRADOR ESCOLHE COM RAPIDEZ E SEM HESITAÇÃO O SEU CAMION, MERCÊ DA POTÊNCIA, CARROÇARIA E CARGA PRETENDIDA.

MILHARES DE VEÍCULOS CIRCULAM EM MÃOS DE FELIZES CONDUTORES, RECONHECENDO-LHE QUALIDADE, ROBUSTEZ, SEGURANÇA E CONFORTO.

HANOMAG HENSCHEL

REPRESENTANTES
IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TEL. 72 80 91 • LISBOA-1
AGENTES NA ZONA NORTE: — A. M. DA ROCHA BRITO, LDA. • RUA SÁ DA BANDEIRA, 112 • PORTO

A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS DESAPARECERÁ COM O USO DAS PALMILHAS DEZODORISANTES

Fresh Sox

absorb com um novo e poderoso **dezodorisante** seco que absorve todos os odores dos pés e do calçado, dispensando o uso de pós e de outros produtos para o efeito.

Made in England

À venda nas farmácias em 3 tamanhos - 7 - 8 - 9

Representantes para Portugal:
CREFAR, Representações, Lda. — LISBOA
BARBOT COSTA, — PORTO

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência

ANTIGUIDADES
DE TODAS AS ÉPOCAS
Estrada Lisboa-Porto
ao km 101 (Posto Sacor)
Entre Rio Maior e Batalha
Aberto
também nos domingos

M/6 anos

CAMPO PEQUENO — HOJE ÀS 22 HORAS

DOIS ARTISTAS FRENTE A FRENTE!

JOSÉ JÚLIO DAMASO GONZALEZ
COM TOIROS DE JOSÉ DA SILVA LICO — OS TOIROS DOS GRANDES ÊXITOS

JOSÉ NÚNCIO FREDERICO CUNHA
FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

736 ■ 5 DE AGOSTO ■ 1971

INQUÉRITO

NAS PÁGINAS CENTRAIS:

A RESPOSTA DE M. S. LOURENÇO

UMA CO-PRODUÇÃO DE

JOSÉ ALBERTO GIL E MANUEL JOÃO GOMES

A BARBEARIA DE SEVILHA

Rossini

José Alberto Gil

A BELA & OS MONSTROS

I

A ÓPERA clássica é, à primeira vista, uma sucessão de árias, umas no singular outras no plural, e em que está inscrito um discurso dirigido em várias direcções condicionantes e condicionadas pelas formas musicais. Por isso, um sujeito no palco é definido pelo papel que representa na forma musical e pelo papel em que está metido no enredo cénico, os quais não variam no mesmo sentido. É, portanto, possível descobrir as boas intenções do autor através da leitura dum segundo sentido que é a medida das correlações entre o universo musical e o universo cénico.

Isto é muito útil para quem procura na ubiquidade uma solução para a renda da casa.

II

FÓRMULA PARA ACHAR A ÁRIA

Numa forma definida é o produto de quantidades medidas em 2 sentidos que variam independentemente. É possível assim DISPOR à vontade de uma soprano, tanto mais que hoje em dia se vendem barato. Acontece também que em 2 momentos desta ópera a protagonista toma posse da própria ária e é então que descobre como o destino não está de todo programado.

Manuel João Gomes

Onde se trata de flores

A ACERTARMOS pelo relógio (atrasado) de micer Carlo Pasquali, havemos de concordar que Sevilha era uma terra de Primavera meio retardada.

Não falamos dos cenários cheios de pó e pau, que dos armários de S. Carlos andam às voltas todos os anos para cenographarem todos os Barbeiros que em estes reynos se fizeram, fazem e farão. Nem dos figurinos em arcas metidos e descorados, à espera de servirem nestas páscoas operárias cada vez menos significantes.

Falo duma coisa escandalosa: a utilização de flores na cenografia. No 1.º acto, na suja e esquinada parede do cenário mais que incómodo, sobe pela parede, transida de estupidez, uma hera de plástico que sai duma talha de Alcobaça. No 2.º acto, no centro mais baixo, encosta-se a um canto um jarrão da Marinha Grande, atafulhado de dálias verdadeiras e de açucenas de plástico, como a hera já nomeada; por outro lado, à esquerda alta, há uma flor de estufa — verde que se farta — num vaso creio que de lata, forrado de papel de cera. No 3.º acto a planta de estufa passa para a direita sabe-se lá por virtude de que «ikebana». Quanto ao cravo que Rosina lança a Almaviva no 1.º acto, é verdadeiro — estão baratos os cravos; já o ramo (de acerácea?) que D. Basílio traz no 2. acto e que não vi bem (por causa da deficiente / e arbitrária / iluminação da cena) pareceram-me de palha ou papel.

Isto de não tratar as flores a sério no teatro talvez não seja o mais grave. Só que micer Carlo Pasquali trata as pessoas da mesma guisa que as flores: no modo de um encenador tratar as flores se pode e deve ver sempre um modo de tratar actores, palcos e teatro.

Os cenários e figurinos de S. Carlos começaram; micer Carlo Pasquali fez o que pôde para continuar: dentro do espaço que o cenógrafo lusitano inventou, deu ele movimento ridículo e folclórico a uma Sevilha mais que ajuizada e portanto mais que insignificante. A luz decamerónica que em Beaumarchais nos falava de uma Sevilha feita de música, teatro e dionysos, veio a transformar-se numa grandecíssima tourada à portuguesa; o touro, que é como quem diz, a prima-dona e o 1.º tenor avançam por ali fora, abrem as goelas todas parados no proscénio e berram a ária... até que o público resolva animar aquilo com palmas & palmas, aliás o melhor prato da noite.

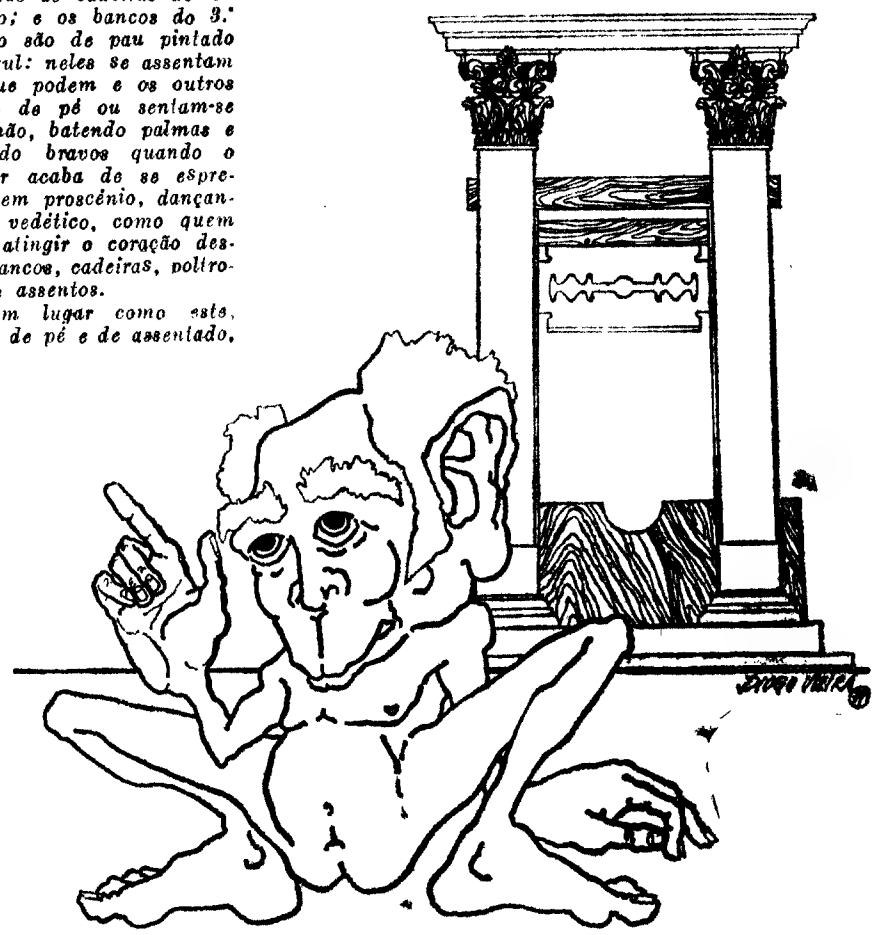
DO TEATRO À ITALIANA

O público do Trindade é digno de ser aqui registado. Fizeram dele o mesmo que o encenador fez às flores. Segundo a véstia que vestem, sentam-se em assentos diferentes. A plateia é de assentos estofados e cobertos a veludo verde-mar. O mesmo para o 1.º balcão. De madeira polida e castanha são as cadeiras do 2.º balcão; e os bancos do 3.º balcão são de pau pintado de azul: neles se assentam os que podem e os outros ficam de pé ou sentam-se no chão, batendo palmas e dizendo bravos quando o cantor acaba de se espremer em proscénio, dançante e vedético, como quem sabe atingir o coração destes bancos, cadeiras, poltronas e assentos.

Num lugar como este, entre de pé e de assentado, andou o filho da minha mãe, a acompanhar os movimentos imprevisíveis dos barítonos, com eles andava da esquerda para a direita, vendo, embevecido por tanto desteatro ao mesmo tempo — os actores mais piores que os do liceu de braga que já vi: a mão na anca, os braços a balançar, os condes e os fígaros a passearem pelo palco depois da ária acabada, como se o palco fosse a avenida... Entre sedas e chiffons, entre as árias e os coros, os corações balançavam ao ritmo de uns magros orquestrantes que no fosso se sentavam aqui e ali — rarissimamente in gurgite vasto — com um maestro que era obrigatório aplaudir cada vez que chegava dos bastidores.

Se bater palmas é participar eu então nunca vi nada mais participado; e se a FNAT organiza espectáculos operários, não há dúvida que a ópera é operaríssima. Para eles, operários e para todos os que não entenderam o italiano do Trindade apetece contar a história devidamente comentada. Vem o conde Almaviva, vem Fígaro, vem D. Bártolo, vem D. Bast-

Cont. na pág. 6



OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

[Continuação]

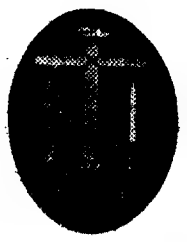
O sr. A. J. Saraiva chamou a si e confiou aos seus entes quiméricos uma tarefa que parece inexequível: convencer os leitores do «Diário de Lisboa» de que teve razão em não compulsar pessoalmente um único documento inquisitorial português ou espanhol antes de escrever *A Inquisição Portuguesa* (1956) e *Inquisição e Cristãos-Novos* (1969). Lá está, na carta ao director do «Diário de Lisboa», a extraordinária profissão de fé: «O meu critério é outro. Não faço investigação arquivística porque não é essa a minha especialidade». É preciso ver isto preto no branco para acreditar na possibilidade de tal profissão de fé. Desisto de confrontar esta declaração com a biografia e a bibliografia do sr. A. J. Saraiva.

Este pseudo-historiador fez mais do que ignorar voluntàriamente a imensa documentação inquisitorial ibérica (peninsular e extrapeninsular): tentou provar a *inautenticidade original e radical* desta documentação, e conseguiu iludir o grande público e muitos críticos que tinham a obrigação de examinar mais conscienciosamente o valor das teses do sr. A. J. Saraiva. Com a cínica má-fé que lhe conferiu o seu procriador, o fantástico David tem a audácia de afirmar: «Saraiva nunca disse nem pensou que a documentação inquisitorial era desprovida de valor para o historiador. Pelo contrário, há ali material para uma história prodigiosamente rica da sociedade portuguesa durante dois séculos e meio». Como a aldrabice, passe a palavra, de David não tem limites, já tinha fixado anteriormente o programa de trabalho que terão de seguir os «futuros» investigadores da documentação inquisitorial: o mesmo, evidentemente, que seguem há vários decénios os poucos historiadores sérios que se têm ocupado da Inquisição e dos Cristãos-Novos. «A primeira coisa a fazer é organizar o sumário dos arquivos inquisitoriais»... O sr. A. J. Saraiva ignora, é claro, que está à disposição dos investigadores, há bastantes anos, um sumário de valor desigual, mas, às vezes, muito útil, de todos os processos de um dos três tribunais portugueses. O segundo «queisito» do sonhado «sumário dos arquivos inquisitoriais» refere-se à *genealogia* dos presos.

Para mostrar a má-fé destas afirmações e programas, basta lembrar o prefácio de «Inquisição e Cristãos-Novos», onde o autor explica que a documentação inquisitorial «foi elaborada com vista a justificar a existência do Tribunal do Santo Ofício»; «estava no seu papel convencer o público de que a heresia judaica ameaçava subverter a sociedade cristã»; «Como veremos, não só a forma como cada processo era conduzido, mas as próprias normas processuais, o sistema de delação, *o modo como se efectuavam as averiguações genealógicas*, tudo convergia para o mesmo efeito» (pp. 11-12: o itálico é nosso).

Os infelizes leitores do libelo não sabem, evidentemente, que, na imensa maioria dos casos *não se efectuavam averiguações genealógicas:* os notários registavam as genealogias dadas pelos réus. Só havia averiguações quando um acusado de judaísmo afirmava que era cristão-velho, ou quando um cristão-velho proclamava a sua fé judaica. O sr. Saraiva dá um único exemplo do que considera como falsificação genealógica inquisitorial: o caso de Fr. Diogo da Assunção, queimado em 1608. O pseudo-historiador tem a certeza de que o autor do panfleto anti-inquisitorial de 1673-1674, *Notícias recônditas*, «conheceu pessoalmente» (p. 195, n.º 80) o processo de Fr. Diogo, e critica J. L. de Azevedo por não ter utilizado a informação dada pelas *Notícias*. O sr. Saraiva tem tanta aversão aos arquivos que não lhe passou pela cabeça que, em vez de consultar as *Notícias* ou o resumo insuficiente do inquérito genealógico, dado por A. J. Teixeira, seria mais profícuo ler o processo do frade, que está na Torre do Tombo. A leitura do processo prova: 1.º — que o autor das *Notícias recônditas*, não o «conhecia pessoalmente» e fez numerosas afirmações inexactas ou falsas a seu respeito; 2.º — que o inquérito genealógico sobre Fr. Diogo merece toda a confiança: das sete pessoas interrogadas em Aveiro, duas disseram que o frade «tinha raça»; um fidalgo, interrogado em Coimbra, disse que o avô paterno do monge «era cristão-velho» e homem honrado», mas que a avó paterna era filha de um judeu baptizado de Lorvão; seis testemunhas, interrogadas em Lorvão, disseram que este bisavô do frade era Judeu baptizado. É verdade que os inquisidores precisavam de poder afirmar que o monge não era inteiramente «limpo», mas é provável que, se tivessem induzido testemunhas a jurar falso (acusação levantada dubitativamente pelo demagogo sr. Saraiva), teriam arranjado uma genealogia mais «suja» e teriam encontrado mais de um bisavô judeu. *Com este único exemplo, entre trinta mil possíveis*, e um exemplo tendenciosamente utilizado, o sr. Saraiva, autor de «Inquisição e Cristãos-Novos», anula totalmente o valor das genealogias registadas pelo Santo Ofício: «É mais um exemplo *(sic)* a mostrar o valor real das notícias genealógicas de origem inquisitorial» (p. 195, n.º 79, que vem da p. 104). Mas David, filho espiritual do sr. Saraiva, aconselha os «futuros» sumariadores dos arquivos inquisitoriais a não se esquecerem de apontar a genealogia dos presos.

Nas 319 páginas de «Inquisição e Cristãos-Novos», não há uma única indicação sobre o valor positivo, sobre a possível autenticidade, pelo menos parcial, da documentação inquisitorial, mas há muitas acusações contra a inautenticidade destes documentos. No entanto, o cínico David declara que



«Saraiva nunca disse nem pensou que a documentação inquisitorial era desprovida de valor para o historiador... O que ele diz é que *no que respeita à acusação de heresia* os processos inquisitoriais são altamente suspeitos, como o são, aliás, todos os processos ideológicos. É muito diferente». O libelo do sr. Saraiva é dedicado «A Marcel Bataillon», autor de um livro sobre *Erasme et l'Espagne*, no qual foram aplicadamente utilizados uma dúzia de processos inquisitoriais contra pessoas acusadas de heresia, quer dizer, processos «altamente suspeitos, como o são, aliás, todos os processo de heresia». Já confessei publicamente que foi a leitura, feita aos vinte anos, do livro do prof. M. Bataillon, que me convenceu inteiramente da extraordinária importância dos arquivos inquisitoriais ibéricos para a história das culturas peninsulares. Terá adivinhado o prof. M. Bataillon, antes de 1937, o perigo a que se expunha, e os meios de o conjurar, perigo e meios descobertos pela argúcia do sr. Saraiva, em «Paris, Junho de 1968»: «... o historiador escrupuloso que toma à letra os documentos emanados da Inquisição *se arrisca a transviar-se num sábio labirinto*. Só escapará a isso se tiver sempre presente *a intencionalidade que presidiu à formação dos arquivos inquisitoriais*, e esta só se lhe tornará clara se conseguir encarar a Inquisição *não como uma fonte de documentos formalmente autênticos*, mas como um factor dentro de uma situação histórica» (*I. e C. N.*, p. 12; os itálicos são nossos).

O ódio manifestado pelo sr. Saraiva aos arquivos engendrou a ideia mais estrambótica que aparece em «Inquisição e Cristãos-Novos»: a documentação inquisitorial foi elaborada com vista a justificar a existência do Tribunal do Santo Ofício; esta elaboração foi tão perfeita que conseguiu enganar os eruditos contemporâneos, «o que certamente não estava nas previsões dos inquisitores, mas não deixa de ser para eles um êxito impressionante». (*I. e C. N.*, p. 106). Já que tudo quanto eu mesmo disse até hoje se encontra, segundo o arguto David, nas obras de J. L. de Azevedo, L. Wolf e C. Roth, «não falando no livro básico de Graetz», vale a pena confessar que roubei a António Baião a conclusão desta parte da Tréplica. Ao falar dos cartórios do Santo Ofício, A. Baião escreveu.

«Referindo-se a eles escreve com razão Cunha Rivara: «Pelo que respeita à Inquisição, mal se poderá formar juízo seguro e imparcial, enquanto se não for a essa Torre do Tombo revolver os processos da Inquisição». E de facto não pode haver guia mais seguro para o estudioso, pois que os cartórios do Santo Ofício, que felizmente escaparam do terramoto de 1755, eram *secretos*, e, por isso, o que nos seus documentos se escreveu, a expressão da verdade e nunca destinado a iludir quem quer que fosse».

A documentação inquisitorial revela mesmo os casos em que os juízes da fé infringiram o direito que vigorava na sua instituição:

1.º — Manuel Fernandes Vilareal foi executado, essencialmente, porque tinha descoberto o segredo dos «cárceres de vigia»; oito juízes do tribunal de Lisboa *assinaram* uma ordem de «assassínio», que não era «legal» (como afirma o sr. Saraiva), mas completamente «ilegal» (nada, no *Regimento*, autorizava esta condenação. Mas não pretenderam iludir quem quer que lesse o processo, porque escreveram, tintim por tintim, que condenavam o preso por «ser tão manhoso que atinou com os buracos das vigias dos cárceres... e, portanto, causaria notável prejuízo ao ministério de Santo Ofício, publicando e descobrndo o segredo das vigias, que é de tanta importância, podendo-se temer com toda a certeza que seria o réu (escapando) de grandíssimo dano ao tribunal da Inquisição e seu justo procedimento, o que muito se devia e deve atender, ainda no caso que este réu pudesse chegar a estado de escapar com vida» (assento de 21 de Novembro de 1652).

2.º — António José da Silva, «o Judeu», foi «ilegalmente» preso em 1737, porque não havia culpa formal que justificasse a prisão, mas ùnicamente uma suspeita muito forte; «foi a prisão decretada por ordem verbal, dada na mesa dos Inquisidores pelo cardeal Nuno da Cunha», inquisidor-mor, mas «*deste procedimento especial se fez menção nos autos*, para descargo dos Inquisidores da Mesa» (J. L. de Azevedo, *Novas Epanáforas*, pp. 199 e 200). A escrava Leonor, que também não tinha culpas, foi presa e trazida à cadeia da Penitência (não aos cárceres secretos), porque se esperava que denunciaria os membros da família do «Judeu»; não é caso único na história da Inquisição, *mas a «ilegalidade» ficou registada nos autos.*

As fontes históricas utilizadas por um pseudo-historiador sem especialidade arquivística

O sr. A. J. Saraiva e os seus entes da razão, com inaudito desprezo pelos leitores do «*Diário de Lisboa*, trataram provar que se podia muito bem escrever a história dos Cristãos-Novos e da Inquisição sem pôr os pés na Torre do Tombo.

A) — *Os processos «publicados»*

Na *Carta ao Director*, o pseudo-historiador escreve:

«Só conheço os processos publicados, mas nem por isso desisto de tentar compreender o que se passou. Relacionando os processos conhecidos (incluindo os que o Sr. Révah publicou ou resumiu) com outros documentos», etc. No *Diálogo*, o fantasma David é muito mais erudito que o seu procriador: é verdade que se trata de uma erudição para inglês ver. À pergunta de Afonso: «E os documentos publicados são suficientes para fundamentar uma teoria?», David responde (conservamos religiosamente a especial sintaxe do autor do *Diálogo*): «Os documentos processuais publicados por Herculano, Azevedo, A. Baião, A. J. Teixeira, Ramos Coelho, António Henriques, Teófilo Braga mais recentemente por J. Caro Baroja, Révah e outros. São numerosos».

Estas aldrabices, passe outra vez a palavra, procuram inculcar a ideia de que numerosos processos referentes a judaizantes portugueses foram publicados, quando, na realidade, o que *geralmente* se publicou foram:

a) resumos de algumas linhas ou algumas páginas;

b) excertos ou extractos de pouca extensão;

c) estudos parcelares utilizando uma parte de um processo.

Para refutar as ditas aldrabices, faremos as observações seguintes:

a) por enquanto, *o sr. I. S. Révah não publicou processo nenhum;* o que fez foi *utilizar* em publicações e em aulas muitíssimos processos das Inquisições portuguesas e espanholas, e *editar extractos* de alguns destes processos;

b) *A. Herculano não publicou processo nenhum;* teve conhecimento «sòmente de alguns processos crimes dos *Cartórios do Santo Ofício*, corpo essencialíssimo para este estudo, cujo valor histórico a seu tempo se ponderará, e que ainda não era bem conhecido no tempo do Mestre» (António Baião *dixit*); *o autor de «Inquisição e Cristãos-Novos» não utilizou os processos, de que A. Herculano teve conhecimento;*

c) *O referido autor não utilizou os processos estudados, mas não publicados, por A. J. Teixeira e Teófilo Braga;*

d) *o referido autor não utilizou processo nenhum contra nenhum judaizante, publicado pelo misterioso «António Henriques» que, possìvelmente, só existiu na mente delirante do Sr. David.* É verdade que o processo de Damião de Góis foi *publicado* em Lisboa, 1899, por Guilherme J. C. *Henriques* (da Carnota); mas é pouco provável que um fantasma tão «erudito» como David tenha confundido os dois *Henriques* e tenha querido afirmar que Damião de Góis foi acusado de ser um mofino Judeu dà Lei de Moisés;

e) dos pouquíssimos processos contra Judaizantes, a que se referiu o autor de «Inquisição e Cristãos-Novos», *só foram publicados os que diziam respeito a um único Cristão-Novo: António José da Silva, cognominado «O Judeu»;*

f) *o Sr. António José Saraiva não leu o tomo da revista em que foram publicados os processos contra «O Judeu».* Na página 127 (nota 37) do seu libelo, lê-se: «Processo (*sic*) publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 58 (1859) ...». Ora bem, o tomo 58 (cinquenta e oito) da *Révista Trimensal do Instituto Histórico Geographico Brazileiro fundado no Rio de Janeiro* corresponde ao ano de 1895 (noventa e cinco), e não ao ano de 1859 (cinquenta e nove): nas 844 páginas deste tomo cinquenta e oito, não há a menor alusão aos processos do «Judeu». O Sr. A. J. Saraiva limitou-se a copiar a referência dada, em três ou quatro publicações, por João Lúcio de Azevedo, *referência que, por distracção do historiador, era inexacta.* Segundo todas as aparências, os processos do «Judeu» foram publicados no tomo 59 (cinquenta e nove), do ano de 1896 (noventa e seis) da *Revista Trimensal*, páginas 5-261;

g) *tratando-se de historiadores ou eruditos que publicaram, não processos completos, mas extractos de processos ou estados de processos,* a lista de David porta-voz da portentosa, ainda que recentíssima, erudição do Sr. A. J. Sa-

Cont. na pág. 7

Lukacs
e a exegese literária

Por LOURENÇO ALVES

Georg Lukacs: do idealismo ao marxismo

On trouve toujours quelque chose, eh! Didi, pour nous donner l'impression d'exister.
— Samuel Beckett

HÁ POUCAS SEMANAS, faleceu Georg Lukács, filósofo marxista húngaro universalmente conhecido, embora só tardiamente divulgado no nosso país.

Se nos é impossível falar da totalidade da obra do grande pensador e das etapas da evolução do seu pensamento desde o idealismo até ao marxismo, se não deixamos de dar a devida atenção às críticas que lhe têm sido dirigidas por outros teóricos do marxismo, tais factos não nos impedem, porém, de fazer uma reflexão sobre o **Significado Presente do Realismo Crítico,** (1) importante exegese literária de Lukács datada de 1955.

A dezasseis anos de distância da data em que foi escrito, somos da opinião que o **Significado Presente do Realismo Crítico** conserva toda a validade e originalidade que logo o distinguiram nos meios da crítica e, por isso, supomos que talvez não seja despropositado tentar a mediação entre esse ensaio e o leitor que, por motivos de ordem vária, nem sempre se apercebe dos problemas subjacentes ao fenómeno literário.

No início do seu estudo, Lukács formula a pergunta «O que é o homem?» como ponto de partida essencial para o escritor. A obra literária (universo, personagens, acção e a chamada mensagem) ordena-se assim, em categorias subordinadas à concepção que o escritor tem do homem e do mundo e orienta-se, segundo a terminologia de Lukács, no sentido duma perspectiva. É

Lukacs («o que é o homem?»): ponto de partida essencial

esta concepção que vai permitir a Lukács dividir a criação literária moderna em duas correntes principais, ambas devidamente definidas: a vanguarda e o realismo crítico ou burguês — este por oposição ao realismo socialista, como veremos adiante.

Interessa agora saber o que caracteriza estas correntes.

A primeira impressão que a literatura da vanguarda nos dá é de solidão, porque o homem é considerado como estando ontológicamente só. Uma consciência desligada arbitrariamente pelo escritor do mundo concreto que a condiciona vai aniquilar o real e insuflar á vida todo o desespero dessa solidão gratuita. Como consequência deste corte radical entre realidade objectiva e realidade subjectiva, o mundo surge como uma existência incoerente onde o homem é uma existência malograda. Compreendem-se, assim, os sentimentos de angústia e de pânico, a transformação do conceito do nada numa ontologia, a aceitação do absurdo como realidade irredutível — «e esta tendência é levada ao cúmulo quando esses indivíduos aparecem como idiotas ou semi-idiotas, cujas representações confusas, incessantes, sem ligação, são o único meio de comunicação entre o leitor e o «universo» do escritor. É este o caso na primeira parte de *O Som e a Fúria*, de Faulkner, e, com igual rigor, no *Molloy*, de Beckett». — pág. 17.

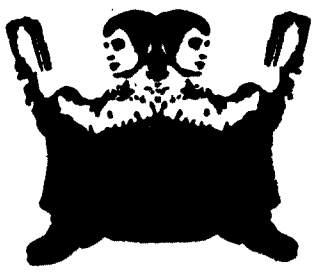
«Toda a arte de Beckett repousa sobre o redobramento e a repetição desta imagem do mundo: em primeiro lugar, o mais baixo grau de aviltamento patológico para o homem, reduzido a uma vida vegetativa de débil mental; depois, quando este homem vai receber socorro — duma instância que permanece desconhecida —, o ser que está destinado a ajudá-lo cai, por sua vez, no mesmo estado de idiotice.» — pág. 27.

Ocorre perguntar como surge esta consciência de vanguarda, que reflecte na criação literária uma concepção caótica do mundo. Ela surge porque o escritor rejeitou a perspectiva socialista, mas, rejeitando-a, não encontrou lugar para si na sociedade capitalista. O conflito antagónico que se gerou resolveu-se no niilismo. Eis como Lukács ilustra a situação: «O que sobretudo faz sofrer os heróis de Dostoievsky, é a inumanidade peculiar ao capitalismo nascente e que marca todas as relações inter-humanas. Forçado a viver num mundo contra o qual se revolta com todas as fibras do seu ser, nem por isso ele deixa de recusar apaixonadamente a perspectiva duma solução socialista (palácio de cristal, formigueiro etc.). O protesto contra um capitalismo inumano transforma-se já numa crítica do socialismo e da democracia (...) O medo do socialismo faz do homem, situado no seio do regime capitalista, um ser em perdição» — pág. 81.

A vanguarda opõe Lukács o realismo crítico. Se a vanguarda aceita os fenómenos de maneira não-crítica e tal como eles se apresentam na sua imediaticidade, o realismo crítico submete-os a uma análise de conjunto e procura determinar-lhes a causalidade e orientação: «No *hic et nunc* de Thomas Mann, procurar-se-ia em vão qualquer tendência para uma transcendência; na sua obra, o lugar e o tempo, com todos os seus pormenores, concentram sempre em si próprios, histórica e socialmente, o essencial duma situação concreta, histórica e social. Thomas Mann mantém os pés assentes na terra, mesmo em relação á sociedade burguesa. Põe clara e tranquilamente a perspectiva do socialismo, sem renunciar (mesmo num momento de fraqueza) ao seu ponto de vista de burguês consciente de si próprio» — pág. 110. «Tal como o descreve Thomas Mann, cada elemento concreto do presente move-se em direcção a uma realidade concreta, e o significado humano de cada movimento — a sua importância, tendo em conta o progresso da humanidade — sobressai sempre sem equívoco». — pág. 111.

Opondo-se pela sua visão dos problemas ás concepções da vanguarda, o realismo crítico prepara a aliança com o realismo socialista.

Os problemas que a sociedade socialista põe ao escritor, um real qualitativamente diferente, conduzem-no á criação dum novo es-



tilo. A perspectiva é agora orientada no sentido da caracterização do homem do futuro, portador duma nova psicologia e duma nova moral. É o realismo socialista do qual Lukács nos fala nestes termos: «Se for correctamente transformada em concepção e criação literárias a perspectiva socialista permite pois ao escritor uma representação da realidade social e histórica mais total, mais rica, mais concreta do que qualquer dos outros pontos de vista que possam ter sido adoptados no passado, inclusive, bem entendido, o do realismo crítico.» — pág. 138; «em regime socialista, o isolamento situa-se no começo, e o romancista mostra-nos o seu herói familiarizando-se pouco a pouco com as estruturas sociais, colaborando cada vez mais com outros homens unidos no mesmo esforço, ascendendo, deste modo, a uma forma nova e superior de personalidade.» — pág. 160. Como diz Lukács: «o marxismo situa no próprio coração da sua estética a preocupação de reflectir a realidade objectiva.» — pág. 139.

O realismo crítico, que não é rejeitado — e que constitui até uma experiência util — mantém-se, não obstante a mutação social, porque, tal como o realismo socialista, tem por objectivo compreender a realidade. No entanto, os seus temas perdem o significado, o que o leva necessáriamente a extinguir-se. O realismo crítico extingue-se, porque já não corresponde a uma necessidade: «Estaria assim estabelecido que, numa sociedade socialista, o realismo crítico subsiste durante um tempo relativamente longo. Mas a verificação desta sobrevivência não implica, por si própria, a sua justificação.» — pág. 149; «resulta daqui que, nas suas dimensões históricas, o campo delimitado ao realismo crítico tende a diminuir, á medida que este realismo se mostra menos apto para representar adequadamente o mundo social em vias de constituição. (...) É por esta razão que a morte do realismo crítico é um definhamento; da mesma maneira que, a seu tempo, as formas nascidas da época feudal, saídas da concepção feudal do mundo definharam também.» — págs. 163 e 164.

Vemos assim que, na concepção lukacsiana do homem e do mundo, a literatura — como, aliás, todas as outras formas de actividade — se vincula indissociàvelmente à realidade histórico-social donde brota, ao seu dinamismo ou à sua paralisação, para a reflectir quer como expressão dum pensamento em fuga ao real, quer como expressão dum pensamento que procura, na medida do possível, apreender o conteúdo da realidade.

A Lukács ficamos, pois, a dever um importante estudo sobre a literatura do nosso século, ou, mais exactamente, sobre o espírito dessa literatura.

(1) Ed. Cadernos de Hoje. Trad. de Carlos Seboga.

OBRAS COMPLETAS
DE
JOSÉ RÉGIO

«MÚSICA LIGEIRA»

PRÉMIO NACIONAL DE POESIA — 1970

Atribuído a título póstumo tendo em consideração o conjunto de toda a obra poética de JOSÉ RÉGIO

Distribuídas em exclusivo por
BRASÍLIA EDITORA
Rua José Falcão
PORTO

acaba de sair

sem flores nem coroas
de Orlando da Costa
Peça em três actos com um estudo cenográfico de João Abel Manta em extra-texto

2 da colecção

6

Amphiteatro
uma edição Seara Nova

INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Apesar de até agora mais se ter distinguido como ensaísta (recordamo-nos de alguns dos seus textos na velha série de O TEMPO E O MODO), M. S. Lourenço publicou já os seguintes livros: O (Desequilibrista (1961), O Doge (1962), Ode a Upsala (1964) e Arte Combinatória (1971) — obras cujo género, como o disse já António Ramos Rosa, é de difícil definição dentro dos cânones literários, e em que avultam sobretudo a imaginação, o humor e o exercício original da linguagem».

Entre os seus trabalhos mais destacáveis não queremos deixar de realçar (ainda dentro da velha série de O TEMPO E O MODO) a sua tentativa de tradução de Finnegan's Wake, J, 3 de James Joyce.

A sua resposta ao nosso inquérito distingue-se das anteriores pela extensão, forma, e tipo de análise praticado. Na verdade, englobando numa só questão todas as nossas perguntas, M. S. Lourenço optou por enviar-nos um longo texto onde se explicitam e detalham algumas das principais operações de que poderá revestir-se a «análise literária».

Evidentemente que, logo de início, M. S Lourenço distingue cuidadosamente dois tipos de Crítica: a que é praticada através das páginas dos jornais e revistas e uma reflexão mais aprofundada e que normalmente se exerce ao longo das páginas de um ensaio. A esta última chama M. S. Lourenço «análise literária» e é sobretudo sobre ela que principalmente incidem as suas reflexões. Não é no entanto unicamente formal a distinção feita entre estas duas formas de abordagem de um texto. Enquanto a primeira apenas produz juízos de valor, a segunda, bem mais estruturada, tende a organizar-se ou a fundamentar-se numa teoria.

O cuidado posto por M S. Lourenço na explicitação desta segunda forma de Crítica justifica-se na medida em que, como ele muito bem o diz em relação à primeira, um juízo de valor é, como instrumento crítico, de interesse nulo.

Para alguns leitores a sua resposta, parecerá talvez demasiado erudita para ser publicada nas páginas de um Suplemento cuja principal função terá sem dúvida que ser a informativa generalizada. Embora não deixemos de aceitar como válida uma tal objecção não queremos deixar de vos propor a leitura atenta deste cuidadoso e meditado texto de M. S. Lourenço. Nele apenas teremos que lamentar a ausência de resposta sobre a função e a forma de que se deverá revestir aqui a prática de uma actividade crítica com carácter imediato que, por ser a que mais directamente tem preocupado este Suplemento, neste momento nos interessaria particularmente discutir.

A RESPOSTA DE M. S. LOURENÇO

CRÍTICA E ANÁLISE LITERÁRIA

NESTA RESPOSTA a palavra «poema» designa qualquer objecto literário. Um soneto de Camões é um poema e durante o que se segue chamar-se-ão poemas a novelas, romances, tragédias, etc. Aristóteles chamou «Poética» à discussão dos princípios gerais do drama e seguiremos o seu exemplo chamando poemas a todos os objectos aos quais os seus princípios se podem aplicar. Não há conflito entre os dois empregos da palavra porque a percepção de Aristóteles foi suficientemente profunda e geral para ter estabelecido princípios que governam os nossos raciocínios, não só a respeito do drama como a respeito de qualquer outro objecto literário.

Todavia é natural que cause mais dificuldades o emprego não qualificado da palavra «Crítica» do que o emprego da palavra «poema» no sentido descrito acima. A recensão crítica de um livro, nas colunas de um jornal, é uma forma de Crítica. A discussão crítica de um livro ao longo das páginas de um ensaio é também uma forma de Crítica. E no entanto nada há mais diferente do que estas duas formas de Crítica. A primeira forma tende a cristalizar-se num juízo; a segunda tende a organizar-se numa teoria. O género de juízo envolvido na primeira forma é um juízo de valor. Como instrumento crítico um juízo de valor é de interesse nulo. Em Crítica um juízo de valor é uma forma pouco subtil de *petitio principii*. Diz-se que um poema é «bom» se tiver as características x, y, z. Mas um momento de reflexão mostra que as características x, y e z, ou foram estabelecidas arbitràriamente (e não têm interesse crítico por serem alheias à nossa experiência literária corrente) ou foram obtidas indutivamente por análise de poemas particulares. De modo que um poema ter as características x, y e z é a mesma coisa do que pertencer ao conjunto dos poemas que têm as características x, y e z. Ao contrário, a teoria em que se organiza o ponto de vista da segunda forma de Crítica propõe-se à nossa verificação e ao nosso escrutínio. Enfim, é impossível descobrir que um juízo de valor é uma manipulação deficiente da realidade.

Nenhuma função útil é servida pelo emprego da mesma palavra para duas operações tão distintas. A recensão crítica de um livro, nas colunas de um jornal, chamar-se-á crítica literária. A discussão crítica de um livro sob a forma de um ensaio chamar-se-á análise literária. Escusado será dizer que como em Portugal raramente se escreve um ensaio de análise literária a tendência é para promover a crítica literária a análise literária. Mas as idiossincra-

sias do subdesenvolvimento literário não são agora de uma relevância essencial. Servem apenas para mostrar que o subdesenvolvimento literário, isto é, a circunstância de se amalgar as duas funções, explica a falta de discriminação no uso da palavra Crítica.

OPERAÇÕES DE ANÁLISE

Mas a expressão «análise literária» por sua vez, não pode ser usada sem qualificações. Em particular tem que se dizer *ab initio* que nem toda a análise literária envolve operações de análise. Não há paradoxo. «Análise literária» é uma expressão que designa um género de atitude crítica e não o género de operações críticas efectuadas. Assim pode-se fazer a análise literária de um poema em que as operações críticas envolvidas sejam operações de síntese. A análise estrutural de um poema é uma operação de síntese enquanto que a análise lógica do mesmo poema é uma operação de análise. Como se sabe estas operações não são consideradas de um ponto de vista estático ou, o que é o mesmo, o interesse destas operações é a sua interdependência. Esta dependência consiste no facto de a análise de um poema só obter o seu efeito total quando vista no contexto de uma visão sinóptica do mesmo poema. E reversivamente a visão sinóptica só faz sentido completo quando complementada pela análise linear do poema.

A origem desta interdependência é a forma que toma a percepção do poema pelo leitor. É essa forma é a oscilação entre um ritmo de continuidade e um ritmo de descontinuidade. A percepção contínua de um poema manifesta-se òbviamente quando a experiência da leitura do poema consiste no movimento do espírito através do mythós do poema. Sabemos então quem é o herói, com quem é que casou, qual foi a sua hamartia e fechamos o poema assistindo à peripécteia triunfal da sociedade cómica ou à queda do herói trágico.

Na percepção contínua de um poema o mythós aparece como uma sucessão orgânica de acções. A expressão de Aristóteles, mímesis práxeous, é mais convenientemente compreendida como uma imitação verbal de uma acção. A convergência desta sucessão para o limite cómico ou trágico é o resíduo que fica impresso no espírito do leitor.

Mas um poema além de mythós, tem dianoia. E a percepção da dianoia de um poema causa uma inversão na percepção do mythós do poema. Aristóteles chamou a este momento anagnórisis. Neste momento o herói do mythós percebe finalmente o significado de um oráculo ou de qualquer outra proposição cujo significado ele não tenha conseguido descobrir. Descoberta ou reconhecimento são maneiras homónimas de falar de anagnórisis. Há diversos mecanismos para tornar a anagnórisis um momento expediente. Em situações de comédia, por exemplo, um desses mecanismos é a descoberta da falsa identidade de uma personagem.

A inversão da percepção do mythós do poema iniciada pela anagnórisis estabelece a visão atómica ou analítica de cada uma das acções do mythós como sendo a objectivação da dianoia (ou sentido) do poema. A percepção contínua do poema é sinóptica no sentido em que é uma visão simultânea do universo do poema. A percepção descontínua iniciada pela anagnórisis é atómica no sentido em que se vê cada acção como uma materialização da dianoia total do poema. Continua ou sinòpticamente sabemos que Hamlet tem dificuldades em estabelecer uma data para executar a vingança da morte do pai. Mas por outro lado é essa compreensão da dianoia do poema que nos permite perceber a razão que leva Hamlet a poupar uma vez mais o Rei quando o encontra a rezar.

Em geral a percepção contínua de um poema precede a sua percepção descontínua. O espírito vai registando acções em sucessão suspendendo temporàriamente a interpretação do significado ultimo dessas acções. Atingida a anagnórisis, pode-se regressar ao início da sucessão e ver o significado de cada um dos seus termos à luz da revelação produzida pela anagnórisis. Estamos então em condições de começar a análise do poema.

ANÁLISE LÓGICA

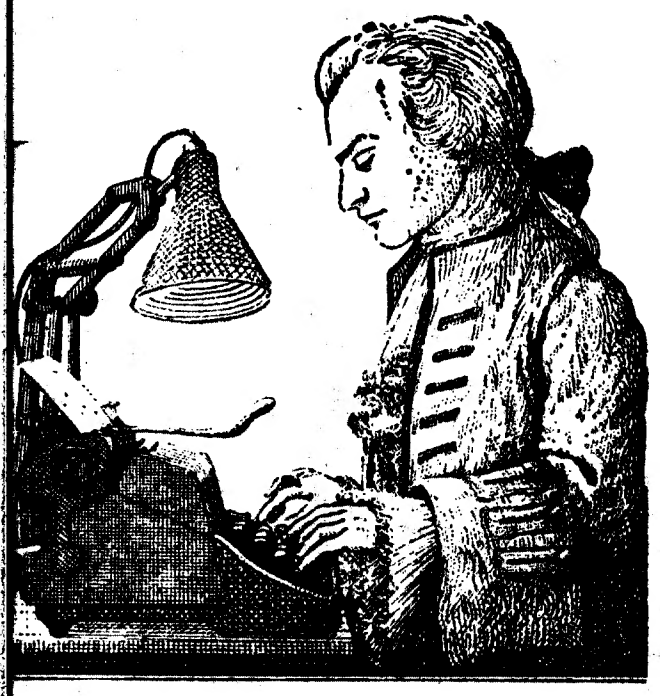
O primeiro passo a dar nesta peregrinação analítica é fazer a análise lógica do poema. Um poema é, entre outras coisas, uma cadeia de raciocínio, e a análise lógica do poema há-de tornar possível fazer-se uma descrição razoàvelmente adequada da organização dessa cadeia. É menos importante classificar o género de raciocínios usados no poema do que estabelecer efectivamente as conexões entre os diversos raciocínios. Escusado será dizer que as conexões não são óbvias; se o fossem a análise seria trivial. Num bom poema as conexões entre os diversos raciocínios estão dadas sob uma forma elíptica e a função da análise é permitir reconstituir os diversos passos que separam aquilo que aparenta ser uma premissa daquilo que aparenta ser uma conclusão. A mesma rotina se pode usar para provar que certa preposição (ou o seu sentido) é implicada pelo poema. É escusado procurar todos os passos no poema; a função do analista é restituir ao leitor a ideia que vai do poema ao sentido da proposição que ele implica.

Num poema há uma combinação organizada de variedade e de repetição. A variedade conduz ao desenvolvimento das ideias até à sua conclusão lógica. A repetição ajuda a memória a conservar material (talvez já desenvolvido) e serve ainda para estabelecer «pontes» ou passagens de uns temas para outros. O objectivo próximo de um poema é ser um objecto inteligível. Se as ideias ou motivos ou temas aparecem e desaparecem em sucessão, sem nunca serem desenvolvidos, o espírito é incapaz de apreender a entelèquia ou organização específica do poema. Mas, por outro lado, repetição e redundância são conceitos diferentes. Redundância é a repetição mecânica sem nenhuma função estrutural. A análise lógica permite estabelecer a diferença entre repetição e redundância. Como um poema é um conjunto finito (e em geral pe-

M. S. Lourenço: as principais operações da «análise literária»

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. — Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8. — Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.



queno») de ideias pretende-se obviamente não desperdiçar tempo e energia com elementos redundantes. Quando a análise lógica estabelece que as ideias usadas num poema são o menor número possível capaz de exprimir o que o poema exprime, diz-se que o poema tem independência. Por outras palavras, nenhuma ideia

uma repetição mecanica e outra ideia e nenhuma ideia pode ser eliminada em mutilar o significado total do poema.

Em particular, a análise lógica permite estabelecer se o poema é ou não completo. Um poema completo é aquele em que as ideias apresentadas são desenvolvidas até á sua conclusão lógica. Num poema incompleto as ideias aparecem e desaparecem em sucessão sem nunca chegarem a desempenhar um papel estrutural na organização lógica do poema. A massa verbal do poema deve ser suficientemente rica para permitir o desenvolvimento das ideias apresentadas. Ideias cognatas das ideias apresentadas no poema devem ser igualmente exprimíveis na linguagem do poema.

Quando um poema é completo e portanto as ideias nele apresentadas são integralmente desenvolvidas surge a questão de saber se estas ideias são incompatíveis entre si. A análise lógica poderá estabelecer que espécie de consistência é que o poema apresenta ou, nos casos mais interessantes, que género de paradoxos é que são explorados no poema. Em geral nenhum poema é simplesmente consistente. A análise lógica de qualquer poema conhecido estabelece fácilmente a existência de contradições. Mas as contradições de um poema não implicam a nulidade do poema. A experiência mostra, ao contrário, que contradições e paradoxos podem ser usados pelo poeta para qualificar ou intensificar o ponto de vista geral que o poema apresenta. A análise lógica não se esgota numa lista de paradoxos. Os paradoxos têm que ser analisados e tem que se estabelecer qual o seu significado e qual a função estrutural que desempenham no poema.

A consistência simples e o paradoxo são apenas casos extremos. No «meio» existem diversas formas de tensão lógica que a análise é capaz de revelar. Embora a existência das diversas formas de tensão lógica não implique a nulidade do poema é óbvio que o significado geral do poema fica suspenso, pelo menos até ao momento em que os diversos conflitos tenham sido resolvidos. Se a análise demonstra a existência de conflitos irresoluveis essa demonstração não nos força todavia a aceitar a nulidade do poema. Um paradoxo irresoluvel pode ser a expressão de um conflito existencial irresoluvel. O exemplo óbvio é sempre o da morte de Romeu «and with a kiss I die» uma vez que o «die» isabelino quer também dizer erecção.

ANÁLISE SEMÂNTICA

Contudo há que organizar numa explicação satisfatória os papéis desempenhados pelas diversas formas de tensão. Em geral isso faz-se através da descrição complexa e qualificada do significado do poema depois de se tomar em consideração as modificações no sentido introduzidas pelas tensões.

Cont. na pág. 7

EXPLIQUE-NOS AS RAZÕES POR QUE NÃO É AINDA SÓCIO

...estamos à sua espera na rua António Pedro, 129-r/c, dt.º, LISBOA (o telefone é o 5 22 24) com livros seleccionados de oito editoras. Depois falamos...

• Ou então, se preferir, recorte este anúncio e envie-o num simples postal para **CLUBE EXPRESSO — Apartado 21100, Lisboa-2.** Nós explicamos tudo. Acredite.

nome.....

morada.....

A

Prontuário das Letras

A propósito: Isabel da Nóbrega escreveu «Rama, o elefante azul»

Durante um almoço realizado no passado dia 29 de Julho, foram tornados públicos os nomes das individualidades galardoadas com os prémios literários e artísticos da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. O leitor já conhece quais são e, pelo rol, avaliou com certeza o trabalho dos júris. Pela nossa parte achamos de registar algumas palavras do sr. Domingos Monteiro, proferidas no decorrer do almoço. Eis-las:

«É costume dos portugueses não concordarem nunca com o que os outros dizem. Eu tive, como português que sou, a tristeza de ter que concordar com as palavras do secretário da Informação. Um dia, estava eu na minha casa e começaram a felicitar-me por razões para mim desconhecidas. Não tinha feito anos, não havia nada que tivesse sucedido, na minha vida, que merecesse essas felicitações. Mas vim a saber, depois, que, sem ter concorrido, me tinha sido atribuído o Prémio Nacional de Novelística. Como não fora concorrente e como a atribuição do prémio tinha sido um acto espontâneo, eu aceitei-o e foi depois disso que me convidaram a ser, durante largos anos, membro dos júris desta casa. É esta experiência de membro dos júris que me permite vir afirmar, aqui, esta verdade que quero tornar pública: e é a de que nunca vi ambiente algum de tanta imparcialidade, de tanta objectividade, de tanta igualdade para se decidir sobre o mérito e valor dos portugueses e dos escritores portugueses.»

Em nome da imparcialidade, da objectividade, da igualdade, acrescentamos a propósito que a história infantil *«Rama, o elefante azul»* (cujas ilustrações determinaram a concessão de um prémio póstumo à pintora Leonor Praça) é da autoria de Isabel da Nóbrega. De facto os elementos noticiosos fornecidos aos jornais não continham esta pequena (ou não tão pequena como isso?) informação.

Histórias e invenções de um grande escritor

Subintitula-se «Histórias e invenções» o novo livro de José Gomes Ferreira, *«O Irreal quotidiano»*, que a Portugália Editora anunciara há tempos e afinal nos reservava para as férias. É uma colectânea de trinta e duas narrativas, melhor dito: trinta e dois episódios mais dessa longa e fascinante autobiografia que o autor tem vindo a legar-nos desde 1950 com *«O mundo dos outros»* (ou, se se quiser, desde 1948, data do aparecimento da sua *«Poesia I»*).

Na modesta opinião do Prontuário, está aqui uma das obras mais brilhantemente realizadas de José Gomes Ferreira e, cremos que sem favor, um dos bons livros do ano. Já lêramos algumas páginas de *«O Irreal quotidiano»*, salvo erro rotuladas de «crónicas» na pág. 3 de *«O Primeiro de Janeiro»*, e para elas chamáramos a atenção do leitor faz agora um ano. Reunidas com outras, formam um volume saborosíssimo cuja dimensão real transcende (é o segredo dos grandes escritores) qualquer aparente circunstancialidade de que arrancassem. Em resumo: aconselharíamos a sua leitura se não fosse tolice, e das redondas, dizer coisa tão óbvia.

Em tempo: atenção a uma obra-prima da nossa prosa contemporânea: «A caça mágica» Vem a pág. 107

J. Gomes Ferreira: fascinante

Isabel da Nóbrega

Ruy Cinatti na série dos Poetas de Hoje

Também da Portugália Editora é *«Memória descritiva»*, de Ruy Cinatti, n.º 31 da colecção Poetas de Hoje (os n.os 32 a 35 tinham entretanto saído). Cinatti, um homem dos Cadernos de Poesia, fez dois longos interregnos: entre 1941 *(«Anoitecendo a vida recomeça»)* e 1958 *(«O livro do nómada meu amigo»)*, depois entre 1958 e 1967 *(«Sete septetos», «Crónica cabo-verdiana» e «Ossobó»)*. Daí para cá tem sido pródigo: *«O tédio recompensado»* data de 1968, *«Borda d'alma»* e *«Uma sequência timorense»* do ano passado.

A crítica especializada pesará, melhor que nós, este *«Memória»* dividida em nove partes onde numa primeira leitura notámos, para além da recorrência de temas dos anos quarenta, uma aposta de «coloquialidade» que atinge feições paradigmáticas em «Moeurs contemporains ou o imbecil quotidiano» (págs. 42-50).

V. Magalhães Godinho em edição de bolso

A Biblioteca Arcádia de Bolso, agora renovada de aspecto e regularizada na periodicidade, deu-nos há dias uma obra de divulgação de Vitorino Magalhães Godinho: *«A estrutura da antiga sociedade portuguesa»*. O autor chama-lhe «volumito», mas é-o sòmente pelo tamanho. Aconselhá-lo-íamos a quem quisesse armar-se de um bom instrumento para «ler» o Portugal de hoje.

O leitor médio espantar-se-á mesmo com alguns dados constantes do livro. Sabia, por exemplo, que no período de 1880 a 1886 emigraram tantos portugueses para as longínquas ilhas Hawai como para África? E que São Tomé começou a ser povoada por D. João II, que para lá degredou centenas de meninos judeus?

A BARBEARIA DE SEVILHA

Cont. da 1.ª pág.

lio, vem D. Alonso, vem a criada, vem Rosina... Vêm todos, todos iguais, todos sem sentido, velhos e mortos fazem tudo o que não deve ser feito e ficaríamos mortos se não soubéssemos que Beaumarchais e Rossini conseguem tirar vingança de todos estes agravos.

Conta lá agora tu.

1 — «O Barbeiro de Sevilha», ópera de Rossini, é, como o Capuchinho Encarnado, uma história sobre a Bela e o(s) Monstro(s), ou de como não há Bela sem Senão. A Bela é um ser em solidão mais ou menos desolada e por isso mesmo desejável por parte de alguns mata-borrões que orbitam em volta da menina que se deixa levar assim-assim.

Rosina (a Bela) que está para o conde de Almamorta (que a aspira) como o pássaro na gaiola (1), é uma sobremesa apetecível e como todas as sobremesas só vem no fim.

2 — O PUDIM-FLAN

a) Deite o conteúdo da gaiola numa caçarola. Junte pouco a pouco meio litro de leite, mexendo até desfazer completamente;

b) Leve a lume brando mexendo sempre e, quando levantar fervura, mantenha-a durante dois minutos;

c) Deite na FORMA, deixe esfriar e sirva enfeitado com chantilly.

3 — O ENROLAR DOS ACONTECIMENTOS

Primeiro acto. Rosina surge da janela do primeiro andar da casa de D. Bártolo, velho lúbrico seu encarregado de educação que a quer também assiste ás manobras iniciais da atracação. Na rua: o conde de Almamorta com água na boca mastiga uma serenata: o engate. Rosina atira-lhe um cravo verdadeiro, que como explicarei mais tarde verão que é falso.

Segundo acto. Pela primeira vez aparece em cena Rosina, que significa etimológicamente Rosa Pequenina, que para não alongar mais a frase chamarei de Quenina. Quenina passeia-se através do seu círculo vicioso numa ária em que a extensão só de vez em quando lhe pertence, isto é, nos solos fora da orquestra, momentos de tempo-off em que a única dimensão existente é o fôlego o que lhe dá um certo ar de sobrevivência a oxigénio. Como é a primeira vez que o autor lhe dá oportunidade de se definir, no entanto moldada e suportada pela orquestra poder-se-ia tornar insuportável se aproveitasse esses momentos e tornasse explosiva a sua solidão. No entanto, torna-se indefinível mediante um aproveitamento lúdico da situação e uma evidente equivocidade pelo facto de na mesma trajectória da ária imiscuir vários sentidos. É esta a segunda possibilidade de a personagem se tornar autónoma. Se eu não gostasse MESMO muito dela estar-me-ia nas tintas, mas assim, antes que se deixe contagiar, é conveniente pisca piscar-lhe

O acto acaba num «brouhaha» absorvente que engloba TODAS as personagens em conflito e retira-lhes a solução do mesmo. Formalmente é uma con-fusão caracterizada pela repetição circularmente viciosa de vários motivos até à exaustão. Essa exaustão, analisada, é composta pelo mínimo de entropia (quantidade de desordem) e o máximo de tensão que é levada à centrifugação (o efeito visível é a analgesia das hierarquias, como é exemplo a estupefacção petrificada de D. Bártolo) que é a solução inviável proposta pelo autor do conflito. No entanto, é incarnada pela Quenina e transportada como um vírus para o 3.º acto.

1 — IMUNIZAÇÃO DO VÍRUS

Quenina que é uma menina cheia de boa vontade encontra-se logo ao princípio do terceiro acto em cena com o conde de Almamorta disfarçado de aspirador (continua a aspirá-la) e D. Bártolo disfarçado de pai de família. É portanto uma perfeita dona de casa. Tendo os dois pólos de atracção ocupados com o próprio funcionamento, a prima-dona tem a sua primeira oportunidade de sair da gaiola e deixar de ser um pintassilgo obrigado a horário de trabalho.

POSTIÇOS

POSTIÇOS DE CABELO EM TODOS OS GÉNEROS

Através de uma ária cantada com a orquestra e acompanhada ao faz-de-conta no cravo pelo conde (esta a razão pela qual o conde e o cravo são falsos) a menina atira o grasnido e consegue um eco na flauta, o que a faz saltar para a plateia donde contempla a própria destruição como é o (mau) costume da época. O autor, que, malgré tout, era um compositor, para não descompor as coisas, resolve a situação com uma tempestade feita pela orquestra que coloca tudo nos seus devidos lugares. Esta ocasião é aproveitada pelo conde, que, disfarçado de conde, entra para assinar o casamento. Logo que a menina é inaugurada, a preversidade de Rossini vinga-se do desvio pela introdução do germe do adultério ao colocar na ária do pedido um lugar também para o barbeiro: um LUGAR PARA SI NUMA SOCIEDADE PARA TODOS.

A CRUELDADE É A MÚSICA

No Barbeiro de Sevilha *se encontra um dos mais puros actos de teatro que no mundo já houve. Para pôr ao lado de* Alice, Ubu Roi, Bacantes, Vitor *e* Hamlet *ou* Antígona. *A evolução da estória de Beaumarchais vai parar ao teatro puro que vence a realidade e acaba por definir o actor como a quinta-essência do homem.*

O teatro é a linguagem-a-devir música e a linguagem-música é o momento da grande libertação da linguagem.

Em si mesmo, o teatro cantado é a resolução de milhares de problemas que ao teatro se põem: o realismo não preocupa ninguém nesta arte de Itália que põe os homens, as mulheres a cantar cada vez que é preciso que eles chorem, lutem, amem ou odeiem. E é nos momentos de ódio essencial que fugindo à estória (e à História) se cantam duos em uníssono, resolvendo com harmonias mais ou menos dialónicas todos os conflitos.

No Barbeiro de Sevilha *notàvelmente.*

Ainda quando Rossini não resolve vários diálogos prosaicos com algum humor, é contudo para um espaço e um tempo musical que tudo tende; e é na afirmação pelo canto que todos — quer o conde-amante, quer a Rosina-amada, quer o tutor-castrador — se se revelam e definem. Ao mesmo tempo que definem o palco como um lugar de loros e eros, um tempo marcado por flautas e violinos, depois de limpo por uma tempestade de música. Aqui desaparecem as categorias e as classes; aqui

foram os tutores ludibriados sem sangue; pela música (de que D. Alonso não sabe bóia) se estuporizam todos os baixos. Aqui se fez a barba a quem decentemente a tem feito na casa de banho privativa. Aqui ganham as flautas e levam a melhor sobre os professores de solfejo. Aqui desaparecem os elementos insignificantes, os cravos baratos da indústria cravística nacional: as dálias murchas, os malmequeres de palha, as flores de estufa, a hera e as açucenas de plástico.

★

Não há como um palco às escuras, cheio de gente a cantar sem ordem, celebrando a festa de eros. É aí que o teatro nasce — é aí que micer Carlo Pasqualli morre, enfeilado nas suas próprias flores, tendo a encomendar-lhe a alma a chiadeira das cadeiras de veludo.

E palmas.

Cada um tem o inferno que merece e a caixa do ponto — prova-o esta encenação do Barbeiro — *é um óptimo inferno para um encenador ser aplaudido.*

Atenção pois à terminação-epimython:

Mas, vírgula, meus senhores, isto no fim de contas é tudo uma grande família e havendo BOA DISPOSIÇÃO tudo corre pelo melhor e assim, assim: lá vamos cantando e rindo, levados, levados sim.

---

(1) Já repararam que falta o gato na história?

JOSÉ ALBERTO GIL
MANUEL JOÃO GOMES

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

Ver e agir

Cont. da 8.ª pág.

aprendizagem interessada e se indetermina com o divórcio do real, inclui toda a capacidade de acção do artista, a sua capacidade de reformular os dados da percepção e de refazer assim, de uma forma crítica mais profunda (também mais inventiva e mais esclarecedora) o sentido dos fenómenos com que se confronta. Aprender a ver a realidade para além do significado ambíguo das sus aparências, é aprender a usar a consciência, é aprender a construir novos códigos de representação (e portanto de acção) sobre tudo o que condiciona o nosso comportamento. A obra de arte é, por definição, acto. A especificidade desse acto não pode entender-se como uma forma de desinteresse; ela comporta, pelo contrário, o «cunho da eficácia e da necessidade duma função plástica (5).» Tal condição não iliba o artista do confronto com os factos que antecedem a sua acção, que lhe são paralelos ou que dela inclusivamente resultam. A

obra é também um objecto em movimento, que passa a inscrever-se numa realidade mais vasta em constante transformação. Sem a consciência dessas relações e sem a noção de empenhamento que daí resulta, o papel do artista tende para uma degeneração esteticista que é tão perigosa como a cristalização académica. Daí à total esterilidade medeia a curta distância de um passo.

ROCHA DE SOUSA

---

(1) (2) Alberto Ferreira: «Real e Realidade I»

(3) Eduardo P. Coelho, citando Piaget: «Diário de Lisboa» 10.7.71

(4) Citação de Piaget no mesmo artigo, «Diário de Lisboa», 10.7.71

(5) P. Francastel: «Arte e Técnica».

«Ad hoc»: uma carta

A PROPÓSITO do texto «Saber olhar», integrado na rubrica «ad hoc» publicada neste Suplemento há uma semana, recebemos a seguinte carta:

Exmo. Senhor
Director do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa».

COMO PROFESSORA da Secção de Algés, da Escola Preparatória de Francisco Arruda, responsável pela coordenação do catálogo da exposição escolar e ainda de acordo com a independência profissional com que aquele estabelecimento de ensino nos personaliza, cumpre-me responder ao sr. V. S. T. (rubrica «ad hoc» do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», de 29 de Julho de 1971):

Creia-me sinceramente atónita pela honra de primeira página que, no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» de 29 de Julho, foi dada à crítica de uma folha impressa, dedicada á Exposição Escolar-71, da secção de Algés da Escola Francisco de Arruda a pensar apenas, nas crianças que iriam visitar a «sua» exposição, e pretendia-se motivá-las para uma atitude atenta e reflectida em relação ao que, afinal, constituiu uma retrospectiva do seu trabalho ao longo do ano.

Como mola dessa motivação, escolhi palavras de alguém por quem o sr. V. S. T. e eu, temos comum entusiasmo, admiração e respeito — Mestre Almada Negreiros.

Servi-me das suas palavras como as de alguém que está presente e nos é próximo e familiar, marcando o seu nome para que as crianças o fixassem e, a pouco e pouco, também se lhes torne próximo. Tendo em conta, portanto, aqueles a quem dirigia o texto, pareceu-me correcto sublinhar determinados passos do excerto em questão, e reduzi-lo, de molde a que, *não lhe diminuindo a densidade nem a intenção*, qualquer criança fosse capaz de o assimilar, nas circunstâncias em que, normalmente, ele seria lido.

As reduções não foram, no entanto, arbitrárias posso afirmar-lhe, e, sempre que as houve, tive o cuidado de que fossem de facto assinaladas. Infelizmente, na passagem para os folhetos, o sinal de corte (...) não é presente uma vez, além de surgirem gralhas que o sr. V. S. T. tão minuciosamente especifica, e se devem ao facto de ter havido incompreensão do texto manuscrito (exs: fez por faz, desenhe por desenha).

Pois lamentamos os dois que existam essas gralhas, mas dramatizar adjectivando-as de «desastre», isso penso que é demasiado. A verdade, e nisso tenho de ser peremptória, é que o conteúdo de «A Flor» *não foi atingido*, o sentido não alterou *nada* nem *em nada* as intenções de Almada Negreiros. É isso que havia de ser considerado como realmente importante.

Em contrapartida, tantas vezes temos visto em sítios de enorme responsabilidade pela sua numerosa projecção (jornais diários, por exemplo), gralhas que alteram a verdade dos factos, deturpam informações, alteram textos, que sei eu? Mas o sr. V. S. T. fez desta folha da Exposição Escolar o seu cavalo de batalha. Pois bem: todos ficamos a saber que lê Almada, conhece «A Invenção do Dia Claro», e é um pugnador pela sua divulgação. Mas que tem feito por isso? A busca de um pretexto como este foi, com franqueza, tão injustificada!

1 — As gralhas que surgiram por lamentável acaso mas que não alteram nem ao de leve o conteúdo de «A Flor»;

2 — As reduções do texto, que tiveram a preocupação de fixar os seus momentos mais importantes;

3 — O sublinhar («destaque em caixa alta de algumas palavras e expressões») teve por fim levar a criança a fixar-se no fundamental, a sintetizar os vários pontos;

4 — A indicação da autoria sem haver referência à obra. Pois foi o que, dada a situação, me pareceu essencial, para tornar mais directas e incisivas as palavras do autor. A localização no conjunto da sua obra não teria significado para as crianças, naquele momento. Creia que lhes basta, para já, saber que houve um senhor, Almada, que escreveu aquele pedaço de prosa que eles já sabem achar bonito.

Aqui temos, enunciado, o que tanto feriu a sua sensibilidade. Não se lembrou, talvez, de pensar a que propósito ou porque razões, a pessoa que escolhera o tal excerto (e se o escolhera preferira-o a muitas outras coisas), teria determinado objectivo em relação a ele e aos que o iriam ler.

Pois concordo que seja tudo uma questão de fazer para *(ou)* «ad hoc» qualquer coisa que preencha espaço (um espaço de primeira página de um Suplemento Literário (!)). Porém, todos concordamos que há tanto a fazer, tanto a divulgar no que respeita à criação literária nacional de *hoje*, tanto a desmascarar, tanto a repôr nos seus devidos lugares! E perde-se tempo com coisas de nada, enchem-se de vazios espaços tão úteis que, quem sabe, alguém poderia preencher. Assim, não chegamos a parte alguma, nem ninguém, fica esclarecido! Vamos saber olhar, repito, mas agora digo-o a nós, adultos com responsabilidades. Não levemos a aridez das nossas ideias a carregar cada vez mais a paisagem. Sejamos libertos e escorreitos e... se não pudermos fazer o que queremos, não façamos, ao menos, o que não queremos, ou seremos totalmente ineficazes.

Mas, para além de tudo isto, algo terá sido útil — «A Flor», «A Invenção do Dia Claro», o falar-se de Almada uma vez mais.

E só para concluir: Quem lhe disse que Almada «já não pode protestar»?

Isabel Maria Santos Pires

P. S.: Veio com tanta lhaneza insurgir-se contra aquilo a que resolveu *muito subjectivamente* apelidar de deturpação de um texto, deturpação que lhe demonstrei inexistente. O mesmo não se poderá dizer da fotografia a quatro colunas, publicada na sétima página do mesmo Suplemento, que o sr. V. S. T. não se furtou a publicar para quem quis ver: deturpação fotográfica acintosa e toda ela intencional. Afinal onde está a coerência e a verdade das suas convicções?

COMENTÁRIOS DE V. S. T.

1.º — O sr. Almada não escreveu (ou não escreveu assim) aquele pedaço de prosa. Pelos vistos, quem escreveu (ou escreveu assim) aquele pedaço de prosa foi a professora sr.ª D. Isabel Maria Santos Pires, que em relação ao texto do Almada praticou as alterações e os abusos que acentuei na minha nota — e que mantenho por inteira.

2.º — A ter havido «gralhas» no texto atribuído a Almada, são elas particularmente graves, atendendo ao corpo da letra e, sobretudo, ao fim a que o texto se destinava — fim que exigiria maior cuidado e atenção.

3.º — A oportunidade e a colocação gráfica da minha nota não vêm para o caso, pois que não alteram o conteúdo da mesma.

4.º — A gravura a 4 colunas publicada no passado Suplemento Literário não foi deturpada: em relação ao original apenas se isolou o poeta Ary dos Santos, chamando-se para ele a atenção. Pelos vistos, a professora sr.ª D. Isabel Maria Santos Pires não tem o olhar educado.

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Cont. da pág. central

Este género de análise tem o nome de análise semantica. O objectivo da análise semantica é a fixação do sentido de uma palavra e, em geral, de uma frase. É claro que esta fixação de sentido não é a priori. Ao contrário, o ponto de vista adoptado pela análise semantica, é sempre contextual. Por outras palavras, o sentido de uma palavra ou de uma frase é sempre estabelecida por referência ao contexto no qual a palavra ou frase ocorre no poema.

É um corolário da existência de tensões entre os sentidos das palavras ou das frases de um poema que o sentido total da palavra ou da frase só pode ser ambiguo. Nestas condições a ambiguidade é definida como sendo uma circunstancia semantica em que uma palavra ou uma frase tem mais de um sentido.

Um poema pode ser comparado a um poliedro e cada um dos sentidos não é mais do que cada uma das faces. Uma leitura do poema é uma rotação do poliedro. Se cada leitura implica rotação bem-se que todo o poema é um objecto cinético.

A existência de um numero plural de sentidos leva á organização dos diversos tipos ou géneros de ambiguidade. Em vez da palavra «ambiguidade» usa-se também muitas vezes a palavra «polisémico» para designar o mesmo conceito.

Se um poema é considerado como um objecto semântico polisémico então segue-se que *uma* descrição do sentido do poema é impossível. Como o poema está, por assim dizer, suspenso entre os diversos sentidos em interacção, o seu sentido deixa de ter univocidade. A descrição do sentido do poema será, no limite, tão complexa e qualificada como o próprio poema. Logo, a velha rotina de associar a cada poema uma formulação em prosa do seu sentido, com pretensões de univocidade, deixa de ter lugar. O bom senso ajuda aqui o analista semântico, porque se tudo o que Shakespeare queria dizer é que Hamlet era indeciso então não precisava de uma peça em cinco actos para o dizer. Meia dúzia de frases teriam bastado. Mas convém por outro lado não ter a noção simplista de que um objecto semântico polisémico é necessàriamente um longo poema. Um poema de duas linhas pode ser igualmente complexo. Basta recordar o poema de duas linhas de Ezra Pound «In a Station of the Metro».

A análise semântica não é apenas um exercício lexicográfico. Por outras palavras, a análise semática não se esgota na descrição das diversas modificações do sentido de uma palavra ou de uma frase. O objectivo da análise semântica é a fixação do sentido mas esta fixação não se obtém apenas analisando as palavras lexicográficamente. O contexto em que uma palavra ocorre é o quadro geral de referência para se determinar o sentido. Mas num poema o contexto é uma noção complexa de que também fazem parte factores como métrica, rima, tom e atitude.

ANÁLISE MÉTRICA

A análise métrica é também análise semântica no sentido em que o esquema métrico é um modificador possível de sentido e obviamente o esquema métrico faz parte do contexto em que uma palavra ocorre. Infelizmente, em Português, é

difícil ver que espécie de resultados é que se podem obter com a análise métrica uma vez que o sistema de análise métrica proposto para o verso português consiste, em pouco mais do que contar sílabas métricas.

Se é verdade que nenhum *sistema* de análise métrica é completamente satisfatório, uma vez que nenhum sistema é capaz de formalizar integralmente toda a experiência auditiva de uma linha de poesia, então a fortiori o sistema tradicional português de contar sílabas métricas e colocar acentos é o menos satisfatório de todos eles. Mas, é fácil conceber uma alternativa para o sistema tradicional de análise métrica. Embora não seja este o local apropriado, pode-se dizer que a ideia geral dessa alternativa seria a introdução da notação musical. Em termos dessa notação a análise métrica (e instantâneamente rítmica) de uma linha de verso transforma-se numa forma de análise semântica. A rima e o tom (ou atitude) são igualmente modificadores de sentido e a sua análise contribui para a determinação do sentido global do poema.

Nenhum poema é igual a outro poema (a menos que seja uma cópia). E sem esta pressuposição a análise lógica e semântica de *um* poema não faria sentido. Analisar um poema seria como analisar qualquer outro poema. E se todos os poemas fossem iguais, um poema não seria mais do que a repetição de outro poema e a Poesia não seria mais do que uma fastidiosa tautologia.

Mas depois de se dizer isto também se deve dizer que nenhum poema existe isoladamente. Qualquer poema, pelo facto de existir, insere-se imediatamente no contexto de todos os poemas que o precedem. A Poesia não é um agregado discreto de poemas individuais, obras-primas de duzentos em duzentos anos e um imenso vácuo de trivialidade no meio. Ao contrário, é um corpo organizado e coerente. É organizado em modos e é organizado em géneros. Quando se admite esta proposição como verdadeira inicia-se a visão sinóptica do poema. O poema é então visto como uma espécie de um género, como elemento de um conjunto de outros poemas com os quais mantém diversas espécies de afinidades e conexões. A conjunção das duas tendências analíticas produz finalmente a teoria.

As palavras «enteléquia» e «estrutura» já apareceram acima. Vale a pena dizer alguma coisa sobre a segunda, uma vez que sobre a primeira não há mais nada a dizer.

Quando se fala num poema como um conjunto tem-se em mente usar como elementos do conjunto o esquema métrico, o esquema semântico de que se falou acima, a configuração das estâncias, etc. A nossa experiência literária assegura-nos a existência de diversas combinações entre estes elementos. Estas combinações conduzem a um resultado, o efeito. Fala-se então do *efeito do* esquema métrico com o tom ou das estâncias com o esquema semântico, etc. Quando se está em condições de fazer uma descrição das diversas combinações diz-se que se descreve a estrutura do poema a respeito dessas combinações. Conhecer a estrutura do poema é conhecer a sua configuração combinatória.

M. S. LOURENÇO

Os cristãos-novos e a Inquisição

Cont. da 2.ª pág.

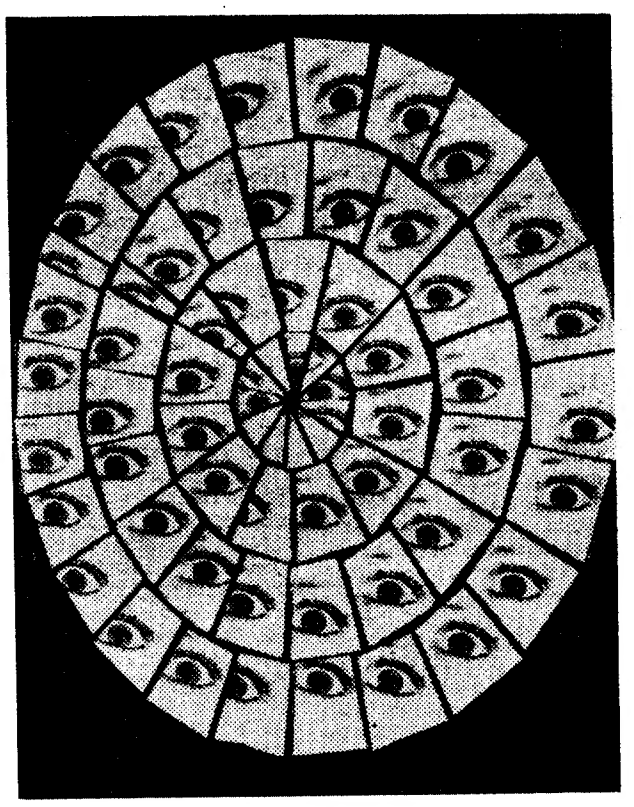
raiva, é lamentàvelmente incompleta. Faltam aí muitos nomes, alguns de autores de estudos importantes. Para mencionar ùnicamente os historiadores que trabalharam nos processos conservados na Torre do Tombo, teria sido necessário estudar as publicações dos portugueses Ribeiro Guimarães, João Correia Aires de Campos, Joaquim Martins de Carvalho, Pedro A. de Azevedo, Maximiano de Lemos, Carlos Alberto Ferreira, Augusto da Silva Carvalho, Eugénio da Cunha e Freitas, José Lopes Dias, Luís de Bivar Guerra, Samuel Schwarz; dos brasileiros José Antônio Gonçalves de Mello, José Gonçalves Salvador, D. Anita Novinsky; dos ingleses Lucien Wolf e Cecil Roth (não falo dos livros destes ingleses mencionados no *Diálogo*, mas de estudos particulares de processos inquisitoriais), de Arnold Wiznitzer, e, com certeza, de outros que não me acodem neste momento;

h) O Sr. António José Saraiva, autor de um livro de 319 páginas sobre «Inquisição e Cristãos-Novos», não leu inteiramente um único processo instaurado pelo Santo Ofício português contra um pretenso ou verdadeiro judaizante. Por outro lado, desprezou sobranceiramente toda a rica bibliografia sobre os processos contra judaizantes portugueses, instaurados na América espanhola.

(Continua)

VER E AGIR

Por ROCHA DE SOUSA

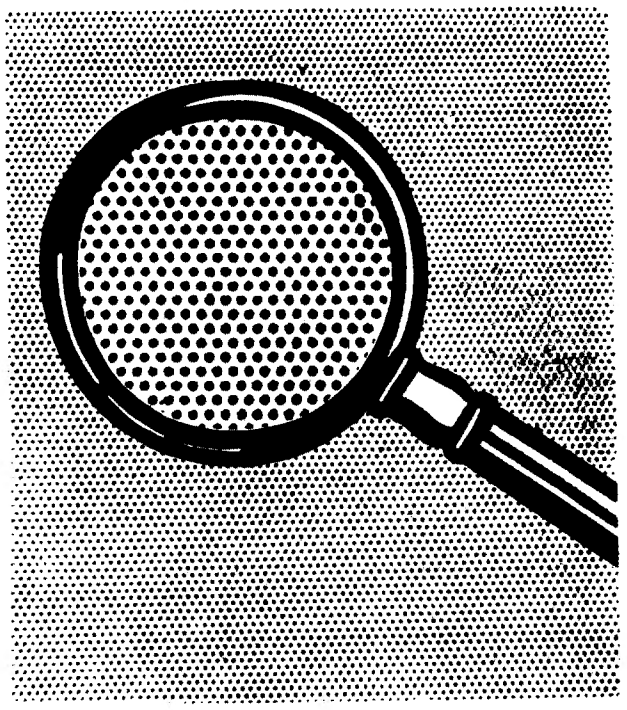


TEM-SE TORNADO evidente, nos ultimos anos, que a produção artística portuguesa, nomeadamente no campo da pintura, ganhou uma singular dilatação ao nível das quantidades e vem revelando um numero significativo de novos autores cujas preferências estéticas, determinadas por vezes em objectos de qualidade assinalável, referem imediatas assimilações da linha respectiva do pensamento contemporaneo. Um conjunto de circunstancias, dentro e fora do país, contribuiu para uma quase consolidação dessa realidade, paralelamente á rápida expansão no mundo actual das vias e meios de comunicação. A importancia desses factores, tanto os de origem interna como os de origem externa, já foi aqui aflorada quando esteve em causa o significado da produção artística portuguesa dos nossos dias, a sua mobilidade expansiva nos ultimos anos e as relações de mercado entretanto desenvolvidas. Chegará o momento, para além disso, em que será necessário sobretudo formular diferentes tipos de balanço, em particular numa zona de incidências culturais, na apreciação crítica do verdadeiro significado dos objectos á face dos conteudos que revelam a vida da comunidade. A obra de arte tem uma existência própria e é sobre essa existência que a nossa indagação crítica primeiramente se tece, mas qualquer itinerário de análise terá de articular (senão nas conclusões, pelo menos ao nível do reconhecimento) os contactos mais ou menos nítidos estabelecidos entre o objecto artístico e o meio onde tal objecto surgiu.

UMA FORMA DE VER E DE AGIR

Em Portugal, perante as crises de um crescimento irregular, a quantidade da produção artística corresponde-se em certa medida com a diversidade, bastante menos com a qualidade, e menos ainda com a originalidade. Uma certa colonização cultural a este nível impede a descoberta das nossas próprias realidades e do seu significado, favorendo sobretudo o encontro de uma imagística onde a ambiguidade dos signos escapa à nossa própria perspectiva cultural, referindo-se epidèrmicamente a estruturas de obras já criadas e não a qualquer reflexão ou a qualquer estudo sobre os fenómenos que de mais perto feriram (e ferem) a consciência do artista. A mobilidade visual do artista português (ou seja, também, a sua educação e a sua capacidade crítica) dirigem-lhe o empenho para o domínio das exposições internacionais e das revistas da especialidade e só muito raramente o vinculam ao seu próprio mundo — a uma demorada circulação pela paisagem dos sinais típicos definidores do seu universo. Assim, é toda uma cultura que ele recusa, mais por incapacidade ou desvio do que por ceticismo, e isso leva-o a cavar a sua própria segregação, um isolamento de que não tem exacta consciência por se jogar num destino apaixonada e apressadamente construído sobre os reflexos de um europeísmo oblíquo.

Entre os artistas mais velhos, considerando os casos que resistiram á acção do tempo e portanto à evolução dos próprios conceitos críticos, é muitas vezes possível encontrar a permanência de outros valores — os que, dramàticamente enraizados no horizonte cultural mais próximo, conferem à obra um significado muito denso, um desespero solitário,



uma subterranea identificação com as flutuações do nosso temperamento e da nossa memória. Datados no plano da resolução formal, aparentemente contrários aos apelos mais urgentes da nossa visão, alguns desses artistas podem hoje ser redescobertos à luz de uma nova exigência, ao cabo de uma leitura que pretenda mergulhar em profundidade na obra, para além da fronteira geográfica das imagens, relacionando os factores que implícitamente testemunham a experiência pessoal de um meio, de um tempo, de um modo de ser e de uma cultura. Ao contrário, a grande maioria dos artistas portugueses actuais, esforçando-se por corresponder às solicitações de mercado, contraíndo os tiques de uma sociedade indefinida e mimética, assumindo epidèrmicamente os *modos* de que tem notícia indirecta, produz objectos que se transformam e diversificam ràpidamente, aceita a própria degeneração operada pelo consumo e furta-se, em geral, a persistir numa pesquisa demorada sobre as estruturas da linguagem e os factores externos que a afectam. Na nossa produção artística actual, apesar da truculência dos últimos anos e salvo algumas excepções dignificantes, é difícil reconhecer-se uma reflexão implícita ou explícita sobre a realidade portuguesa e a perspectiva de civilização em que ela se inscreve. Apesar das indagações de vanguarda que entre nós se têm formulado, gerando por vezes obras de real interesse, os nossos artistas agem como se permanecessem de todo em todo alheios às próprias crises do pensamento contemporaneos. As usas obras dirigem-se de preferência a uma integração nos esquemas do gosto e do consumo dominantes e só raramente propõem a movimentação polémica das ideias, a revolução do gosto ou da cultura, a expansão de novas estruturas de comportamento. Ligando-se sobretudo a uma arte que se volta para dentro de si própria, fechada na sua especificidade, esses artistas renunciam a uma arte aberta ao exterior, capaz de reflectir e testemunhar o destino dos homens sem se desgradar, mostrando-se sensível aos problemas sociais e às crises ideológicas do nosso tempo.

PERCEBER, CONHECER E AGIR

É normal colocar-se o problema de uma aprendizagem do ver apenas ao nível do público. A educação do espectador tem de ser feita nesse sentido das formas mais diversas e começar naturalmente na própria escola, desde muito cedo. Mas o artista deverá ser também envolvido nesse processo, o que quer dizer que básicamente ele necessita de um exercício visual sempre renovado, de uma prática crítica intensa, de uma mobilidade de opção culturalmente rica e dirigida aos fenómenos que o rodeiam. A realidade, como *objecto* que constantemente se propõe ao campo da operacionalidade criativa, é ela própria movente e esquiva. «Da insuficiência da mente e da permanente mobilidade do próprio real — em certo sentido jamais igual a si próprio — resulta que se não pode postular a existência da verdade absoluta, movente que o constitui (1).» A atre é uma forma de aproximação desse conhecimento relativo, também uma forma de pesquisa em torno do «ser do real» determinada por técnicas específicas e íntimamente ligada à realidade da visão entendida na sua acepção mais lata. «O real, embora firmemente radicado fora de nós, como se prova pela sua existência sensível, é sempre realidade que se nos representa. Tal representação sucede ou transformar-se consoante a aparelhagem física e mental que serviu de mediação. O conhecimento do real não só aumenta, como progride, visto que em cada nível, a representação geral do mundo e do homem sofre uma transmutação a que corresponde mais firme adequação da consciência ao ser do mundo. Conhecer é como que operar por meio de duas sondas, em acção concomitante, no seio do real — a sonda sensível e a sonda mental. Qual delas é a que penetra mais fundo? A segunda, sem ponta de dúvida. Do que, porém, se não pode duvidar, é que a aparelhagem mental depende, por sua vez, duma mediação sensível. Daí não ser lícito rejeitar o empirismo ou negar a força da imagem na representação do real (2).» Esta reflexão de Alberto Ferreira ajuda-nos a compreender que o artista, ao procurar apropriar-se dos aspectos da realidade — uma verdade que se lhe furta em aparências só ilusòriamente contínuas — se socorre, como noutros domínios, da medição sensível e da mediação mental, inscrevendo os resultados do respectivo conhecimento na representação que ao corpo físico do objecto artístico se condiciona. Ao espectador propõe-se uma leitura dessa representação e portanto desse conhecimento, o que implica o aperfeiçoamento constante dos meios de ordem sensível e mental que determinam e enriquecem essa leitura. Mas o artista é ao próprio real que se dirige, quer ao nível das aparências, quer ao nível do seu significado mais concreto ou mais profundo, o que por seu turno pressupõe que a visão de tal *leitor-operador* se encontre cultivada, ou seja: capaz de se situar pluralmente e críticamente perante a mobilidade incessante das aparências. Não é apenas a percepção, tomada no seu sentido mecanico, que conta para a formação de noções sobre aquilo que interessa conhecer no itinerário do nosso destino. A obra de arte reflecte essas noções e esse destino, mesmo quando aparentemente hostil à sua apreensão e fixação. Mas «os nossos conhecimentos provêm de uma acção global de que a percepção apenas constitui a função de sinalização (3).» A visão do artista (para nos reportarmos apenas ao caso que nos interessa) não repousa apenas nos dados da percepção, mas alarga-se ao domínio das noções que transcendem as simples recolhas visuais: «O espaço nocional é essencialmente operatório, isto é, introduz sistemas de transformação onde a percepção se limita a estruturas estáticas empobrecidas; ora as transformações têm a sua origem nas acções (que englobam as percepções sinalizadoras) e não nas próprias percepções. E por isso a noção é irredutível a simples abstracções e generalizações a partir do dado perceptivo: ela deriva essencialmente de construções e de construções desde o início ligadas à própria acção (4).»

SENTIDO E VALOR DA ACÇÃO

Assim se pretende advogar, para o artista, uma real dilatação do seu campo de visão — e paralelamente definir esse campo de visão como zona sensível e mental onde todas as percepções se estruturam, como uma realidade em permanente construção, tão necessária à leitura dos seres e das coisas como a noção particular de leitura de uma determinada obra de arte. Esse campo de visão, que decorre de uma

Cont. na pág. 6

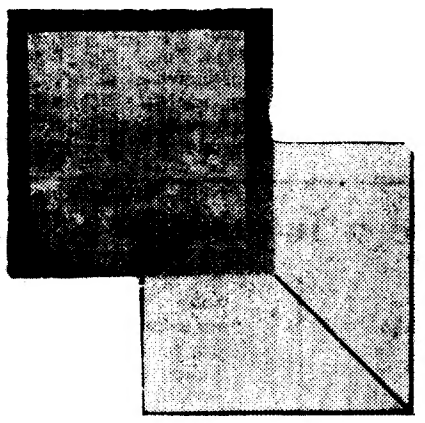
AUTORES DE HOJE

GRAÇA ANTUNES

NASCEU em Vila Franca de Xira em 1946. Diplomada com o Curso Complementar de Pintura da E. S. B. A. L. Participou nas seguintes exposições colectivas: 1967: concurso de tapeçarias da Fundação Calouste Gulbenkian. 1969: Exposição de Artes Plásticas do Banco Português do Atlântico. 1969 e 1970 III Salão de Arte Moderna de Luanda. Exposição colectiva na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. Exposição Mobil de Arte. 1971: Exposição Novos Autores na Galeria Judite Dacruz.

Realizou a sua primeira exposição individual em 1971, na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. e foi integrada num dos conjuntos da Galeria Permanente do mesmo Organismo. Especializou-se em gravura em 1969 e foi bolseira da Fundação Gulbenkian entre 1967 e 1969. Obteve na E. S. B. A. L. alguns dos prémios aí instituídos para alunos bastante qualificados, tendo participado em exposições de trabalhos escolares.

A obra já esboçada por Graça



Antunes revela uma sensibilidade muito peculiar e formula-se em virtude de uma apreensão da dimensão lírica do surrealismo, das técnicas actuais que à geometria e ao número vão buscar uma importante disciplina operatória, apelando ao mesmo tempo para signos que propõem uma redescoberta poética da infância.